

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290002739



FE

TCC/UNICAMP L934d

DEPREDAÇÃO: REBELDIA E RESISTÊNCIA NA ESCOLA

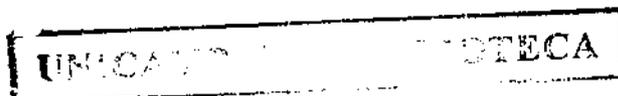
ROSANE SANTICIOLI LOURENÇO

ORIENTADORA PROFA. DRA. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

Campinas

2005

1290002739



UNIDADE.....	F.E
Nº CHAMADA:	
100 UNICAMP	
1934d	
V:.....	
TOMBO	2485
PROC.	123/2005
C:.....	X
PREÇO:	
DATA:	24/03/06
Nº CPD:	351234678

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L934d	<p>Lourenço, Rosane Santicioli. Depredação : rebeldia e resistência na escola / Rosane Santicioli Lourenço. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p>Orientadores : Áurea Maria Guimarães. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Vandalismo na escola. 2. Violência escolar. 3. Disciplina escolar. I. Guimarães, Áurea Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>05-232-BFE</p>
-------	--

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPREDAÇÃO: REBELDIA E RESISTÊNCIA NA ESCOLA

ROSANE SANTICIOLI LOURENÇO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial para  
a conclusão curso de Pedagogia da  
Faculdade de Educação da UNICAMP, sob  
orientação da Profa. Dra. Áurea Maria  
Guimarães.

Campinas  
2005

---

Profa. Dra. Áurea Maria Guimarães  
Orientadora

---

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado  
Segundo Leitor

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, aos estudantes da EMEF pesquisada. Suas falas e ações foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

À direção e alguns colegas de trabalho que, como eu, almejam uma escola mais significativa aos jovens alunos.

À minha orientadora Áurea M. Guimarães.

À minha família por compreender as minhas ausências.

À Priscila K. Corrêa, minha amiga de classe, pelas dicas e grandes ajudas.

À todos, o meu muito obrigada!

## **Resumo**

Este trabalho aborda o tema da depredação escolar, trazendo à tona situações de violência ocorridas em uma escola municipal da cidade de Campinas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou o estudo de caso como procedimento metodológico na coleta dos dados.

Buscou-se, a partir das teorias de Michel Maffesoli, de Áurea M. Guimarães e das falas daqueles que faziam parte do cotidiano escolar, principalmente as dos estudantes, refletir sobre os quebra-quebras e pichações que aconteciam diariamente na instituição.

Considerando a violência em sua ambigüidade, ou seja, como um fenômeno que destrói, desestabiliza uma ordem vigente, e ao mesmo tempo, constrói novas idéias e situações, foi possível compreender algumas das ações violentas dos estudantes como resistência e rebeldia às regras impostas pela instituição escolar.

Assim, a pesquisa possibilitou repensar a instituição escolar e o papel do educador junto a ela e aos alunos.

**Palavras-chave:** Depredação escolar - Violência - Resistência

## **Gentileza**

*Apagaram tudo  
Pintaram tudo de cinza  
A palavra no muro  
Ficou coberta de tinta*

*Apagaram tudo  
Pintaram tudo de cinza  
Só ficou no muro  
Tristeza e tinta fresca*

*Nós que passamos apressados  
Pelas ruas da cidade  
Merecemos ler as letras  
E as palavras de Gentileza  
Por isso eu pergunto  
A vocês no mundo  
Se é mais inteligente  
O livro ou a sabedoria*

*O mundo é uma escola  
A vida é o circo  
Amor palavra que liberta  
Já dizia o profeta*

**Marisa Monte**

## **Sumário**

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo I - Histórico da EMEF Zeus</b>	<b>10</b>
• Localização e funcionamento	10
• Espaço físico	10
<b>Capítulo II – Metodologia</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo III - Referencial teórico</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo IV - A depredação na EMEF Zeus</b>	<b>18</b>
• A função da escola	19
• Uma escola visivelmente desagradável	21
• A falta de funcionários	24
• A emoção de estarem juntos	26
<b>Capítulo V- A escola dos sonhos dos alunos</b>	<b>32</b>
<b>Conclusão</b>	<b>37</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>40</b>
<b>Anexos</b>	<b>42</b>

## Introdução

A escola (...) não existe como uma coisa fixa, parada, imutável. (...)Ela não é estática nem intocável. A forma que a escola assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação, que é continuamente impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e tentativas alternativas.

Cuidado, Escola!

Há tempos, a depredação escolar vinha suscitando em mim algumas indagações que me faziam perguntar diariamente o que estava acontecendo de errado na escola onde trabalho há mais de cinco anos. O que fazia com que seus alunos quebrassem mobiliários, portas, carteiras, bebedouros, armários, banheiros e outras coisas que eram necessárias para eles mesmos? Seria apenas vandalismo? Seria, como alguns professores diziam, falta de educação familiar? Ou seria um sinal de alerta, um grito de socorro para que, nós educadores, acordássemos e pensássemos na possibilidade das escolas também estarem produzindo sua própria violência e indisciplina.?

Questões como essas culminaram no desejo de investigar tal situação para buscar algumas reflexões sobre a depredação ocorrida numa Escola Municipal do Ensino Fundamental (EMEF). O objetivo geral desta pesquisa foi buscar compreender o que alguns alunos estariam querendo nos dizer com os quebra-quebras e as pichações.

Uma de minhas hipóteses era a de que a depredação ocorrida na escola era resultado da resistência dos alunos perante às aulas dadas e ao modo como os profissionais que nela trabalham os tratam, os consideram. Acreditava que os quebra-quebras e pichações não eram sinais de vandalismo e sim de que algo não estava indo bem na instituição escolar. Supunha também que a contratação de um inspetor de alunos ajudaria na resolução do problema da depredação.

Eu esperava que o estudo trouxesse à tona reflexões que realmente me auxiliassem na busca da apreensão da realidade investigada e, assim, me fosse possível começar a pensar a construção de uma escola em que os alunos fossem

compreendidos nas suas manifestações e, nós educadores, pudéssemos pensar sobre algumas formas de fazer com que eles expressassem seus sentimentos e idéias sem precisarem, por exemplo, depreder a instituição escolar.

Compreendo que a pesquisa jamais dará conta de resolver os problemas da depredação escolar definitivamente, mas ela pode suscitar muitas idéias em torno da questão, despertando os educadores, alunos e todos os envolvidos com a comunidade escolar para esta realidade e buscando formas alternativas de ação. E foi o que ela proporcionou.

Este trabalho pretende mostrar o resultado de uma pesquisa qualitativa sobre depredação escolar que utilizou o estudo de caso como procedimento metodológico na coleta dos dados.

Primeiramente será apresentado um breve histórico da instituição pesquisada para que o leitor obtenha o maior número de informações possíveis, a fim de compreender algumas reflexões e discussões que serão feitas em outros capítulos.

Em seguida teremos um capítulo que mostrará a metodologia utilizada e os motivos que levaram a esta escolha.

No capítulo "Referencial teórico" apresentarei algumas idéias de Michel Maffesoli referentes à violência que me auxiliaram nas reflexões sobre este fenômeno e sua dinâmica na instituição educativa.

No capítulo "A depredação na EMEF *Zeus*" apresentarei as minhas reflexões sobre os quebra-quebras e pichações que ocorrem diariamente na escola onde trabalho como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Já no penúltimo capítulo, elencarei algumas das "propostas" apresentadas indireta ou diretamente pelos alunos nas entrevistas e conversas informais e que deveriam ser levadas em consideração pelos profissionais da escola *Zeus*, pois mostram alguns caminhos para a construção de uma instituição mais interessante, mais significativa para eles.

Por último demonstro a conclusão de minha pesquisa, expondo algumas reflexões que fiz durante o processo investigativo e no que elas culminaram.

## Capítulo I: Histórico da EMEF Zeus\*

### Localização e funcionamento

A escola pesquisada foi fundada em 1981 na região sudoeste do município de Campinas e atende aproximadamente 1750 alunos da periferia, distribuídos em quatro períodos: 7h às 11h; 11h às 15h; 15h às 19h e 19h às 23h. Possui salas de 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental e de Educação de Jovens e Adultos I (FUMEC) e II (supletivo de 5ª à 8ª série).

Ela conta com uma diretora, duas vices, dois secretários, uma orientadora pedagógica, 6 serventes, 6 merendeiras, 75 professores e dois vigias. Não há inspetor de alunos apesar do grande número de alunos que frequenta a escola. Segundo a direção, o inspetor lotado para a escola está de licença médica e devido a problemas burocráticos, não se pode contratar outro.

### Espaço físico

A escola começou com quatro salas e, com o aumento da demanda devido à invasões locais de sem tetos e crescimento dos bairros, hoje possui catorze. A escola também está equipada com cozinha, refeitório, um laboratório de informática, uma brinquedoteca e uma biblioteca.

Devido ao grande número de alunos e às ampliações da escola serem feitas quase sem planejamento, ela enfrenta sérios problemas em relação à falta de espaço. A quadra, por exemplo, já teve que ser dividida entre os quatro professores de Educação Física. Há pouco tempo foi feita uma menor para que os alunos tivessem mais espaços para fazerem suas atividades, porém não foi suficiente, pois as salas possuem, em média, 36 alunos.

Os estudantes, principalmente os das séries iniciais do Ensino Fundamental, não possuem espaço para brincar, pois a escola tem salas de aula distribuídas por todo o espaço. Como já foi dito, faltou um melhor planejamento quando houve as ampliações. Para se ter uma idéia, as três últimas salas de aula foram feitas num espaço ao lado da quadra e devido ao barulho das aulas de Educação Física como

---

\* Os nomes dos entrevistados, das escolas e dos bairros mencionados neste trabalho foram modificados com o intuito de preservar suas identidades.

apitos, gritos etc, fica inviável trabalhar muito próximo desse lugar. Para resolver, ou melhor, amenizar o problema, o Conselho de Escola foi reunido e decidiu montar a biblioteca e a brinquedoteca nas salas, contrariando a vontade da Secretaria da Educação de fechar uma sala no período de maior barulho que é o da manhã.

Na escola pesquisada também não há um lugar específico para as aparelhagens de som e imagem, pois até os menores espaços onde eles poderiam ser guardados foram transformados em sala de aula. Também não há espaço para fazer o Trabalho Docente Individual (TDI) cujo objetivo é atender aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou aos pais que necessitam conversar com os professores. Por mais que os professores combinem em fazer esses atendimentos em dias diferentes, sempre tem alguém procurando um canto para atender seus alunos ou pais. Algumas vezes foram vistos alguns professores e alunos sentados ao lado dos lixos amontoados pelo pessoal da cozinha desenvolvendo seus trabalhos de reforço escolar.

Também são muitas as dificuldades para desenvolver projetos, pois, na maioria das vezes, há uma necessidade de espaços específicos para reunir o grupo de trabalho e eles não existem. Uma das alternativas foi pedir emprestado o salão da igreja, que fica ao lado da escola, para aulas de coral, de dança, pois não havia ambiente para essas atividades.

A instituição já está há anos, segundo alguns professores, numa lista de espera para ser reformada. Porém, mesmo com tantos problemas que vão desde a precariedade dos banheiros até o tamanho da cozinha que continua o mesmo, desde quando a escola possuía quatro salas, não há prioridade dos órgãos competentes em relação a necessidade da reforma da escola.

## Capítulo II: Metodologia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa (HAGUETTE, 1990, p.17) que utilizou o estudo de caso (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17 à 24) como o procedimento mais adequado para estudar um fenômeno singular, ou seja, a depredação efetuada por alunos em uma unidade significativa, a EMEF Zeus.

O estudo deste caso singular proporcionou descobertas que me fizeram, como pesquisadora, entrar em constante conflito em relação às hipóteses, proporcionando a elaboração de novas idéias e indagações, como também contribuiu para interpretações que foram feitas a partir da vivência no contexto estudado. Entendemos, como Lüdke & André (1986, p.19) que *"(...) para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionados à situação específica onde ocorrem(...)"*

As técnicas utilizadas na investigação foram: observação participante (HAGUETTE, 1990, p.58-68) e entrevistas semi-estruturadas (THIOLLENT, 1980, p. 35) que foram gravadas junto a alunos das 5<sup>as</sup> às 8<sup>as</sup> séries, e também professores, coordenadores, guardas e diretora . Elas foram utilizadas com o intuito de coletar os dados que auxiliaram no entendimento da depredação, nessa escola, proporcionando uma convivência e um relacionamento maior com os alunos dessas séries. Como Menga e Marli (1986, p.12) escrevem *"(...) as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem."*

Além das observações e questionamentos aos alunos deste ambiente, também foram investigados, como já foi citado acima, os seus professores e outros funcionários que se relacionam direta e indiretamente com estes jovens de 5<sup>as</sup> às 8<sup>as</sup> séries. Acreditávamos que, ao conhecer todo o ambiente escolar, observando as ações, os comportamentos, as interações entre as pessoas, poderíamos compreender os sinais que os alunos expressam cotidianamente quando depredam o prédio da escola, também fazer reflexões e comparações entre suas falas e as ações e falas dos educadores e de outros entrevistados. Nessa perspectiva, concordamos com as palavras de Menga Lüdke e Marli E.D. A. André (1986, p.26) ao afirmarem que:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da "perspectiva dos sujeitos", um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

A escola sendo vista como um espaço em constante conflito devido às interações entre diferentes idéias, "*entre jovens e instituições do mundo adulto, deve ser investigada e submetida à crítica.*" (SPOSITO,2001,p.101). E foi isso que se pretendeu fazer! Foi a partir do estudo de caso da depredação escolar na EMEF Zeus que refletimos sobre os sinais dos alunos que, acreditávamos, queriam nos dizer algo sobre o como a escola, os professores os tratam. "*A compreensão das relações entre a escola e as práticas da violência contra o patrimônio passam pela reconstrução da complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola.*" (SANTOS,2001,p.113)

### Capítulo III: Referencial teórico

O objetivo desta pesquisa é compreender as atitudes, muitas vezes consideradas violentas, de alunos de 5<sup>as</sup> às 8<sup>as</sup> séries de uma escola municipal da cidade de Campinas, onde trabalho. Considero que essas ações podem estar ocasionando as freqüentes depredações ao prédio escolar. Foram as obras de Michel Maffesoli, referentes à violência, que me auxiliaram a refletir sobre esse fenômeno e sua dinâmica na instituição educativa.

Portanto, a finalidade específica deste capítulo é destacar alguns aspectos do pensamento deste autor que possam contribuir para a investigação da depredação escolar, no sentido de saber até que ponto esse tipo de violência pode se caracterizar como um sinal de crítica, de resistência que responde ao modo como a escola vê e trata os alunos. Conforme Angel Pino Sirgado, no livro de Sheila D. Medeiros dos Santos (2002,s.p), *"Na medida em que a violência tem a ver com a violação dos limites estabelecidos pela sociedade, ela é um problema da ordem social de duas maneiras: como fator desestabilizador e como questionamento dessa ordem."*

Michel Maffesoli (1987,p.29), em seu livro **Dinâmica da Violência**, discute, dentre outros assuntos, a violência como um fenômeno que ao mesmo tempo que destrói, desestabiliza uma ordem vigente, constrói novas idéias e situações. Como o próprio autor diz, a violência deve ser compreendida na sua ambigüidade, pois, *"(...) por um estranho fenômeno de inversão, o que é aparentemente do plano da destruição, do plano da desagregação (a violência) vem fecundar, desorganizando-a, a rigidez mortífera de uma estruturação social perfeitamente codificada e normatizada."*

O caráter ambíguo da violência é discutido por Maffesoli(1987) quando apresenta as violências "institucional", "anômica" e "banal". Sobre a primeira, o autor a caracteriza como sendo a "violência dos poderes instituídos", ou seja, de órgãos burocráticos, do Estado, do Serviço Público, das instituições em geral, entre elas, a escolar. Esse tipo de violência, ao tentar homogeneizar as ações das pessoas, acaba ocasionando a exacerbação da violência cotidiana, pois existe um "querer-viver-coletivo" que se opõe a esse poder totalitário. *"Quanto maior for o alcance da uniformização, maior brilho terá a violência. A homogeneização faz desaparecer a coesão do social, esvaziando a socialidade de sua força, de sua potência e*

***conduzindo a sobressaltos violentos*** [grifos meus] (MAFFESOLI apud GUIMARÃES,2005,pp.10-11)

Essas atitudes violentas podem expressar uma crítica e uma negação à essa situação de dominação, de construção, como Maffesoli denomina, de "*um projeto totalitarista*" (MAFFESOLI apud GUIMARÃES,2005,p.11). Os indivíduos se juntam simplesmente pelo prazer de estarem em grupo, ou em suas tribos.

A "violência anômica", é considerada pelo autor como sendo "fundadora" porque ao "explodir", questiona a ordem vigente e busca a construção de uma nova ordem, ou de uma estruturação social alternativa, afinal

(...) seu prazer de destruir é sempre a garantia de um desejo de construção, pois o que está em questão para uma parte, na dissidência, é a paixão da verdade, é a passagem de uma desordem existente, ou de uma ordem degenerada, a uma ordem nova ou regenerada(...) (MAFFESOLI, 1987,p.26)

Como Maffesoli (1987,p.126) explicita em sua obra, "*Convém, pois, afirmar que o querer-viver social resiste de mil modos às imposições do poder(...)*". Portanto, não adianta colocar em prática meios de controle, suprimindo todas as diferenças, todos os conflitos, pois ações autoritárias são incapazes de amenizar ou acabar com atitudes violentas. Desta forma, "*(...) frente a um complexo institucional, que tende a igualar, a imobilizar as diferenças, a achatar e a planificar a vida social e a sua riqueza concreta, existe uma série de atitudes que tendem a, senão quebrar, pelo menos desviar destas diversas imposições.*" (Ibid.,p.127).

Como se observa, a partir do momento em que uma atitude é considerada resistência, novos pensamentos são construídos e outros são questionados. Tal atitude, como Giroux (1986,p.146) afirma, "*redefine as causas e o significado do comportamento de oposição(...)*". Importante destacar também que os comportamentos violentos têm como característica ritualizar certas ações que culminam num sentimento de luta entre opostos. Como Guimarães(2005,p.15) cita em uma de suas obras, "*(...) o ritual permite que, de maneira simbólica, haja o desenvolvimento de forças tanto agregadoras como antagônicas (incluindo-se aí a perda, os desgastes, os conflitos, os excessos) sob todas as suas formas.*"

Os grupos que ritualizam os comportamentos de resistência, de crítica ao que está sendo imposto pelo poder instituído sempre acabam prejudicando a

"harmonia social" tão almejada pelos indivíduos e pelos órgãos institucionais. Importante destacar que essas ações não se resumem em atitudes violentas, mas também em risos, em palavras, silêncios, tagarelices, fofocas.

(...) a fala é perigosa para o instituído: repelindo, exprimindo o que é instituído, ela o coloca em perigo.(...) ela abre o caminho, a troca sem fim, à circulação das idéias e das informações(...).As falas permitem a troca, as manifestações de alegria, de pena ou de angústia(...) (MAFFESOLI,1987,p.58-64).

Do mesmo modo que a fala e outras atitudes consideradas agressivas podem demonstrar resistência, revolta, a passividade perante os acontecimentos cotidianos, também pode expressar um descontentamento diante das imposições dos poderes instituídos. Essa passividade, esse aparente conformismo são características do terceiro tipo de violência apresentada pelo autor Michel Maffesoli (apud GUIMARÃES,2005,p.16), a "violência banal". "*(...) o conformismo da massa pode ser a expressão de uma duplicidade pois, ao invés de usar o ataque frontal, a sua estratégia é a da prudência e a da astúcia para enfrentar as imposições do controle social.*"

É preciso compreender que essa resistência passiva se manifesta por meio de um jogo duplo, ou seja, ao mesmo tempo que se distancia, há um movimento de aparente proximidade ante às imposições ditadas pela planificação social. Há um desejo de "querer-viver social" que busca, através de atitudes que proporcionam a emoção do "estar junto", a sobrevivência a tudo aquilo que tende a planificar. Como Guimarães(2005,p.17) mostra, "*Pouco importa o conteúdo destas ações; é o desejo coletivo que deve ser levado em conta, possibilitando a solidariedade nos sofrimentos e nas resistências.*"

A "violência banal" representa, então, uma resistência na qual está implícito o desejo do "estar junto", de compartilhar idéias, sentimentos através de atitudes que não apresentam uma finalidade aparente. Esses desejos coletivos podem se manifestar em festas, em momentos de pichações, de grafitagens e em tudo mais que represente a partilha de idéias, de emoções.

Ao apresentar esses três tipos de violência, Maffesoli procura mostrar que é a conexão entre esse duplo movimento de destruição e construção que se

desorganiza as ordens codificadas e normalizadas e se fecunda uma ordem nova ou regenerada.

## Capítulo IV: A depredação na EMEF Zeus



A rotina da EMEF Zeus é permeada pelos seguintes acontecimentos: crianças procurando carteiras e cadeiras para se sentarem, professores reclamando de armários arrombados, cartazes destruídos, lousas, paredes e mesas pichadas, portas com as fechaduras arrombadas ou danificadas e outros acontecimentos que causam insatisfações de professores e muitos alunos. Tais situações despertaram o meu interesse em entender o que se passa na cabeça dos jovens que estudam nos períodos da tarde e noite para que eles tenham essas atitudes que causam tantos problemas.

Diante desta realidade, resolvi observar mais de perto tanto os alunos quanto seus professores para tentar compreender melhor e refletir sobre a depredação ocorrida na escola. Nesta pesquisa, procurei focar as entrevistas e conversas informais com os alunos, principalmente aqueles citados por alguns professores como sendo autores das depredações e pichações. As conversas e entrevistas com alguns educadores, direção, funcionários e orientadora pedagógica também contribuíram para as minhas reflexões.

Com base nos materiais recolhidos em minha pesquisa de campo e estudo das teorias de Maffesoli e Guimarães que discutem a violência, pretendo apresentar algumas dessas reflexões partindo de pontos chaves como a função da escola Zeus para os seus alunos, a infra-estrutura do prédio, o número insuficiente de funcionários para uma escola com uma quantidade grande de estudantes e, por fim,

o prazer de alguns estudantes de "estarem juntos" partilhando idéias e emoções durante os quebra-quebras.

### A função da escola

Ao conversar com os alunos sobre o que a escola representa para eles, percebo que a maioria deles a vê como um lugar de preparação para o mercado de trabalho, auxiliando na formação de indivíduos que sejam capazes de conseguir um emprego. Segundo *Eros*, um dos alunos entrevistados, a função da EMEF *Zeus* é: "*Ah, me preparar para o futuro, me ajudar pra ser melhor, procurar emprego (...)*". Um outro, *Ares*, diz: "*É, se ele não tiver estudo, não arruma emprego, serviço (...)*".

Desta forma, os alunos acabam vendo a instituição escolar apenas como um espaço que prepara para o futuro, para o trabalho. Não a vêem como um lugar que também deve propiciar situações em que se discuta o presente, a vida dos alunos, seus desejos, suas idéias. Porém, em algumas de suas falas sobre "a escola dos sonhos" ou "como a escola poderia ser para se tornar mais interessante", eles deixam transparecer o desejo por uma instituição que seja muito mais do que um espaço de formação de trabalhadores. A aluna *Ártemis*, por exemplo, fala: "*(...) Professor que é chato ser mais legal com os alunos, conversar com os alunos(...)*". Outro diz que:

(...) Todo mundo... tipo, se cada um aprendesse a fazer grafite, a escola ia ficar mais bonita. Também se abrisse a escola de sábado e domingo pra gente ter um lazer, também a escola podia ser muito mais interessante. (*Hefesto*)

Há, portanto, um distanciamento entre a função que a escola está desempenhando atualmente e a que ela poderia desempenhar para se tornar mais interessante, mais significativa para os alunos. Há também comentários a respeito da estrutura física do prédio quando os estudantes são indagados sobre a "escola dos sonhos", mas serão apontados e discutidos mais adiante.

Sobre o papel da escola na vida dos alunos é importante salientar que ela jamais poderá ser vista, pensada como uma instituição desvinculada da comunidade que a cerca. A escola é, neste sentido, "*(...) um espaço de permanente conflito e*

*contradição onde se articulam histórias locais, pessoais e coletivas.*"(Santos,2002,p.199). É preciso, assim, pensar um trabalho em que os alunos vejam a escola não somente como um local que prepara para o trabalho, para o futuro e sim um lugar em que eles tenham prazer, aprendam a compreender a sua vida presente e sua relação com o mundo.

Quando os profissionais da educação não querem ou não conseguem "enxergar" a escola como uma instituição que integre a vivência que os alunos trazem de casa, estes mesmos estudantes acabam buscando diversas formas para serem ouvidos e vistos, mostrando suas resistências, rebeldias e aspirações. Dessa forma, a escola, sendo um dos órgãos do governo, busca sempre uma "harmonia social" através da imposição de suas idéias. Contudo, os grupos que ritualizam os comportamentos de resistência, de crítica ao que está sendo imposto pelo poder instituído sempre acabam prejudicando essa planificação tão almejada através de atitudes violentas ou não. Assim,

(...)passamos da violência do poder institucional sobre as pessoas para a violência das pessoas sobre este poder, que pode se apresentar não só de modo brutal mas também passivamente, revelando uma resistência que subverte o instituído sem confrontá-lo abertamente. (GUIMARÃES, 2005,p.49)

Alguns estudantes e professores, ao conversarem comigo, comentam sobre alguns acontecimentos que geram revolta e resistência em certos alunos que, na maioria das vezes, resultam na depredação do prédio escolar. Uma professora, por exemplo, acredita que a depredação na escola *Zeus* se dê:

Por causa do adolescente não participar. Tudo lhe é tirado: ele não tem vez... é exercida uma autoridade, assim... depredadora, que depreda a personalidade humana. Então, ele só tem uma única forma de responder que é deixando as suas marcas. Então ele picha, ele chuta, ele faz barulho: "Olha eu aqui!". Ele diz: "Olha eu aqui pra ser cuidado e não pra ser julgado". Ele é forte, é poderoso, eles são grandes turmas, eles falam alto, eles são alegres. E a gente vai ficando assim com essa cara de bobo, com essa cara de "que que eu faço da minha vida se eu só sei dar aula?" (risos) (*Hera*)

Há também, quanto a esse aspecto, o depoimento de um aluno, o *Cadmo*: **"Eu acho que os alunos não têm divertimento. Quando a Dona fica brigando com eles, eles vão lá e ficam descontando na escola, ficam quebrando as telhas e sujando toda a escola. Ficam com raiva da Dona e descontam na escola."** [grifos meus]

A diretora também comenta sobre a função que a escola está desempenhando e o que a instituição pode fazer para se tornar mais significativa aos alunos. Segundo ela:

(...) ao mesmo tempo que a escola agrada, a escola desagrada. A escola agrada no espaço dela, a escola agrada enquanto instituição e desagrada enquanto sala de aula. Então a gente precisa refletir muito isso, né? Quer dizer, por que que o aluno adora a escola e odeia a aula? A gente precisa ter uns momentos de reflexão em cima disso. Principalmente os alunos de 5ª a 8ª, eles amam vir à escola, mas odeiam ficar dentro da sala de aula. Porque a gente precisa cair na real que as nossas aulas estão chatas, que a gente não está ensinando o que eles querem aprender, tem coisas que a gente tem que aprender, mas há formas e formas de se ensinar(...)

Enfim, refletir sobre o que os alunos pensam a respeito da função da escola na vida deles e relacionar estes pensamentos à escola de seus sonhos, a uma escola mais interessante, possibilita alguns entendimentos do porquê de algumas atitudes agressivas ao prédio escolar. Outros aspectos, entretanto, despertam para outras reflexões sobre a depredação na EMEF *Zeus*. Um deles é a própria infraestrutura do prédio.

#### Uma escola visivelmente desagradável

Diariamente, a escola pesquisada vem recebendo críticas por parte de todos que a freqüentam em relação à sua infra-estrutura, pois além dela ter sido ampliada no decorrer dos anos quase sem planejamento, não recebeu nenhuma reforma que fizesse com que sua aparência se tornasse mais agradável e o ambiente mais adequado aos trabalhos desenvolvidos na instituição.

Como já foi citado no Capítulo 1, não há espaços adequados para as crianças brincarem, para o desenvolvimento de alguns projetos imprescindíveis à formação do educando, ou mesmo para reuniões com as famílias dos alunos, etc. Todo o espaço que a escola tinha foi preenchido com construções e novas salas de aula. A biblioteca, por exemplo, que atende aos mais de 1700 alunos, funciona numa pequena sala feita para ter aulas. Além dos problemas causados pelo espaço reduzido, os alunos que a freqüentam diariamente convivem com o grande barulho provocado pelos alunos que ocupam a quadra, localizada ao lado da biblioteca.

Um outro exemplo que demonstra o grande problema da falta de espaço é o atendimento aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou aos pais que necessitam conversar com os professores. Ele é feito em diversos lugares. Um deles é o refeitório que, devido ao número grande de alunos na escola, tem que ficar preparado para os diversos horários de intervalo que começam quarenta e cinco minutos depois da entrada de cada período. Se o educador, por exemplo, precisar ficar um pouco mais com seus alunos, ele tem que sair do local para não prejudicar a programação do horário dos lanches. Há também outros espaços bastante disputados como os que estão fora do prédio: ao lado do depósito de lixos da cozinha, embaixo de árvores, em muretas. E, como se não bastasse tantos obstáculos, para se trabalhar num desses locais é preciso que os alunos e educadores carreguem os mobiliários até o local.

Além dos problemas ocasionados pela falta de espaços adequados para o desenvolvimento de certas atividades criando nos alunos uma impressão negativa em relação ao prédio e até aos trabalhos desenvolvidos, a escola necessita urgentemente de uma reforma. São muitos os problemas referentes à estrutura física da escola *Zeus*. Um dos mais graves é com relação aos banheiros, principalmente o masculino. Como alguns professores e a direção dizem constantemente, "é desumano usar um banheiro como aquele!" Por exemplo: das quatro válvulas de descarga existentes no banheiro masculino, apenas duas, até o momento, estão funcionando; os vasos sanitários quase sempre estão entupidos; as portas que ainda estão presas ao batente estão quebradas e sem fechaduras.

Outros espaços como as salas de aulas, por exemplo, também carecem de uma reforma. São necessárias janelas que proporcionem uma melhor ventilação, novos pisos, pois os que estão no momento são tão velhos que estão furando

apenas com o peso dos alunos nas cadeiras. Há também a necessidade da troca do telhado, pois sempre que chove há alagamentos dentro e fora das salas de aula.

Enfim, todos estes problemas relacionados à arquitetura da escola fazem com que muitos alunos não a vejam como um espaço agradável, o que ela realmente não é. Desta forma, muitos acabam depredando-a mais ainda. Apesar de nas entrevistas os alunos não citarem que uma das causas da depredação na escola *Zeus* se deve ao seu espaço degradado, alguns comentam, como por exemplo a aluna *Io*, que ela pode ser "(...) *bem mais organizada, limpinha, com bastante higiene, ter tudo em ordem(...)*". Portanto, acredito que se a escola tivesse melhores condições físicas e possuísse um espaço mais agradável, principalmente em termos visuais, alguns alunos não depredariam o prédio. Como a diretora relata na entrevista:

Eu acho que se, por exemplo, se a gente tivesse um espaço físico melhor, se a escola fosse mais agradável fisicamente, a gente tivesse um espaço, a gente tivesse mais funcionários, eu acho que isso já começaria a tornar a escola mais interessante(...) Porque se tivesse salas mais bonitas, salas mais espaçosas, salas para atividades diferenciadas, você podia fazer um monte de trabalho extra, extra classe, todo mundo ia querer ficar em horários diversos trabalhando e o que falta? Falta o lugar, né? Falta espaço e falta um lugar bonito também.

O professor *Poseidon* também critica a parte física da escola e cita um exemplo de um dos problemas ocasionados pela falta de espaço da escola *Zeus*:

Ah, eu acho que é mesmo a questão da infra-estrutura física da escola, do prédio. Porque em termos de equipamento, a escola está bem equipada, como se diz, equipamentos de última geração. O problema realmente é o prédio porque não tem local específico pra essa, para esses equipamentos. Por exemplo: teria que ter uma sala de vídeo, não precisar ficar deslocando os alunos, deslocando o equipamento na sala, muitas vezes a sala ela tem um, como se diz... por exemplo, a oitava C fica num desnível, a oitava D. Então são salas que ficam fora do espaço acessível desses equipamentos. Então o problema que eu acho também está relacionado à disposição física da escola.

O interessante é que alguns alunos se mostram abertos às mudanças no espaço para que a escola se torne um lugar mais interessante e que seja "a escola dos sonhos de alguns estudantes". Um dos estudantes entrevistados diz: *"A escola dos meus sonhos (para e pensa) seria a escola inteira grafitada, com desenho pra se expor, né. E no final de semana, assim, vim as pessoa de fora vê o nosso trabalho e como que foi feito(...)"*. Já uma aluna fala: *"É... ter espelho assim no banheiro, rádio na hora do intervalo, televisão assim, tipo assim na... é...(aponta para o refeitório que era onde estava sendo feita a entrevista)."*

Como pude apreender das entrevistas e conversas informais, principalmente com alguns professores, além de uma reestruturação e manutenção do espaço da escola através de uma grande reforma, é necessário que a instituição escolar ouça as idéias dos educandos em relação à construção de um ambiente mais prazeroso, mais acolhedor, pois assim, segundo um dos estudantes entrevistados, *"a escola iria ficar mais bonita."*

#### A falta de funcionários

Além dos problemas já citados que causam o aumento do número de ações depredadoras na escola Zeus como a função que a escola desempenha e o estado físico da mesma, um outro foi detectado através da entrevista com a diretora e conversas informais com alguns professores: o reduzido número de funcionários comparado à quantidade de alunos matriculados e o tamanho da instituição.

Na escola Zeus, por exemplo, não consta do seu quadro de funcionários o inspetor de alunos que auxilia a direção e os educadores nas observações e intervenções que necessitam serem feitas, principalmente nos horários do intervalo, nas trocas de aulas e na espera dos estudantes de algum professor que possa substituir o que faltou. Como só possui um professor contínuo (substituto) por período e o número de faltas dos professores é muito grande, os alunos acabam ficando sozinhos sem ter o que fazer nas salas de aula e também em outras imediações da escola, aproveitando para depredá-la.

Como diz a diretora:

(...) nós temos um problema muito sério na Zeus que é a falta de professores. Então de 5ª a 8ª série todo dia você... os professores faltam e sobe aula e tudo esse tipo de

coisa. então não tem professor pra dar aula, o aluno fica sozinho na sala. Às vezes o professor dá aula em dois lugares ao mesmo tempo, às vezes não, quase todo dia, o que é o absurdo dos absurdos dos absurdos. Quer dizer, como é que uma pessoa consegue trabalhar em duas salas ao mesmo tempo e o aluno ficar sozinho? Agora, um menino que está numa sala que já não tem alguma coisa que o atraia, sozinho, ele vai fazer o quê? Jogar a cadeira... às vezes eles têm umas, eles quebram as cadeiras até pra umas atividades, se você for pensar é engraçado, eles quebram cadeira pra virar skate de grama, eles usam a parte de trás da cadeira pra fazer skate, eles quebram pra criar brinquedo pra eles, pra criar alternativas de lazer que a escola não dá.

Desta forma, acredito que a falta de funcionários ocasiona um aumento no número de ações agressivas que depredam a instituição escolar. Porém, é importante destacar que os outros problemas já citados nos itens anteriores também influenciam na visão, muitas vezes, negativa dos alunos perante a escola. Diferentemente do que alguns educadores da escola *Zeus* pensam, um inspetor de alunos não dará conta sozinho do problema da depredação, como ouvia algumas vezes de alguns educadores, e até concordava com eles, que a solução para os quebra-quebras, para as pichações ocorridas na escola apareceria quando a prefeitura mandasse alguém para "inspecionar" os alunos. Hoje percebo que uma vigilância, um controle não dará conta destes problemas, pois como Guimarães(2003,p.108) afirma em seu livro **Vigilância, punição e depredação escolar** , "(...) *a depredação ocorria com grande frequência nas escolas onde existia tanto um esquema rígido de vigilância e punição quanto naquelas onde havia ausência quase que total de normas.*"

Acredito que se a escola tentasse resolver os problemas causados pelas atitudes, na maioria das vezes agressivas, dos estudantes que depredam o patrimônio escolar, através do controle, da punição e da vigilância, ela estaria estimulando ainda mais a reação violenta dos alunos. Afinal, eles querem uma escola que os ouçam, que os considerem como atores e não como coadjuvantes na construção de uma escola melhor. Como afirma a professora *Hera* :

A escola do meu sonho seria (...) uma escola onde o jovem pudesse... que eu pudesse fazer com os jovens e não fazer pra... para eles. Eu queria assim, conversar, perguntar o que eles querem, **uma escola que eles pudessem entrar e sair, sabe, que eles fossem donos mesmo e a gente fosse só um ponto de referência pra orientar.**[grifos meus]

Muito mais do que um inspetor para controlar os alunos ou mais professores substitutos para não deixarem os alunos sozinhos, a escola precisa ser um espaço democrático, um lugar em que os alunos sejam ouvidos. Diferentemente do que alguns professores, certos alunos e funcionários pensam, como por exemplo a fala de um dos vigilantes da escola que é bem significativa nesse sentido: *"Eu acho que o ser humano todo tem que ser reprimido pelo que faz. (...)Aqui eles vêm e a gente tem que mostrar para eles o que está errado e se não tiver isso, (...)cada vez mais atitudes erradas vão sendo tomadas. Acho que o que está faltando é repressão mesmo. Reprimir o crime sempre conserta"*, acredito que quanto maior forem os mecanismos de vigilância e punição, maiores serão as respostas agressivas dos estudantes. Tanto que, observando a relação de alguns alunos com este vigilante, percebo que eles o tratam muito mal. Já com um outro guarda que procura sempre conversar com os estudantes, a respeito do que os alunos fazem ou tentam fazer, a relação é diferente. Os alunos conversam com o guarda sem hostilidade e percebo, ao observá-los, que há um respeito mútuo.

A emoção de estarem juntos

É na comunhão intensa, na hostilidade intensa,  
no amor e no ódio, que separam ou reúnem  
as famílias, os clãs, os grupos, as aldeias, as cortes,  
que nascem as formas de expressão que se  
desenvolvem numa polêmica viva de choque,  
de oposição, de encontro ou de profunda comunhão.

Jean Duvignaud

De todos os aspectos já discutidos em relação às depredações atingindo o prédio escolar, um que me chama bastante a atenção, de acordo com as entrevistas e observações feitas durante a pesquisa, é o prazer de alguns estudantes em estarem juntos praticando algum ato que gera danos ao patrimônio, principalmente no tocante às pichações.

Além das depredações significarem uma resistência à forma como alguns professores e a escola, de um modo geral, tratam seus alunos, elas expressam um descontentamento perante as condições físicas e a estrutura do trabalho desenvolvido na instituição, trata-se portanto de "*(...)um desejo de viver irreprimível. É evidente que a consciência nada tem a ver com esse processo, tão pouco a justificação: estamos no plano da energia pura e rebelde que tenta destruir a inércia e a quietude de uma organização asséptica da existência(...)*" (MAFFESOLI, 1987, p.23)

Alguns alunos, em suas entrevistas, deixam claro que as pichações, os quebra-quebras são meios de se "mostrarem", de se expressarem como "seres poderosos", confirmando sua existência. Vejamos algumas falas de alunos quando eu pergunto o porquê da depredação na escola Zeus:

Eu acho que eles querem poder mais que os professores, mais que o diretor.  
(Hades)

É só pra aparecer. Ele picha lugar alto e vai lá e fala para o outro: "olha lá onde eu consegui pichar". Aí o outro vai lá e tenta superar, quebrar ele, fazer mais alto.(...) É porque eles vêem todo mundo olhando e fala: "quer mostrar que ele é forte", quer dar um chute na porta e ver se a porta arromba, quer puxar o armário pra ver se o armário amassa, é isso aí. (Eros)

Quando picham e/ou quebram as paredes, as portas e outras partes da escola Zeus, alguns alunos, diferentemente do que eu pensava antes da pesquisa, simplesmente querem partilhar juntos os seus sentimentos, as suas emoções. Maffesoli (1987) considera este fenômeno como sendo orientado pela "lógica do querer viver coletivo", na qual as ações ocultam um desejo de "estar junto", de compartilhar idéias e sentimentos através de atitudes que não apresentam uma finalidade aparente. Esses desejos coletivos, no caso da escola pesquisada, são

manifestados através dos momentos de pichações, de grafitagens e até nos de quebra-quebras.

A professora *Hera* demonstra em sua entrevista como o adolescente que partilha este desejo de "estar junto" é visto: "(...)ele picha, ele chuta, ele faz barulho. 'Olha eu aqui!'. (...) Ele é forte, é poderoso, eles são grandes turmas, eles falam alto, eles são alegres." Portanto, esta partilha de sentimentos nos mostra o desejo dos adolescentes em "quebrar" a lógica uniformizadora da escola e, "Nesse sentido, a escola(...) reafirma(...) o sentimento que os grupos (...)têm deles mesmos(...)" (GUIMARÃES,2005,p.50).

O prazer de "estar junto" e de partilhar as mesmas emoções também são confirmados através das integrações dos alunos da escola *Zeus* aos grupos de pichadores, muitas vezes formados fora da escola e que possuem suas próprias marcas e normas. Estes "bandos" ou "gangues" vão crescendo na medida em que os adolescentes são aceitos no interior dos grupos dos quais desejam fazer parte. Segundo um dos alunos entrevistados, o *Hefesto*, "(...) pra usar as marcas é preciso pedir autorização para o cabeça. Se você jogar a marca sem ter, aí eles pegam e batem em você."

Estas marcas , como a professora *Alcmena* comenta, "são símbolos. Eles usam letras, um alfabeto que ninguém entende, só quem é do grupo, né, do bando que entende. É um código entre as gangues e pra cada uma tá mostrando pra outra maior poder." Os momentos de pichações representam, portanto, um ritual que "(...)alicerça e cimenta o prazer de estar juntos." (MAFFESOLI,1987,pp98-99) desprovidos de qualquer crítica à escola. Como Guimarães(2005,p.96) afirma, "não há uma racionalidade, um projeto linear que dê sustentação a esses agrupamentos. Trata-se de conjuntos inorganizados com uma lógica interna própria, fundamentada no acaso dos encontros, mas nem por isso incapazes de estilhaçar a rigidez das normas."

Mesmo que os momentos de pichação sejam "desprovidos de sentidos e finalidades" (MAFFESOLI,1987,p.61), eles acabam gerando novas reflexões a respeito das formas como a escola está tratando ou lidando com estes jovens que picham, que quebram. Há professores, assim como a diretora, que pensam a escola como devendo ser um lugar aberto ao estudante; um lugar que proporcione essa emoção do "estar junto", do compartilhar emoções. Porém, nem todos têm a visão do quão importante seria se a escola fosse um espaço democrático; um espaço que

ouvisse os " 'sinais' que as crianças e jovens emitem" (Santos,2002,s.p.). Enquanto houver poucos educadores que abram um espaço, que falem com os alunos, que ouçam realmente o que eles querem falar, evitando o preconceito, não será possível "colocar um limite no 'querer-viver' irreprímível" (GUIMARÃES,2005,p.96). Quanto a esse aspecto, diz a diretora:

(...) o que a gente escuta: "ah, ele fala assim, mais vai falar o quê?". Então a coisa é muito preconceituosa. A gente teve até situações em que a professora falou assim: "ah, pichação, grafite é tudo mesmo lixo" de aluno que vem me contar. Quer dizer, o aluno que está interessado em pesquisar sobre grafite e a professora vem com essa linguagem na sala. Quer dizer, tem professor que pisa na criatividade.

Os próprios alunos demonstram essa falta de apoio dos professores em relação às suas expressões e desejos coletivos. O seguinte trecho de uma das entrevistas com alunos confirma o que a diretora disse anteriormente.

**Ares:** (...)Também você quer... você faz alguma coisa pra escola e eles não apóiam, têm professores que não apóiam.

**Hermes:** É. Você tenta ajudar a escola e eles não querem ajuda.

**Hefesto:** É. Eles não apóiam.

**R:** É? Mas que tipo de ajuda? O que vocês já pensaram?

**Ares:** Grafite, dona.

**Hermes e Ares:** Tem gente que não apóia.

**Ares:** Não quer que a gente faz o grafite.

**R:** Ah, tá!

**Hermes:** Eles não apóiam o grafite na escola. Fala que...tipo assim... mostra uma coisa de vandalismo. Fala que vai mostrar uma coisa de droga, coisa de morte. Mais isso aí não tem nada a ver. Grafite é outra coisa.

Assim como as pichações, a grafitação representa este momento do coletivo, do desejo e da emoção do "estar junto". Portanto,

Quanto maior forem as imposições, maiores serão os excessos cometidos. Porém, a partir do momento em que a escola permitir a expressão e o desejo coletivo dos alunos e dos professores de repartir um território real ou imaginário, todos os

excessos, toda a "violência exacerbada" entrará num processo de moderação.(GUIMARÃES,2005,p.96)

Ao comparar as falas registradas através de entrevistas e de conversas informais de certos alunos com as da direção e de alguns professores que possuem uma relação mais aberta com os estudantes, percebo o respeito mútuo e, principalmente, a confiança dos estudantes para com estes profissionais. Os estudantes, ao demonstrarem em suas falas que querem uma escola mais democrática, uma instituição que leve em conta o que eles pensam, o que eles gostam, citam alguns desses membros que estão engajados nessa luta por uma escola que permita a expressão e o desejo coletivo: "*a Atena [diretora] é legal. A Atena sempre apóia.*" ( *Ares*) "*É. Ela, o professor Poseidon , o professor Apolo.*" (*Hermes*)

Também citam alguns tratamentos autoritários de certos professores que ainda acham que o aluno deve adaptar-se à escola e não o contrário, existindo, dessa forma, uma relação de poder que acaba "racionalizando" a violência, ou seja, "*tentando organizar pelo medo e pela repressão o controle dos excessos e das agitações*" (GUIMARÃES,2005,p.97). Vejamos um exemplo muito comum na EMEF Zeus em relação ao tratamento que alguns educadores dão aos alunos na tentativa de reprimir e de controlar certas ações que quebram a chamada "harmonia escolar" e em que este tratamento resulta. O aluno *Cadmo* diz: "*Quando a dona fica brigando com eles, eles vão lá e ficam descontando na escola, ficam quebrando as telhas e sujam toda a escola. Ficam com raiva da dona e descontam na escola.*" O interessante é que a fala desse aluno se confirma com a do professor *Poseidon* quando diz que há professores que gritam mesmo com os alunos, que os tratam de maneira agressiva:

O que eu vejo é que mais do que a parte pedagógica em si, a forma que os professores têm tratado os alunos, eu percebo aqui, entendeu? Isso é uma impressão minha, é uma crítica e eu até falo pra alguns. Eu acho que há uma certa agressividade (...)e as pessoas ficam gritando. Isso me incomoda muitas vezes, essa forma de gritar.(*Poseidon*)

Portanto, se a escola Zeus continuar ignorando essa "(...) *energia rebelde que tenta destruir a inércia e a quietude de uma organização asséptica (...)*" (MAFFESOLI, 1987, p.23) dos seus alunos, ela estará contribuindo para a neutralização das diferenças que tanto pode levar à submissão, à adaptação como a manifestações cada vez mais cruéis na tentativa de se escapar ao monopólio total da instituição.

## Capítulo V: A escola dos sonhos dos alunos



Analisando as conversas que tive com os alunos, seja através das entrevistas ou bate-papos pelos corredores da escola, percebo que muitas de suas falas se direcionam para alguns desejos de mudança em relação a escola. Elas possuem, por exemplo, comentários sobre as aulas, de como alguns professores os tratam, enfim, sobre o que a escola proporciona a eles no dia-a-dia. Certas críticas e desejos já foram tratados nos capítulos anteriores, porém há algumas propostas/ideias que merecem, acredito eu, uma maior atenção, pois nos dão alternativas de ações que podem ser tomadas para a construção de uma escola mais interessante aos estudantes.

Um destes desejos diz respeito à abertura da escola nos finais de semana. Como a escola fica numa região em que não possui nenhum espaço de lazer e diversão, alguns alunos comentam sobre o desejo de a escola abrir aos sábados e domingos para que eles usem as quadras para jogos e outras atividades. Veja o que dizem na entrevista:

**Hefesto:** Sábado e domingo, se pudesse tá aqui, eu vinha.

**Hermes e Ares:** É! Eu também!

**R:** É, sábado e domingo não é aberto aqui pra vocês pra nada, né?

**Ares:** Não. Porque eles pensam que nós viríamos aqui pra pichar, pra fazer alguma coisa...

**Hefesto:** É, mas a gente queria entrar aqui pra ter um lazer, jogar bola...

**R:** Por quê? Aqui neste bairro, aqui por perto não tem nada do que tem aqui na escola?

**Ares:** Aqui no bairro se a gente quiser, vai ter que jogar na rua.

**Hermes:** Abrindo a escola de sábado e domingo dava oportunidade pra gente .

**Hefesto:** A gente até podia fazer um campeonato de sábado e domingo, campeonato de futebol, de vôlei.

Esta idéia de abrir a escola à comunidade já foi discutida no ano de 2004 entre professores, assistente social da prefeitura de Campinas e coordenadores da NAED (Núcleo de Ação Educativa )Sudoeste e do Posto de Saúde da região. Na época, os profissionais da escola Zeus estavam buscando parcerias para ajudar alguns alunos e suas famílias a se distanciarem de algumas situações de risco, como por exemplo, as crianças ficarem na rua pedindo coisas ou roubando, pais bebendo, se drogando e se envolvendo em brigas com a vizinhança etc. Como alguns destes acontecimentos estavam comprometendo a saúde física e mental, a socialização e o aprendizado desses estudantes na instituição escolar, os profissionais da Zeus pediram ajuda a outros órgãos da prefeitura.

Desta reunião, uma das idéias tiradas foi a de abrir a escola nos finais de semana para desenvolver diferentes atividades com os alunos, seus familiares e comunidade e que seriam ministradas por diversos profissionais de setores como o da "Cultura e Lazer", o da "Assistência Social", o de "Esportes". Porém, até hoje nada foi feito. Foram pedidas outras reuniões para discutir a demora no atendimento da solicitação, mas sempre davam alguma desculpa. Por concluirmos que sozinhos não daríamos conta de desenvolver o projeto almejado por todos, naquele dia da reunião, desistimos desta idéia.

Acredito que se a escola abrisse nos finais de semana, muitos alunos que a depreciam a veriam com "outros olhos". Em algumas falas dos alunos eu percebo que há estudantes que não consideram a escola com sendo um espaço deles. Se ela proporcionasse, por exemplo, mais momentos de diversão, de entrosamento entre os alunos, alunos e professores, não só nos finais de semana, mas também diariamente, o ambiente seria mais agradável. Por exemplo, ao reclamar da falta das aulas de Educação Física aos alunos da noite, o aluno *Cadmo* diz: *"se tivesse, todo mundo iria ficar feliz, alegre, iria parar de ficar rebelde, xingando os professores."*

A escola dos sonhos dos alunos é um espaço mais dinâmico, mais agradável, bem diferente do que a *Zeus* está sendo atualmente. O aluno *Hades* responde o seguinte quando lhe pergunto como é a escola do seus sonhos: "*Ah, sem pichação ... quadra coberta... mais bola, mais... mais brincadeira, mais festa na escola.(...) podia ter... uma aula só para filmes... aula só de brincadeiras, assim é bom.*" Já o aluno *Cadmo* afirma: "*Eu acho que os alunos não têm divertimento.*" Estas falas demonstram a mesma idéia que a diretora apresenta em sua entrevista quando comenta que os alunos não gostam das aulas: "*(...) porque a gente precisa cair na real que as nossas aulas estão chatas, que a gente não está ensinando o que eles querem aprender. Têm coisas que a gente tem que aprender, mas há formas e formas de se ensinar.*"

Os dois professores que são apontados por alguns alunos como "os mais legais" também falam sobre a importância de aulas mais interessantes:

Olha, na minha matéria de ERET, Educação, Relações Econômicas e Tecnologia, como nós temos uma sala de informática de última geração e com internet, inclusive via satélite e tudo, os alunos têm muito interesse. Eu não tenho dificuldade com os alunos em termos de disciplina, porque a minha matéria já é um atrativo que eles não têm. (*Apolo*)

E aí pra você manter um aluno dentro da sala de aula concentrado o tempo todo é quase impossível hoje. Porque nós estamos numa sociedade em que tudo é rápido, rapidez, eles estão se transformando. Por que da internet eles gostam? Porque eles entram num site, três minutos eles estão entrando em outro site. É uma loucura isso daqui. Aí eu percebi, completando até a outra questão, pra escola se tornar interessante, por exemplo a mitologia, eu acho que ela não é tão fundamental, mas é possível também melhorar. Por exemplo, eu tenho usado uma tática e é que tem dado resultado. Mas nós precisamos avançar um pouco mais. Qual que é? O *Apolo* usa aqui o computador. O que eu tenho usado? Eu tenho usado o vídeo, né? Quer dizer, utilizado filmes. O que eu tenho percebido? Que os alunos, com a imagem, eles conseguem entender o processo. Até depois eu consigo que eles produzam textos e tudo o mais. Só que com a imagem. (*Poseidon*)

Outra sugestão dada por alguns estudantes, já citada anteriormente mas merece uma maior atenção neste capítulo, diz respeito a idéia de se fazer grafites pela escola. Segundo os próprios alunos, a pichação diminuiria consideravelmente se houvesse grafites pelas paredes da Zeus . Seria interessante mesmo, pois além de abrir espaços para a expressão de suas idéias e deixar a escola com "a cara deles", a instituição estaria proporcionando a tão almejada emoção de "estar junto". Muitos alunos deixam transparecer nas entrevistas o "irreprimível desejo de viver coletivo" em participar de um projeto de grafiteagem. Observemos um trecho da entrevista com alunos apontados por alguns professores como pichadores:

**R:** E a diretora já conversou com vocês sobre isso? (sobre fazer grafites pela escola)

**Hermes e Ares:** Já!

**Ares:** Já até estamos fazendo desenhos pra ela, já. Vamos fazer mais desenhos para escolher o mais bonito pra...

**Hermes:** Aí ela falou depois se ficar bom nosso trabalho, ela vai formar mais outros grupos pra aprenderem a fazer grafite . Aí cada...cada um de nós vamos ter um grupo ensinando a fazer grafite.

**Hefesto:** Podemos até disputar com outras escolas.

**Ares:** Vamos fazer vários grafites na escola para escola ficar mais bonita.

**R:** Vocês acham que com essas grafiteagens vão, de repente, até diminuir essas pichações?

**Hermes:** Eu acho que sim. Eles respeitam, eles vão querer aprender.

**Hefesto:** Porque onde tiver grafite, os pichadores não picham.

**Hermes:** Tipo assim, se tiver pichação, assim, nos muros, eles vão lá e estragam. Agora, se tiver grafite, eles não dão relaxo, não.

**R:** Olha!! Que interessante!

**Ares:** Tipo assim, se a escola estiver cheia de grafite, ninguém mais vai querer pichar. Porque todo mundo vai querer aprender a fazer grafite.

Como se pode observar, os alunos acabam dando algumas sugestões de como gostam que a escola os trata e de como ela pode ser para se tornar mais interessante. Não quero afirmar que através destas falas e reflexões a escola Zeus resolverá um dos seus maiores problemas que é a depredação. Porém, acredito que se ouvíssemos os estudantes e déssemos chances deles mostrarem suas idéias, a instituição pesquisada estaria começando um longo trabalho de construção de uma

escola mais significativa aos alunos e, conseqüentemente, acredito eu, mais preservada.

Assim, faz-se necessário que os educadores entendam o movimento da violência na escola Zeus porque além dos problemas familiares, da falta de funcionários que zelam pelo prédio, da falta de planejamento na construção da escola, afetando a distribuição dos espaços e as atividades pedagógicas, é preciso considerar também os "pequenos nada's" do seu cotidiano, como por exemplo, o desejo dos alunos grafitarem a escola, ocupar o prédio e a quadra nos fins de semana, ter aulas de Educação Física à noite.

Para além das depredações, das gangues, das brigas, os alunos buscam formas de marcar presença no território escolar, constituindo ligações entre eles, ainda que de modo provisório e conflitual.

## Conclusão

(...) existe em todas as formas de revolta(mesmo em sua forma mais instituída que é a revolução) a esperança de uma estruturação social alternativa;

Michel Maffesoli

Quando comecei a pesquisa tinha em mente poucas idéias como por exemplo a de que a depredação na EMEF Zeus era apenas resultado do modo como tratavam e consideravam os alunos e muitas indagações como a de que os quebra-quebras e pichações não seriam vandalismo e nem falta de educação familiar como muitos professores diziam. Hoje vejo que não sou a mesma pessoa que começou há meses um estudo de caso da EMEF Zeus. O contato com os trabalhos de Maffesoli e Guimarães que discutem o tema da violência me fizeram mergulhar "(...) *na complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola.*"(SANTOS,2001,p.113)

As depredações que ocorrem na Zeus realmente estão querendo mostrar a nós, profissionais da educação, que algo não está indo bem. As pichações, os quebra-quebras, por exemplo, podem ser vistos como resultados dos tratamentos dados pela escola que, como os outros órgãos institucionais, tende a homogeneizar, a dominar as ações das pessoas. Desta forma, os estudantes acabam se rebelando e resistindo a esse estado de dominação.

Portanto, cabe a nós, profissionais da escola Zeus, repensarmos a instituição escolar e o nosso papel junto a ela e aos alunos. Cabe também a nós pensarmos em formas de construir um ambiente onde os estudantes sejam vistos e considerados como atores do processo de ensino e aprendizagem. É importante salientar que as ações de "alunos mais participativos" e, conseqüentemente, mais autônomos não significam, como muitos professores pensam, uma ameaça às normas escolares. Conforme Guimarães(2005,p.78) "*A ordem é necessária, cabendo ao professor estabelecer os limites da realidade, as obrigações escolares. (...) porém, ao mesmo tempo, desencadeia outros dispositivos para que o aluno, ao*

*se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida."*

É preciso que a escola atente para a necessidade dos alunos estarem juntos "partilhando emoções", considerando o desejo do "querer estar junto" não represando essas manifestações e, dessa forma, pensarmos em alternativas pedagógicas para lidarmos com os conflitos presentes na instituição. *"Somente o reconhecimento desse mundo e de suas leis permitirá que o jogo entre o instituído e o instituinte se efetue dentro de regras orientadas pelo vaivém entre a ordem estabelecida e a 'desordem' de um 'querer-viver' coletivo.* (GUIMARÃES,2005,p.106)

Enfim, entendendo as formas de violência que assolam o seu ambiente, os professores da escola *Zeus* conseguirão perceber o caráter ambíguo de suas manifestações, ou seja, ao mesmo tempo que a violência destrói, desestabiliza uma ordem vigente, ela possibilita instaurar ações alternativas ante à monotonia que rege a instituição escolar.

Para a professora *Hera*, a escola deve ser vista como *"um lugar mais de conflito, de enfrentamento"*. Essas palavras também me aproximam de Guimarães(2003,p.135) quando ela afirma que

(...)a escola deve ser não apenas um local agradável, mas polêmico, o palco não de conciliação, mas de conflito, de discussão, de crescimento, onde o desejo dos alunos, as suas necessidades, a sua fala representem os principais parâmetros para elaboração de diretrizes que visem à organização da escola, o rendimento do aluno no que se refere à sua aprendizagem e principalmente à formação de indivíduos capazes de discutir, de criticar a sociedade em que estão inseridos, com base em reflexões sobre a sua realidade mais imediata, a escola.

Portanto, para que a *EMEF Zeus* se torne um espaço democrático, um ambiente mais significativo aos estudantes, é preciso que os profissionais da educação que nela trabalham diariamente ouçam as "falas" dos alunos que são representadas por quebra-quebras, pichações, zombarias, tagarelices, silêncio etc. Será partindo das necessidades e dos desejos dos alunos que a escola começará a construir um espaço de integração social, de formação de cidadãos capazes de repensar o seu papel na sociedade e de agir criticamente nela, o que não implicará

no fim dos conflitos, mas, possivelmente, em uma comunidade de trabalho capaz de realizar ações coletivas que respeitem as diferenças e a autonomia de todos que lá estudam e trabalham.

## **Bibliografia**

DUVIGNAUD, Jean. "Microsociologia e formas de expressão do imaginário social" ,  
in **Revista da Faculdade de Educação da USP**. São Paulo, v. 12, n. 1/2,  
jan./dez.1986, pp. 325-353.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e resistência em educação: para além das  
teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e  
ambigüidade**.2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vigilância, punição e depredação escolar**. 3ª ed. Campinas, SP:  
Papirus, 2003.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**.  
Petrópolis: Vozes, 1990.

HARPER, Babette et al. **Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e  
algumas saídas**. S. P.: Brasiliense,1980

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens  
qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos  
Tribunais, 1987.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. "A violência na escola: conflitualidade social e  
ações civilizatórias" In **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.27, n.º 1,  
Jan/jun.2001,pp.105-122.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. **Sinais dos tempos: marcas da violência na escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SCHULZ, Charles M. **Você tem muito o que aprender, Charlie Brown!** Trad. Tatiana Öri-Kovács. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004

SPOSITO, Marília Pontes. "Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil" In **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v.27, n.º 1, Jan/jun. 2001, pp. 87-103

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** SP: Polis, 1980.

## **Anexos**

## **Modelo da entrevista**

1. Qual a função da escola na sua vida?
2. O que você mais gosta na escola Zeus?
3. O que você menos gosta na escola Zeus?
4. Para você, como a escola deveria ser para se tornar mais interessante?
5. O que acha da depredação? Por que ela acontece?
6. O que ela significa?
7. Qual a diferença entre pichação e grafiteagem?
8. O que pensam os jovens que depredam a escola?
9. Por que escolhem a escola para fazerem isso?
10. Sem citar nomes, que grupos você apontaria como os causadores da depredação e pichações?
11. Como seria a escola dos seus sonhos?

**Entrevista com três alunos: dois da 8ª série e um da 7ª série do período das 15h às 19h.**

**R:** Rosane

**Hermes:** aluno 1

**Ares:** aluno 2

**Hefesto:** aluno 3

**R:** Eu queria saber de vocês, em primeiro lugar, qual é a função da escola na vida de vocês. Pra que serve a escola pra vocês?

**Hermes:** Melhorar a educação, né. Conhecimento. A formatura do ser humano é a escola. Vai aprender a ser alguém na vida. Esse negócio, o que vai ser.

**Ares:** É, se ele não tiver estudo, não arruma emprego, serviço, esse negócio.

**R:** Então a escola prepara pra vida, é isso? Prepara para o futuro, para o emprego...

**Hermes:** É, mais o emprego. Ter bastante curso, assim, informática...

**R:** Você também acha isso, Hefesto?

**Hefesto:** Também.

**R:** Agora digam pra mim, assim, aqui na escola *Zeus*, o que vocês mais gostam? Cada um fala o que mais gosta. Pense bem!

**Hermes:** De tudo, dona, eu gosto.

**Ares:** Eu não gosto, assim, quando os professores...tem alguns professores que eles colocam a culpa nas coisas que você não faz. Coloca a culpa em você só porque você é mais atentado. Tipo assim, nós somos um pouco zueira. Aí você está quieto, aí acontece alguma coisa e a culpa é sua. Isso é ruim dos professores. Também você quer... você faz alguma coisa pra escola e eles não apoiam, tem professor que não apóia.

**Hermes:** É. Você tenta ajudar a escola e eles não querem ajuda.

**Hefesto:** É. Eles não apóiam.

**R:** É? Mas que tipo de ajuda? O que vocês já pensaram?

**Ares:** Grafite, dona.

**Hermes e Ares:** Tem gente que não apóia.

**Ares:** Não quer que a gente faz o grafite.

**R:** Ah, tá!

**Hermes:** Eles não apóiam o grafite na escola. Fala que...tipo assim... mostra uma coisa de vandalismo. Fala que vai mostrar uma coisa de droga, coisa de morte. Mas isso aí não tem nada a ver. Grafite é outra coisa.

**R:** Então, se a gente comparar grafite com pichação, é diferente?

**Hermes, Ares e Hefesto:** É.

**Hermes:** Totalmente!

**R:** O que é pichação, então?

**Hermes:** Pichação é uma coisa ilegal, dona, que as pessoas ficam riscando as casas dos outros, é escrevendo, por exemplo, os nomes, as marcas. Pichação também... isso aí... muitas vezes dá briga...tem vários grupos.

**Ares:** Dona, pichação...todo pichador entra pra dar fama. Pichação dá fama! Tipo, se tem uma marca famosa... tipo, se cada pichador tem uma marca e tipo, se tem uma marca, você é conhecido. As pessoas ficam famosas, todo mundo quer te conhecer.

**Hermes:** Tem outros caras que vem e levam as nossas marcas e é isso aí que gera as brigas.

**R:** Então as pichações são marcas de grupos?

**Hermes, Ares e Hefesto:** É.

**Ares:** Aí um grupo é rival dos outros e aí gera a briga.

**R:** E se você jogar a marca na parede, você já faz parte de um grupo?

**Hefesto:** É, mas pra usar as marcas é preciso pedir autorização pro cabeça. Se você jogar a marca sem ter, aí eles pegam e batem em você.

**R:** Nossa!

**Ares:** Eles podem até matar você se eles quiserem.

**R:** Então a cada dia que passa vai aumentando o número de pessoas desse grupo que fazem essa marca?

**Hermes, Ares e Hefesto:** É!

**R:** Essas marcas saem daqui do bairro e vão para outros lugares?

**Hermes:** Vão!

**R:** É mesmo, porque a gente vê mesmo. As marcas que vejo no centro, vejo aqui também.

**Ares:** É. Aí tem a briga dos "Mais imundos" com os "RGS".

**Hermes:** É. São os grupos mais fortes da pichação: os "Mais imundos", os "Mais EM" e os "RGS".

**Hefesto:** Eles são os mais fortes de Campinas.

R: E vocês sabem de onde eles são, de que bairros de Campinas?

**Ares:** Os "Mais Imundos" e os "RGS" vieram de São Paulo.

**Hefesto:** Tem no Brasil inteiro também.

**Hermes:** Dos "Mais imundos", o mais forte é do DIC I (bairro próximo da escola). E dos "RGS" o mais forte fica lá pro lado do Enxuto (região norte).

R: E eles, então, vieram lá de São Paulo?

**Ares:** É. E vieram também do Rio de Janeiro.

**Hermes:** Tipo assim...inventaram os "RGS" e aí, tipo assim, um outro grupo inventou os "Mais imundos" e aí criou uma rivalidade.

**Hefesto:** Parece torcida do Palmeiras e do Corinthians. É uma rivalidade. Aí você tem um "RGS" e um monte de "Mais imundos" e esse monte de "Mais imundos" quer matar esse "RGS".

R: Então, voltando lá na pergunta sobre o que vocês mais gostam da escola *Zeus*, vocês disseram que gostam de tudo. Mas tem alguma coisa especial, assim...

**Hermes:** De tudo!!

**Ares :** Pra mim; essa aqui é a única escola que eu gosto de vim porque das outras eu não gostava não.

**Hermes:** É! Essa aqui é legal!

**Hefesto:** Sábado e domingo, se pudesse tá aqui, eu vinha.

**Hermes e Ares:** É! Eu também!

R: É, sábado e domingo não é aberto aqui pra vocês pra nada, né?

**Ares:** Não. Porque eles pensam que nós viríamos aqui pra picar, pra fazer alguma coisa...

**Hefesto:** É, mas a gente queria entrar aqui pra ter um lazer, jogar bola...

R: Por quê? Aqui neste bairro, aqui por perto não tem nada do que tem aqui na escola?

**Ares:** Aqui no bairro se a gente quiser, vai ter que jogar na rua.

**Hermes:** Abrindo a escola de sábado e domingo dava oportunidade pra gente .

**Hefesto:** A gente até podia fazer um campeonato de sábado e domingo, campeonato de futebol, de vôlei.

R: Viu, agora , assim, o que menos gostam nessa escola? Ele já comentou que tem professores que acham, que julgam e não é o que vocês estão pensando na verdade. O que mais?

**Hefesto:** É. O que eles falam, tá falado! Eles vão na diretoria e falam uma coisa e nós falamos outra. Eles acreditam no professor. Não acreditam em nós.

**R:** Tá. E pra vocês, como que a escola deveria ser pra se tornar mais interessante? Eu sei que vocês já falaram que gostam bastante daqui, mas tem alguma coisa que faz com que essa escola fique mais legal ainda?

**Hefesto:** Fazendo um grafite na escola. Todo mundo... tipo, se cada um aprendesse a fazer grafite, a escola ia ficar mais bonita. Também se abrisse a escola de sábado e domingo pra gente ter um lazer, também a escola podia ser muito mais interessante.

**R:** Agora vamos falar um pouquinho mais sobre a depredação. Assim... vocês tão percebendo que a escola tem muitas coisas quebradas, né? É... pichação pra todo lado também. Você vai no banheiro masculino, no feminino, tem muita coisa quebrada. O que vocês acham disso?

**Hermes:** É dona...isso aí tem muitos alunos que quebram mesmo.

**Hefesto:** Quebram e é pior pra eles. Porque outro dia eles querem usar e não podem usar o banheiro.

**Ares:** É pior pra eles também porque é do dinheiro deles.

**Hermes:** Deles não. Dos pais deles trabalhando que vem as coisas pra escola.

**Ares:** É. Do suor deles que vem as coisas pra cá.

**R:** É. Dos impostos, né?!

**Ares:** Às vezes quebram as coisas pra fazer graça pros outros.

**Hefesto:** Só pra se crescer.

**R:** Vocês já chegaram a ver, então, alguém que quebra só pra se mostrar mesmo?

**Ares:** Já vimos jogarem ferro no fio para acabar a força.

**R:** À noite, né, para acabar a aula mais cedo.

**Hefesto:** Até no nosso horário também. Tipo cinco horas assim. O pior é que pode queimar tudo o computador.

**Ares:** Aí não vai ter mais computador, não vai ter aula de ERET( Educação, Relações Econômicas e Tecnologia). E aí é pior pra eles também.

**Hermes:** É vandalismo! Eles não pensam o que estão fazendo. É só para se mostrarem. É uma brincadeira pra eles.

**Hefesto:** Dependendo eles podem até irem presos, dependendo de quem pegá-los quebrando.

R: Então, eu ia perguntar qual era a diferença entre pichação e grafite e foi o que vocês já comentaram que a pichação é mais, assim, marca de grupos pra se mostrar...

**Hermes e Ares:** É!

R: E a grafite?

**Hefesto:** É uma forma de se expressar com arte.

**Hermes:** É uma forma de se expressar, tipo assim, a paz...

**Hefesto:** Você faz grafite e quer expressar a esperança, alguma coisa assim.

**Ares:** Pichação é letra, enquanto grafite é desenho.

R: Vendo a grafite dá...eu entendo, né?

**Hefesto:** É!

R: Tem uma aqui na escola. Foram vocês que fizeram?

**Ares:** Não. Foi outro grupo. Mas o que fez vai fazer junto com nós outros grafites.

**Hefesto:** Até as molecadinhas, ao verem o grafite, vão entender e...porque se eles verem uma pichação ali, o que eles vão pensar? O que tá escrito ali?

**Hermes:** Eu aprendi a fazer grafite olhando também. Ninguém nunca me ensinou também.

R: Então, quem que entende de grafite aqui? Todos vocês?

**Hermes, Ares e Hefesto:** Todos!

R: E a diretora já conversou com vocês sobre isso?

**Hermes e Ares:** Já!

**Ares:** Já até estamos fazendo desenhos pra ela. Vamos fazer mais desenhos pra escolher o mais bonito pra...

**Hermes:** Aí ela falou depois se ficar bom nosso trabalho, ela vai formar mais outros grupos pra aprender a fazer grafite. Aí cada...cada um de nós vai ter um grupo ensinando a fazer grafite.

**Hefesto:** Podemos até disputar com outras escolas.

**Ares:** Vamos fazer vários grafites na escola pra escola ficar mais bonita.

R: Vocês acham que com essas grafites vai, de repente, até diminuir essas pichações?

**Hermes:** Eu acho que sim. Eles respeitam, eles vão querer aprender.

**Hefesto:** Porque onde tiver grafite, os pichadores não picham.

**Hermes:** Tipo assim, se tiver pichação, assim, nos muros, eles vão lá e estragam. Agora, se tiver grafite, eles não dão relaxo, não.

R: Olha!! Que interessante!

**Ares:** Tipo assim, se a escola tiver cheia de grafite, ninguém mais vai querer pichar. Porque todo mundo vai querer aprender a fazê grafite.

**Hefesto:** É por isso que a gente reclama que as donas não apoiam a gente no grafite.

R: É. De repente é uma conversa que a diretora vai ter que fazer, reuniões sobre isso e ver como que faz. E quem picha você acha que também curte fazer grafite?

**Hermes, Ares e Hefesto:** Curte!

**Hefesto:** A gente mesmo...todo pichador que picha faz grafite.

R: E o que vocês acham: que gostam mais de pichar ou fazer grafite?

**Hermes :** Os dois.

**Ares:** Eu, por exemplo, eu já pichei só que eu prefiro grafite.

R: Bom, e o que vocês pensam sobre esses jovens que quebram a escola?

**Hermes:** Ah! Isso aí eu acho errado!

**Hefesto:** É tudo bobo!

**Ares:** Eles só querem aparecer, querem se mostrar... serem os bons!

R: E não querem mostrar mais nada?

**Hermes:** Não, não! Só querem crescer.

**Ares:** É!

R: E vocês, por exemplo, olham pra essas pessoas que quebram e não concordam...

**Hermes, Ares e Hefesto:** Não, não!!

R: Mas vocês acham que tem gente que olha e acha legal...acham eles poderosos como vocês dizem?

**Hefesto:** Tem gente que vê e quer fazer igual. Vai no embalo e quer fazer junto.

**Ares:** Eles pensam: "esse aí, eles tão se crescendo e eu vou lá se crescer junto!"

R: Agora, por que vocês acham que eles escolhem a escola pra quebrar e pra pichar? Porque a gente olha por aí e não vê tanta pichação como na escola.

**Hermes:** Porque é um lugar que tem muitas pessoas...aí é pra dar ibope...tem muitas pessoas, aí todo mundo vai conhecer eles.

R: E, sem citar nomes, vocês conhecem alguns grupos que picham aqui?

**Hermes, Ares e Hefesto:** Todos!

R: E vocês acham que esses grupos têm idéia também de fazer esse trabalho de grafite na escola?

**Hermes:** Têm!

**Ares:** Ô!!

**R:** E os que picham, quebram a escola também?

**Hermes:** Não! Nem todos!

**R:** Gente, agora é a última pergunta e aí eu deixo vocês livres para falar alguma coisa que queiram. Como seria a escola dos seus sonhos?

**Hefesto:** A escola dos meus sonhos (para e pensa) seria a escola inteira grafitada, com desenho pra se expor, né. E no final de semana, assim, vim as pessoas de fora ver o nosso trabalho e como que foi feito e de repente, convida para fazer o trabalho no muro da casa deles.

**R:** E você ? (aponto para o Ares)

**Ares:** Aí a gente tem oportunidade de fazer grafite . Aí os alunos menores vêm a gente famoso e começa a fazer grafite, também pega pra fazer curso de grafitagem... também para os filhos... ajudar...

**Hefesto:** Eles vão crescer não com a cabeça na pichação, vai ser no grafite que é uma arte que pode fazer. Todo mundo aprende , é só querer.

**R:** Agora surgiu mais uma questão para mim. Vocês não comentaram , assim, das aulas. Elas animam vocês, faz parte do trabalho? Como que é?

**Hefesto:** Faz parte porque se não dependesse das aula, como que a gente vai pensar pra evoluir pra fazer grafite? Porque tem uns professores que ajudam bastante, que apoiam bastante a gente, ajudam a gente a fazer pesquisa...

**Ares:** Aí, por exemplo, na hora de escrever, se tem um erro de português, a escola, os conhecimentos ajudam. Fazer conta do espaço, também tem que fazer!

**R:** Então, os conteúdos que vocês aprendem no dia-a-dia dentro da sala de aula ajudam vocês a fazer alguma coisa mais interessante?

**Hermes, Ares e Hefesto:** É!

**R:** Alguém mais quer falar da escola dos sonhos?

**Ares:** Ah! Uma escola limpinha, os banheiros limpos, tudo organizado. A escola é boa. Os aluno que não são bons!

**Hefesto:** É! Os alunos que destroem a escola. Eles têm que pensar que a escola é deles mesmo. Se todos pensassem assim, a escola ia ser muito limpa.

**Hermes:** É. Porque a diretora não é chata.

**Ares:** É! A *Atena* é legal. A *Atena* sempre apóia.

**Hermes:** É. Ela, o professor *Poseidon* , o professor *Apolo*.

**Ares:** É, pra falar a verdade, aqui nessa escola, não existe professor chato.

**Hefesto:** O professor é chato, mas para querer ajudar a gente. É porque se eles não forem chatos com a gente, a gente vai querer bagunçar.

**Hermes:** É. A gente vai querer subir em cima deles.

**Hefesto:** É. Que nem nossas mães. Nossa mãe xinga a gente , mas é pro nosso bem, pra ajudar, pra aprender a respeitar as pessoas.

R: Alguém mais quer falar alguma coisa?

**Hermes:** Não.

**Ares e Hefesto:** (fazem sinal negativo com a cabeça)

R: Então, obrigada pessoal!

## **Entrevista com um aluno da 7ª série do período das 15h às 19h**

**Hades:** aluno

**R:** O que que você acha, pra que que a escola serve... qual é a função da escola na sua vida?

**Hades:** Pra educar os alunos e tirar eles das ruas.

**R:** Tirar das ruas?

**Hades:** É.

**R:** Só pra isso então?

**Hades:** É, praticar esportes, passeios...

**R:** E o que que você mais gosta aqui da escola Zeus?

**Hades:** Do intervalo.

**R:** Do intervalo? Fala um pouquinho mais alto, tá? E o que que você menos gosta daqui?

**Hades:** Ah, gosto de tudo.

**R:** Gosta de tudo? Certeza?

**Hades:** Certeza.

**R:** Então tá. Pra você, como a escola deveria ser pra tornar, assim, mais interessante, pra ficar mais legal mesmo?

**Hades:** Ah, não ter brigas, ter mais companheiro na escola.

**R:** O que mais? Só isso? O resto tá tudo bom?

**Hades:** Tá.

**R:** E o que você acha da depredação, desses quebra-quebras que têm, assim, de armário... Por que você acha que acontece isso?

**Hades:** Ah, eu acho errado porque tem que ter o supervisor certo pra ver, arrumar a escola.

**R:** Tem? Tem alguém que cuida?

**Hades:** Acho que não.

**R:** E por que será que acontece isso então?

**Hades:** Por causa dos alunos. Não têm respeito com a escola.

**R:** Você acha que eles pensam que... o que você acha que eles pensam da escola pra fazer isso?

**Hades:** Ah, eles pensam que é... só porque é público eles pensam que é de rua.

R: Que pode quebrar?

**Hades:** É.

R: E o que que você acha... o que que significa essas pichações que estão tendo aí, esses quebra-quebras?

**Hades:** Um monte de vândalo, né? Não pode fazer isso com a escola, a escola é lugar de aprender.

R: E não pode aparecer esses sinais assim, nas paredes?

**Hades:** É. Nem no refeitório. (estávamos no refeitório e o aluno apontou para as paredes pichadas)

R: Em lugar nenhum?

**Hades:** É

R: E você sabe a diferença entre pichação e grafiteagem?

**Hades:** Tem porque pichação é rabiscar muro, assim, e grafite não, grafite você faz desenho, é arte.

R: É arte? Então a diferença é... (ele interrompe)

**Hades:** Tem a pessoa que já tem o dom pra fazer aquilo lá.

R: E você acha que quem picha também pode grafitar ou não?

**Hades:** Pode.

R: Pode?

**Hades:** Pode.

R: E por que ele quer grafitar e pichar também?

**Hades:** Ah, isso eu não sei.

R: É?

**Hades:** É mais bom grafitar do que pichar a escola.

R: É melhor fazer grafiteagem? Você já pensou em fazer grafiteagem, alguma coisa assim?

**Hades:** Não, não me dou muito bem com desenho, não.

R: Não. Então tá. E você sabe a diferença então, entre a grafiteagem e a pichação?

**Hades:** Ah, a pichação é... são marcas de bandos... é.. marcas de bandos é... como que fala?

R: De gangues?

**Hades:** É de gangues querendo mais poder que os outros.

R: E o que que você pensa desses meninos, dessas meninas que depredam a escola?

**Hades:** Ah, eu acho muito errado né, porque os pais deles que pagam, né, imposto.

R: E o dinheiro é colocado aqui e eles...

**Hades:** É deles também, né. Eles quebram tudo e não deixam ninguém fazer nada.

R: E você acha que eles sabem disso?

**Hades:** Ah, não sei. Acho que não.

R: Pra fazer isso você acha que eles não sabem? Por que que você acha que eles escolhem a escola Zeus pra fazer essas pichações, pra quebrar carteira, armário, porta, banheiro?

**Hades:** Mas não é só na Zeus. Já estudei lá no *Ártemis*, no *Demeter* (escolas estaduais próximas à escola Zeus) e tinha esses bagulhos.

R: Então e por que que têm nas escolas? A gente anda aí pelas ruas e não vê ninguém quebrando as coisas que nem acontece nas escolas. Por que eles escolhem a escola? Você sabe me dizer?

**Hades:** Não é só na escola, na rua também, na rua... em qualquer lugar.

R: Mas, é então... não é só escola que eles escolhem?

**Hades:** Não é só escola. É muro, nas casas, comércio.

R: E na escola acha que, tipo assim, eles quebram, até picham mesmo pra querer mostrar alguma coisa pros professores, pro diretor ou é...

**Hades:** Eu acho que eles querem poder mais que os professores, mais que o diretor.

R: Eles querem mostrar poder?

**Hades:** É

R: Você conhece, não precisa falar o nome, tá? Você conhece grupos que picham, grupos que quebram, você já viu isso?

**Hades:** Conheço.

R: Tem amizade?

**Hades:** Tenho.

R: São legais, conversa com eles, tudo mais?

**Hades:** São.

R: E você já chegou a comentar com eles que você não curte muito, alguma coisa assim?

**Hades:** Não.

R: Por que que você não comentou?

**Hades:** Ah, não falo nada.

**R:** Não fala nada? E a última pergunta pra você: como que seria a escola dos seus sonhos?

**Hades:** Ah, sem pichação ... quadra coberta... mais bolas, mais... mais brincadeiras, mais festas na escola.

**R:** E sobre as aulas? As aulas, do jeito que tá, tão legais ou você acha interessante... é seu sonho também mudar alguma coisa?

**Hades:** Ah, podia ter... uma aula só para filmes... aula só de brincadeiras, assim é bom.

**R:** Você acha que uma escola assim seria a escola dos seus sonhos?

**Hades:** É melhor.

**R:** Seria melhor?

**Hades:** Era melhor.

**R:** Você quer falar mais alguma coisa?

**Hades:**(respondeu que não com a cabeça)

**R:** Não? Então tá jóia. Obrigada, viu?

**Hades:** Falar pra esses pichadores pensar muito, pensar duas vezes antes de pichar a escola.

**R:** Deveria pensar duas vezes?

**Hades:** O dinheiro é deles também.

**R:** E você não sabe o que significam essas pichações?

**Hades:** Não sei não.

**R:** Você olha e não entende? E quando você vê uma pessoa quebrando uma carteira, ou quebrando uma porta? O que que você pensa dele?

**Hades:** Ah, é dinheiro jogado fora.

**R:** E o que será que passa na cabeça deles enquanto eles estão fazendo isso?

**Hades:** Não sei. Acho que eles querem poder mais que os outros.

**R:** É?

**Hades:** Querem estar acima de todo mundo. Mas não pode fazer isso. (fala em voz bem baixa).

**R:** Então tá jóia. Obrigada viu?

**Entrevista com um aluno da 7ª série do período das 15h às 19h**

**Deucalião:** aluno

**R:** Qual é a função da escola na sua vida? Pra que que serve a escola pra sua vida?

**Deucalião:** Ah, pra melhorar minha vida, né.

**R:** E o que, como assim, melhorar como?

**Deucalião:** Ah, nos estudos, na minha vida, melhorar em tudo.

**R:** Tá. E o que que você mais gosta aqui da escola Zeus?

**Deucalião:** Ah, pra mim eu gosto de tudo.

**R:** Tudo?

**Deucalião:** Tudo.

**R:** Aula, espaço físico, tudo?

**Deucalião:** Tudo.

**R:** Tá. E o que você menos gosta? Você falou que gosta de tudo, mas tem alguma coisa que você não gosta muito? O que você não curte?

**Deucalião:** Ah, o que eu não gosto é de ver os outros destruindo a escola. Ah, apesar que eu também já fiz várias artes, mas agora eu já mudei tudo.

**R:** Por que que você mudou?

**Deucalião:** Ah, porque tenho apoio de todo mundo, todo mundo tá dando apoio, aí mudei.

**R:** E o que que você pensava quando ajudava a destruir a escola? Por que que você fazia isso?

**Deucalião:** À-toa.

**R:** À-toa? E o que que mudou então na escola pra fazer você mudar? Só o apoio das pessoas? De quem? Apoio de quem?

**Deucalião:** Dos amigos, da diretora...

**R:** Tá jóia. Bom, e pra você, como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante, mais legal?

**Deucalião:** Não sei.

**R:** Você gosta do jeito que ela tá?

**Deucalião:** Tá bom.

**R:** Não precisava ter mais nada, assim, pra ficar mais legal ainda?

**Deucalião:** Não.

R: Não? Hum, agora sobre a depredação que tem aqui, que até você uma época falou que fez, né? O que que você acha, por que será que ela acontece? Por que que tem coisas quebradas? É paredes pichadas...

**Deucalião:** Pra chamar atenção mesmo.

R: Só isso?

**Deucalião:** Só.

R: Então assim, se a gente vê um aluno quebrando carteira, quebrando porta, banheiro é só pra chamar atenção?

**Deucalião:** Só pra chamar atenção, ainda mais das meninas. Pra mostrar que é o bonzão.

R: Aí você acha que quem quebra é chamado de bonzão?

**Deucalião :** É.

R: É... o que que você acha que ela significa, a depredação? O que que ela tá querendo mostrar?

**Deucalião:** Não sei.

R: Só por que a pessoa que tá fazendo é boa?

**Deucalião:** É.

R: Isso. Você sabe a diferença entre a pichação e grafitegem?

**Deucalião:** Sei.

R: Fala pra mim então cada uma, o que significa.

**Deucalião:** Ah, grafitegem são desenhos, pichação não é autorizada, grafitegem é.

R: Tá. Pichação não é autorizada. Por que não é autorizada?

**Deucalião:** Não sei.

R: O que que mostra a pichação? O que que ela tá mostrando olhando ela?

**Deucalião:** Estão escritos nomes.

R: Só nomes?

**Deucalião:** Só nomes.

R: E a grafitegem, mostra o quê?

**Deucalião:** Ah, mostra arte, desenho.

R: E aí então quem picha só tem a idéia de colocar seu nome na parede? É isso?

**Deucalião:** É. Só colocar o nome na parede.

R: É... e o que que você pensa desses jovens que quebram a escola, que depredam?

**Deucalião:** Ah, do escrito deles eu não penso não.

R: Você não pensa nada sobre eles? Você olha, assim, eles fazendo... você já viu alguém fazendo?

**Deucalião:** Já.

R: O que que você pensa na hora que você vê?

**Deucalião:** Não sei pra que fazer isso.

R: Tá. E por que que será que eles escolhem a escola pra fazer isso? Que é lógico que a gente vê na rua pichações também, mas comparado à escola, você não acha que a escola tá bem pichada?

**Deucalião:** Ah, eles picham pra se mostrar, coloca o nome deles pra mostrar para as meninas que não têm medo de ninguém, da diretora, de ninguém, só pra se mostrar mesmo.

R: E você acha que existem outras formas deles se mostrarem? Tem chance deles mostrarem alguma coisa sem ser através da pichação?

**Deucalião:** Tem.

R: Que outro jeito você conhece?

**Deucalião:** Ah, tipo assim, se mostrar que é bom... tem o projeto fanfarra na escola que é uma coisa legal. Eu estou nela e gosto pra caramba.

R: E têm outras oportunidades além da fanfarra?

**Deucalião:** Não sei.

R: É? Você acha que a fanfarra é uma delas?

**Deucalião:** (respondeu que sim com a cabeça)

R: É... você mudou alguma coisa depois que entrou pra fanfarra também?

**Deucalião:** Mudei.

R: Agora me diz uma coisa, você não precisa citar nomes. Você conhece grupos que depredam a escola?

**Deucalião:** Conheço vários moleques na escola.

R: É? E você bate papo com eles e o que que eles falam quando quebram? Quebram mesmo só pra se mostrarem, ou eles tão querendo falar alguma coisa pra gente, nós professores, diretor?

**Deucalião:** É, muitos não gostam de muitos professores. Tem gente, tem moleque aqui na escola que não gosta da dona *Héstia*, da dona *Afrodite*, do *Teseu*. (três de seus professores)

R: E você acha que por não gostarem tem alguma relação com a depredação ou não?

**Deucalião:** Não sei.

**R:** Se você, por exemplo, não gostasse de algum professor naquela época que você deprecava, você faria alguma coisa?

**Deucalião:** Não.

**R:** Então tá. Agora a última pergunta: como seria a escola dos seus sonhos? Você imagina uma escola que você iria amar...

**Deucalião:** Ah, a escola que eu iria amar seria uma que não tivesse pichações, nada quebrado e respeito, que hoje em dia ninguém respeita ninguém.

**R:** Respeito de quem com quem na escola, por exemplo?

**Deucalião:** De aluno com professor, de aluno com aluno.

**R:** Então tá jóia. Você quer falar mais alguma coisa?

**Deucalião :**(respondeu que não com a cabeça)

**R:** Não? Então tá bom, obrigada viu?

**Deucalião:** De nada.

**Entrevista com um aluno da 7ª série do período das 15h às 19h.**

**Eros:** aluno

**R:** Eros, qual a função da escola na sua vida?

**Eros:** Ah, me preparar para o futuro, me ajudar pra ser melhor, procurar emprego. Porque eu fui procurar emprego, tem que ter no mínimo a oitava série.

**R:** Então a escola serve mesmo (pausa por causa de barulho) pra você, então, pra emprego mesmo, para o futuro, é isso?

**Eros:** Isso.

**R:** Tá. O que você mais gosta da Escola Zeus?

**Eros:** Ah, a infra-estrutura dela, tem uma infra-estrutura boa. Você precisa fazer um trabalho tem a sala de informática, é... o lanche é bom e... é uma escola boa.

**R:** Tá, e o que você menos gosta daqui?

**Eros:** Ah, muita pichação, muita bagunça é... o professor tem muito medo de certos alunos.

**R:** Tá. E pra você como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Eros:** Ah, tinha que ter mais segurança, mais fiscalização pra não ser pichada, e... é isso.

**R:** Tá. E o que você acha da depredação, desses quebra-quebras, até da pichação? Assim, por que será que acontece isso?

**Eros:** Ah, porque é aluno que não tem o que fazer. Num tem o que fazer vai fazer isso.

**R:** Você não acha... o que será que passa na cabeça deles pra eles fazerem isso?

**Eros:** Ah, sei lá.

**R:** Você acha que eles não gostam da escola ou até gostam e...

**Eros:** Não, eles gostam, mas querem fazer bonito pra se aparecerem.

**R:** Você acha que é só pra aparecer, você não acha (ele interrompe).

**Eros:** É só pra aparecer. Ele picha lugar alto e vai lá e fala para o outro: "olha lá onde eu consegui pichar". Aí o outro vai lá e tenta superar, quebrar ele, fazer mais alto.

**R:** Tá. Em comparação, por exemplo, quebrar porta, quebrar o banheiro, armários, o que você acha que eles pensam?

**Eros:** É porque eles vêm todo mundo olhando e querem mostrar que eles são fortes, querem dar um chute na porta e ver se a porta arromba, querem puxar o armário pra ver se o armário amassa, é isso aí.

**R:** Tá bom. É... qual a diferença, não sei se você sabe, entre a pichação e a grafiteagem?

**Eros:** A pichação é tipo um grafite, assim, são uns rabiscos, são tipo letras, só letras de fôrma mais diferentes. E o grafite é desenho, montagem de umas brincadeiras que inventa lá, inventa uma letra, bola, inverte no meio dos desenhos, tudo isso aí.

**R:** Tá. Assim, em comparação, o que você acha que quer dizer a pichação e o que quer dizer a grafiteagem? É diferente?

**Eros:** Ah, é diferente porque até a polícia sabe: se você está aqui no meio da rua, fazendo um grafite, ela vai passar, vai conversar com você, tudo. E se você estiver na rua fazendo uma pichação, a polícia vai catar e você vai assinar um 16: vandalismo.

**R:** Ah, tá. Então a grafiteagem não é considerada um vandalismo?

**Eros:** Não. E a pichação é vandalismo.

**R:** O que você pensa dos jovens que depredam a escola?

**Eros:** Ah, eu penso que eles deviam ter um pouco mais de consciência. A escola é deles, eles pagam por isso.

**R:** E por que você acha que eles escolhem a escola pra fazer isso? Porque a gente passa aqui na rua e vê os muros, eles não estão tão pichados como tá a escola

**Eros:** Ah, porque eles não vão fazer isso na casa deles ou na casa do amigo deles. Vão fazer aonde eles acham que não é deles, sendo que a escola é mais deles do que a casa deles.

**R:** Tá. Tipo... você falou que gosta da escola porque tem a oportunidade até de ir para informática e tudo o mais, que você curte a escola... E eles que fazem isso, quebram as coisas e picham?

**Eros:** Ah, eu acho que eles gostam também. Só que é o que eu falei: eles gostam de se aparecer.

**R:** É só isso mesmo?

**Eros:** É isso.

**R:** É, sem citar nomes, você conhece alguns grupos que picham e depredam a escola?

**Eros:** Conheço.

**R:** E você conversa com eles, eles têm... o que eles falam?

**Eros:** Ah, eu conheço todos, converso com todos, todos legais só que na verdade, todos usam drogas.

**R:** É? E você acha que a droga influencia no quebrar e no pichar?

**Eros:** Influencia.

**R:** Como seria a escola dos seus sonhos?

**Eros:** Ah, sei lá, sem pichação, mais respeito com os professores, isso aí.

**R:** Tá. E você acha, assim, no dia a dia na escola, com as aulas que tem, isso muda alguma coisa na cabeça desses alunos que picham, que depredam?

**Eros:** Não entendi.

**R:** É, por exemplo, nas aulas é conversado algo a respeito disso, será que o que eles conversam, os professores com os alunos, faz eles pensarem na escola de uma forma diferente pra não ter essa depredação, pra não ter essa pichação?

**Eros:** Ah, faz, mas eles não conseguem, já viciou já, isso aí vicia.

**R:** É?

**Eros:** Eu falo porque eu já fui pichador.

**R:** E por que você parou?

**Eros:** Ah, eu parei porque vi que não dava, não levava a nenhum caminho. Ó, eu só gastava dinheiro comprando spray, tinta, esses negócios. Isso aí nunca...é... roubava tinta... tipo, se eu passava em frente da sua casa e tinha uma lata de tinta lá dentro, eu esquematizava o lugar, uma semana pra eu pular lá e roubar a tinta, e isso aí não dá nada, eu tive que pagar leite, fui pego pela polícia, tive que pagar (uma das penas pra quem é pego pichando). Falei "eh, isso aí não é pra mim não!" e parei.

**R:** Aí você parou.

**Eros:** (Fez "sim" com a cabeça)

**R:** O que você acha, assim, quem picha não tem uma outra idéia além de querer se mostrar? Será que tá querendo mostrar alguma coisa? A escola dá oportunidade pra mostrar de uma outra forma?

**Eros:** Ah, a escola estava com um projeto de grafite. Todo mundo estava parando de pichar pra aprender a fazer o grafite. Só que não foi pra frente esse projeto.

**R:** Por que será que não foi?

**Eros:** Eu acho que não foi pra frente porque primeiramente: os moleques, os mais pichadores da escola mesmo, iam começar, aí eles acabaram de pintar o lugar,

foram uns engraçadinhos lá com o giz e pichou lá. Aí eles já desistiram e não tinham tinta também, não tinham nada pra eles pintarem de novo.

**R:** E você tem idéia, se tiver um projeto aqui na escola de grafiteagem, de estar participando?

**Eros:** Com certeza.

**R:** Então tá bom. Você quer falar mais alguma coisa?

**Eros:** Ah, se tiver mais alguma pergunta.

**R:** Não, não tenho. Você... tá tudo jóia?

**Eros:** Tudo bem.

**Entrevista com três alunos do 2º termo (equivalente à 6ª série) do período das 19h às 23h.**

**Prometeu:** aluno 1

**Cadmo:** aluno 2

**Hélio:** aluno 3

**R:** Então eu pergunto primeiro para o *Prometeu*: *Prometeu*, qual é função da escola na sua vida?

**Prometeu:** Na minha vida? Começa com ele dona, primeiro. (apontou para o *Cadmo*)

**R:** Então tá bom. Quem então? Vai o *Cadmo*? (risos). Vai *Cadmo*, pra que serve a escola pra você, na sua vida?

**Cadmo:** Pra estudar, pra aprender, ensinar. Ichi, complicou, hein?

**R:** Fala, *Hélio*.

**Hélio:** Pra ter um bom futuro, pra ensinar nós, pra...

**R:** Bom futuro em que sentido? Como assim bom futuro?

**Hélio:** Um bom emprego.

**R:** Então tá. E vamos lá...o *Prometeu*: O que você mais gosta na *Zeus*?

**Prometeu:** O que mais gosto? Estudar a aula de matemática.

**R:** É? Matemática você gosta mais. E você, *Hélio*? O que você mais gosta aqui da *Zeus*?

**Hélio:** Ah, aula de Biologia, de História, é... Física.

**R:** Mais a aula, mesmo? E sem ser as aulas, mais alguma coisa que você gosta?

**Hélio:** Não.

**R:** E você, *Cadmo*?

**Perséfone:** Biologia e Matemática.

**R:** Tudo relacionado à aula. Fora isso não tem mais alguma coisa que vocês gostam?

**Hélio:** Não.

**R:** Não? E o que vocês menos gostam aqui da *Zeus*? Você, *Prometeu*?

**Prometeu:** Ah, é o pessoal.

**R:** O pessoal da escola de um modo geral ou os alunos, professores?

**Prometeu:** Os alunos.

**Hélio:** É, têm uns professores que são ruins, muito ruins.

**R:** Por que tem professor que é ruim?

**Hélio:** Porque sim, porque fica xingando, falando um monte quando faz algum negócio errado.

**R:** Mas que tipo de coisa errada? Por que eles xingam vocês?

**Hélio:** Ah, se chega atrasado fala um monte, quando chega atrasado lá do recreio eles falam um monte.

**R:** Tá. E você *Cadmo*? O que você menos gosta aqui da *Zeus*?

**Cadmo:** Esses moleques ficam sujando a escola, pichando a parede.

**R:** Você não acha legal a pichação?

**Cadmo:** Não acho.

**R:** Tá. É, pra vocês como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Prometeu:** Ter uns bons professores.

**Hélio:** Ter a escola limpa e ter tudo em ordem.

**R:** E pra você, *Cadmo*?

**Cadmo:** Mais alunos e mais ensinamentos.

**R:** Você acha que falta isso?

**Cadmo:** Falta.

**R:** Tá. E relacionado ao físico da escola, o que seria mais interessante ter aqui também? Porque vocês falaram de aulas, de professores. E relacionado ao prédio?

**Prometeu:** Fala vocês.

**Hélio:** Ao prédio?

**R:** Falta alguma coisa pra ser mais legal em geral?

**Cadmo:** Em geral?

**R:** Em geral.

**Cadmo:** Eu acho que faltava uma quadra, né?

**Hélio:** É, faltava uma quadra. Neguinho dá aula de física pra nós, essas aula tudo doida, quem estuda à tarde faz de manhã, quem estuda de manhã faz à tarde. Só à noite que não tem.

**R:** À noite não tem Educação Física? Por que você acha que não tem?

**Hélio:** Ah, Dona, eu não sei.

**R:** Será que é porque quem estuda à noite eles acham que trabalha, é isso?

**Hélio:** É.

**R:** E aí mesmo você falando que não trabalha não tem Educação Física?

**Hélio:** É. Eles não dão.

**Prometeu:** Eles falam que vai ter campeonato, chega na hora não tem.

R: Então tá bom. Agora eu quero que vocês falem um pouquinho pra mim sobre a depredação. Por que será que ela acontece aqui na escola? Por que será que tem tanta coisa quebrada?

**Prometeu:** Por causa dos rebeldes dos alunos pequenos.

R: Por que rebeldes? O que eles...

**Prometeu:** Porque não tem disciplina na escola. O professor, ele chega e já quer ser mais do que os outros.

R: Os professores? E aí os alunos acabam quebrando por causa disso?

**Hélio:** É, eles querem ser mais que nós.

R: E todos os professores são assim?

**Hélio:** Ah, a maioria.

R: E você, *Cadmo*? O que você acha?

**Cadmo:** Eu acho que os alunos não têm divertimento. Quando a Dona fica brigando com eles, eles vão lá e ficam descontando na escola, ficam quebrando as telhas e sujam toda a escola. Ficam com raiva da Dona e descontam na escola.

R: E o que vocês acham que passa na cabeça desses meninos que quebram mesmo, quebram porta, vão lá no banheiro e quebram tudo lá, o que se passa na cabeça deles? Eles quebram só porque estão revoltados por causa dos professores?

**Prometeu:** Por causa dos professores.

R: Você também acha isso?(aponto para o *Hélio*)

**Hélio:** Acho.

R: Também, *Cadmo*?

**Cadmo:** Sim.

R: Agora outra coisa: a gente já sabe que aqui na escola tem uma grafitegem ali embaixo, né? Queria que vocês pudessem me dizer qual é a diferença entre a pichação e a grafitegem?

**Hélio:** Pichação é uma coisa e a grafitegem... porque grafitar você cata e começa a grafitar. Pichar você cata a tinta e começa a escrever, né.

R: Escreve o quê?

**Hélio:** Ah, escrever um monte de negócio doido.

**Cadmo:** Eu acho que grafite... é... pichação é muito de letra tudo "escritona".

**Hélio:** É, e grafite dá pra você entender.

**Cadmo:** E grafite é, tipo assim, escrever o nome seu na escola? Nome de coisa ruim.

**R:** Tá. A pichação está querendo passar o que pra gente?

**Cadmo:** Só está fazendo a escola ficar mais pior ainda. A escola fica limpinha, daí os moleques vão lá e picham, fica tudo sujo.

**R:** E a grafiteagem? O que será que ela quer passar pra gente? Vocês já viram grafiteagem em algum outro lugar?

**Prometeu:** Já. Lá na escola do Jardim Gaia (bairro que fica ao lado da escola Zeus)

**R:** Lá tem?

**Prometeu:** Tem.

**R:** E vendo a grafiteagem é diferente do que ver uma pichação?

**Prometeu:** É.

**R:** O que vocês vêem numa grafiteagem?

**Prometeu:** Desenho.

**R:** O que vocês pensam desses jovens, desses alunos que depredam a escola, o que vocês acham deles?

**Hélio:** Ah, eles não têm um bom futuro, só querem saber de pichar.

**Cadmo:** Eles não pensam na escola. Só porque a escola tá limpa, vão lá querendo sujar.

**Prometeu:** Eu acho a mesma coisa.

**R:** Por que vocês acham que eles escolhem a escola pra pichar, pra quebrar?

**Hélio:** Acho que eles acham melhor a escola, né?

**Cadmo:** Porque eles não podem fazer na casa deles. Se fizerem na casa deles sabem que apanham.

**R:** Então, aí vem na escola?

**Prometeu:** Faz na escola... não é só na escola, né? É num monte de lugar.

**R:** Mas assim, eu passando na avenida vejo poucos muros tão pichados quanto tá nessa escola.

**Cadmo:** Ah, porque eu acho que tem medo da polícia, né? A polícia passa as...

**R:** E aqui, aqui não tem problema nenhum pichar?

**Cadmo:** Ah, o guarda não fica aqui. Quando tá aqui, eles picham pra lá.

**R:** Tá. Sem citar nomes, vocês conhecem pessoas que picham e quebram a escola? Conhecem?

**Prometeu:** Conheço.

R: Batem papo com essas pessoas?

**Cadmo:** Mais ou menos.

R: Mais ou menos?

**Cadmo:** Só tem um que eu conheço bem, só.

R: E aí o que eles comentam das pichações?

**Cadmo:** Ah, falam que é da hora, falam que pichar é da hora, é legal.

**Hélio:** Falam que jogar "têque" no muro é a coisa mais legal que tem.

R: Jogar o quê?

**Hélio:** Jogar têque.

**Cadmo:** Têque é pichar.

R: Ah! É outra...

**Cadmo:** Tipo assim, você escreve o nome assim...

**Hélio:** É uma técnica.

R: Ah, tá. E vocês conhecem os grupos que picham? Têm nomes, né?

**Prometeu:** Têm.

R: Quais são?

**Hélio e Cadmo:** "Rebeldes", "Bravos", tem um monte.

R: E vocês já andaram com alguns grupos?

**Cadmo:** Não. Já andei pra ir pra escola.

**Hélio:** É, à noite tem uns aí.

**Prometeu:** Têm uns aqui à noite.

R: Tá. Agora responde pra mim a última pergunta. Cada um fala o que pensa: como seria a escola do sonho de vocês?

**Cadmo:** Queria que a escola fosse bonita, assim, limpinha, sem pichar nada e os alunos tivessem mais respeito pela escola e mais coisas.

**Hélio:** Ah, queria que a escola fosse maior, tivesse mais professor, mais disciplina, que os professores dessem boas aulas, mas eles não fazem isso.

R: E você relaciona assim, não ter uma boa aula às pichações e depredação ou não?

**Hélio:** Sim.

R: Você acha que se tivesse aulas diferentes teriam alunos que não pichariam ou não quebrariam a escola?

**Hélio:** Sim.

**Cadmo:** Importa. Por exemplo, assim, aquela hora a gente falou de Física, assim, ter Educação Física à noite. Se tivesse, todo mundo iria ficar feliz, alegre, iria parar de ficar rebelde, xingando os professores.

**R:** E de ficar quebrando?

**Cadmo:** É.

**R:** E você, o que acha?(aponto para o *Prometeu*)

**Prometeu:** Uma boa escola, uns bons professores, uns alunos bons, aí a escola vai bem.

**R:** E o que é um professor bom pra você?

**Prometeu:** Que ensina, explica direitinho, que explica. Têm uns que só passam, explicam uma vez só e já pára. Tem que explicar certinho.

**Cadmo:** Têm uns que... a Dona quer explicar pra todo mundo, daí uns ficam conversando e a Dona não quer passar mais.

**R:** Daí quem tá quieto não...

**Cadmo:** Por causa de um, a Dona não quer explicar mais.

**R:** Tá. E você acha que isso gera uma revolta também?

**Cadmo:** É, daí todo mundo fica com raiva da Dona.

**R:** Vocês querem falar mais alguma coisa?

(todos fazem "não" com a cabeça)

**R:** Então tá bom. Obrigada.

**Entrevista com duas alunas de uma 7ª série do período das 15h às 19h.**

**Atalanta:** aluna 1

**Ártemis:** aluna 2

**R:** Bom, então vamos começar. É, eu queria saber de vocês, aí cada hora uma começa, qual é a função da escola na vida de vocês?

**Ártemis:** Pra mim a escola é importante, porque nela a gente aprende tudo, né, que a gente tem que aprender. Só que... assim, ela devia melhorar por causa das bagunças... devia ter menos pichação na escola, só que os alunos não cooperam.

**R:** E você?

**Atalanta:** É, a mesma coisa que ela falou, né. A gente tem que estudar pra ser alguém na vida mais tarde, né? Mas têm alguns alunos que não cooperam. Não é de uma sala só, são de várias, né. Ficam cobrindo vagas das outras pessoas que querem estudar, e também atrapalham quem quer, dentro da sala de aula.

**R:** Tá. E por que que vocês acham que esses alunos agem assim aqui na escola?

**Ártemis:** Ah, deve ser problema né, de pai e mãe que não querem saber dos filhos. Aí eles também não querem saber dos pais e não querem saber de nada da vida.

**R:** É... Então o que eles trazem pra escola é alguma coisa que eles tiveram problema em casa?

**Ártemis:** É. É o que eu acho.

**R:** É o que você acha, *Atalanta*? Você também?

**Atalanta:** Eu acho que não. Eu acho que o aluno que tem que saber, ter consciência, né, do que ele está fazendo. O pai, tem pai e mãe que obrigam os alunos, para o bem estar dos filhos, só que eles não escutam.

**R:** Então tá. O que que vocês mais gostam aqui da escola *Zeus*?

**Atalanta:** Ah, tem professor que é legal, né. Só que tem uns professores que... não dão não. A gente já tentou, a gente já estudou com ele dois anos e não dá. Tem professor que é muito ignorante, né?

**R:** É?

**Atalanta:** Só que tem professor, assim, que é legal, conversa bastante com a gente, dá atenção pra gente. Agora tem professor que só sabe gritar com a gente.

**R:** Então esses alunos que vocês comentaram que acabam sendo um pouco revoltados aqui na escola, é... como eles lidam com esses professores mais legais, eles são do mesmo jeito ou não?

**Atalanta:** Ah, eles são legais com os professores também, né, aí sim que eles tomam mais liberdade.

**R:** Ah é? Mesmo o professor tendo amizade mais com eles, eles também aprontam?

**Atalanta:** Ah, só que daí não é tanto quanto professor que não dá atenção pra gente. Aí eles já são mais assim, calmos.

**R:** Quer falar alguma coisa?

**Ártemis:** É, eu acho errado que tem professora que... finge que o aluno não existe dentro da sala. O aluno até tenta fazer alguma coisa só que o professor, na chamada, é como se não tivesse o nome dele na lista. Tem alunos na nossa sala que são assim. E tem professora que faz isso também. E quando, assim, professor... assim, bem legal, eles fazem a lição, tentam estudar, pedem ajuda e tudo nas provas, mas quando é professor chato, eles nem tentam. Às vezes os professores mandam sair da sala, então eles nem tentam.

**R:** Tá. Então é... o que vocês falaram que o que vocês mais gostam aqui na escola são os professores legais, e aí a próxima pergunta é o que menos gostam. Vocês acabaram falando alguma coisa, né, de professores que acabam ignorando os alunos, tem alguma outra coisa que vocês não gostam aqui?

**Atalanta:** Ah, tipo assim, das pichações também, né, da escola. Eu acho feio. Porque, ó, uma escola assim bonita, aí ter uma monte de pichação é feio.

**R:** Tá, é só a pichação que te incomoda aqui nessa escola?

**Atalanta:** É pichação, muita briga das meninas também, né. Qualquer coisinha, elas tão brigando. Qualquer coisinha é briga e não vira assim.

**R:** É? Tá. Pra vocês, pra escola se tornar mais interessante, o que que seria legal acontecer?

**Atalanta:** É, é bom ter menos pichação, as meninas serem mais calmas, né? Daí é que nem na escola da minha prima: lá não tem pichação, não tem nada disso. Só que... lá no banheiro tem espelho, só que não dá nem para colocar espelho aqui porque se não os outros quebram, levam pra casa, aí não tem como.

**R:** Mas o que será que acontece na escola dessa sua amiga que não acontece aqui, pra lá não ter pichação nem quebra-quebra e poder ter espelho no banheiro? O que que ela comenta?

**Atalanta:** Ah, ela fala, porque as meninas lá é... todo mundo coopera com isso. Todo mundo, ninguém faz nada, cada um na sua... eles estão lá como se fossem dentro da casa, da própria casa deles.

R: É uma escola pública também? É aqui perto?

**Atalanta:** É lá em Hortolândia.

R: Em Hortolândia? Mas é pública também?

**Atalanta:** (Afirma com a cabeça) Tem rádio na hora do intervalo...

R: É bem diferente então?

**Atalanta:** É bem diferente.

R: E... pra você *Ártemis*, pra se tornar mais interessante aqui, tem alguma outra coisa, além do que ela falou?

**Ártemis:** É necessário ter educação dos alunos também, porque aqui tem muito gente que não tem educação. Só sabem xingar...

**Atalanta:** Não só os alunos...

**Ártemis:** É, os professores também. Aí precisava...é mais por causa dos alunos que a gente não tem várias coisas na escola, né? Porque senão a gente poderia ter espelho que nem nas outras escolas, poderia ter rádio, mas eles num cooperam, não têm educação.

R: O que vocês acham da depredação aqui? Por que que será que ela acontece?

**Atalanta:** É... porque os alunos não ajudam, né, os outros a ganhar. Eles só querem saber deles, eles não pensam nos outros.

R: É? Você também acha isso?

**Ártemis:** Também.

R: E... o que que vocês acham que significam tanto é... quebra de materiais, é... arrombamento de armários e essas pichações, o que que elas é... significam?

**Atalanta:** Ah, significam que os meninos não pensam nos outros, né *Ártemis*? E eles só pensam neles, não querem saber se a mãe e o pai são pobres, se são ricos, não pensam.

R: É, qual a diferença, vocês sabem, entre a pichação e a grafiteagem?

**Ártemis:** É que a pichação é uma coisa que polui, né, e a grafiteagem já não.

**Atalanta:** A grafiteagem é, assim, uma coisa mais bonita que eles pintam, agora a pichação não, eles fazem um monte de rabisco no muro dos outros sem permissão... grafiteagem não, eles vão lá, pedem se podem fazer uma coisa da hora, assim, bonitinha, agora pichação, não vira.

R: E seria interessante aqui na escola então... ter grafiteagem ao invés de pichação?

**Atalanta:** Seria bem melhor do que pichação.

R: Porque tem alunos que não concordam, nem grafiteagem. Vocês já acham que é interessante ter a grafiteagem.

**Ártemis:** É, grafiteagem é interessante porque daí assim os alunos que picham, vão se interessar pela grafiteagem, né? Daí vão deixar de pichar.

R: É, você acha que tendo grafiteagem eles não picham?

**Ártemis:** É, não assim, né, mas pelo menos param um pouco.

**Atalanta:** Pichar vai ter sempre alguns, né?

R: E o que que vocês pensam desses meninos, dessas meninas que quebram os mobiliários e picham a escola assim, o que que vocês pensam deles?

**Ártemis:** Ah... são tudo uns... manés, né, que não sabem aproveitar a escola que têm. O que eles têm que aproveitar é a escola pra estudar, pra ser alguém na vida mais tarde, mas eles não aproveitam, querem sempre destruir.

R: Você também acha isso, *Atalanta*?

**Atalanta:** (respondeu que sim com a cabeça)

R: E por que que vocês acham que eles escolhem a escola pra fazer isso?

**Atalanta:** Porque é o lugar que passam várias pessoas, né, e eles querem ser... querem dar ibope, né? Daí passam várias pessoas, aí dizem: "nossa! Olha lá aquela pichação!. É tal, é fulano..."

R: E dá pra reconhecer a pichação de quem que é?

**Atalanta:** Dá. Pra quem entende, dá.

R: É? E pra quem é... quebra mesmo os móveis e tudo mais? Que a pichação pelo menos tem uma marca e você tá vendo. E por que será que eles quebram carteiras, quebram portas, banheiros?

**Ártemis:** Porque não são eles que compram, né. Porque não são eles que dão o esforço deles pra dar o dinheiro lá pra comprar.

R: E por que que será... o que que passa será na cabeça deles para quebrar essas coisas? Vocês já viram alguém quebrando?

**Ártemis:** Eles pensam que não são deles, eles falam assim: "ah, não é meu então que se dane!"

R: É? Tá. É, penúltima pergunta: vocês conhecem alguns grupos, tanto que picham, não precisam falar nome nem nada, se vocês conhecem grupos que picham e que quebram a escola? Têm grupos na escola?

**Ártemis:** Têm.

**Atalanta:** Têm.

**R:** Vocês conhecem alguns?

**Atalanta:** Conhecemos.

**Ártemis:** Na nossa sala tinha, né, é... uns meninos que arrombaram o armário, né? Daí ficava pedindo, a diretora, ela ia na sala pedir para o pessoal ligar, pra mostrar quem foi, eu acho que ninguém ligou.

**R:** É? Mas aí vocês conhecem, então? E quando vocês os vêem, vocês não se intrometem?

**Atalanta:** Não.

**R:** Por quê?

**Atalanta:** Ah, porque eles só sabem resolver na confusão, né? Ah, ou é batendo, ou é matando.

**R:** Então é melhor não se intrometer, né? Última pergunta, gente: eu queria que cada uma falasse pra mim, como seria a escola do sonho de vocês?

**Ártemis:** Ah, a escola seria assim: ela toda pintada, sabe, sem nenhuma pichação, com espelho no banheiro, o povo todo vindo de uniforme. Ia ser obrigatório todos virem de uniforme, não ter aquele que diz: "ah, não vou ... quero ver quem vai me obrigar!" Quem não quisesse vir, mudaria de escola... É... ter espelho, assim, no banheiro, rádio na hora do intervalo, televisão, assim, tipo assim, na... é...(aponta para o refeitório que era onde estava sendo feita a entrevista)

**R:** No refeitório, aqui?

**Ártemis:** É. Professor que é chato ser mais legal com os alunos, conversar com os alunos.

**R:** E pra você?

**Atalanta:** Ah, a escola assim tá boa, só que o que não tá bom são os alunos que não tão... Como posso dizer, que não tão cooperando, só com pichação. Então a escola tinha que ser mais limpa, os alunos mais educados e os professores também.

**R:** Então tá bom. Querem falar mais alguma coisa?

(dizem "não" com a cabeça)

**R:** Não? Então tá bom. Obrigada.

**Entrevista com duas alunas (uma da 5ª série e outra da 6ª série) do período das 11h às 15h.**

**Io:** aluna da 5ª série

**Europa:** aluna da 6ª série

**R:** Qual é a função da escola para vocês? Pra que serve a escola na vida de vocês?

**Io:** Pra educar.

**Europa:** Pra planejar às vezes o nosso futuro, nos ensinar.

**R:** E o que vocês mais gostam aqui da escola *Zeus*?

**Io:** Ah, eu gosto de tudo.

**R:** Tudo?

**Io:** Tudo.

**R:** E você? (aponto para *Europa*)

**Europa:** Dos professores.

**R:** É o que você mais gosta? E o que vocês menos gostam aqui na *Zeus*?

**Io:** Ah, de ver a escola suja assim.

**Europa:** Da organização... é... o mesmo que ela respondeu.

**R:** Vocês acham que falta organização?

**Europa:** Falta.

**R:** Pra vocês como a escola deveria ser para se tornar mais interessante? O que deveria ter, o que deveria acontecer pra escola ficar mais legal ainda?

**Europa:** Ai... (silêncio) Ter mais espaço, tipo assim, separar as salas, deixar assim, sexta (série), cada horário. Porque não tem como fazer isso, mas se fosse possível assim, dividir os horários certinhos.

**R:** Tipo sexta com sexta e quinta com quinta?(no horário das 11h às 15h há salas de primeiras, segundas, quintas e sextas séries e no próximo horário há sextas séries também)

**Europa:** Porque no horário das onze às três só tem duas sextas séries, né?

**R:** E você?(me dirijo à *Io*)

**Io:** A mesma coisa.

**R:** É? E o que vocês acham da depredação aqui na escola? Vocês sabem né, tem bastante carteira quebrada, os banheiros estão quebrados, tem pichações, o que vocês acham disso?

**Europa:** Ah, uma falta de higiene, falta é... os alunos parecem, sei lá, que não sabem o quanto pagou pra fazer isso.

**Io:** É a gente mesmo que usa, a gente precisa disso tudo.

**Europa:** É.

**R:** Tá. E vocês sabem o que significa essa depredação e essas pichações? O que querem mostrar pra gente ao quebrar e pichar a escola?

**Europa:** Ah, que eles não gostam de estudar eu acho! (Risos).

**R:** E você?

**Io:** A mesma coisa também.

**R:** E qual a diferença, não sei se vocês sabem, entre a pichação e a grafiteagem?

**Europa:** Ah, porque na nossa sala eles colocaram papéis de grafite e eles colocaram a diferença que eles picham na parede assim, e não no papel e... O grafitado eles falam que é mais pra folha e não parede.

**R:** E você, acha isso também?

**Io:** Também.

**R:** O que vocês pensam desses jovens que depredam a escola?

**Io:** Eles deveriam estudar mais porque seria bom pra eles mesmos. O que eles fazem é pior pra eles.

**R:** Mas o que passa na cabeça deles pra eles fazerem isso?

**Europa:** Ah, eu acho que, tipo assim, a maioria das pichações que a gente vê na parede é nome, né? Aí eu acho que eles querem se mostrar, sei lá, pelo nome.

**Io:** Quer ter poder.

**R:** E quebrar as coisas? O que passa na cabeça deles pra fazer isso?

**Europa:** Não querem estudar (risos).

**R:** E aí quebrando não estudam. É isso?

**Europa:** É, mas antes não tinha nem cadeira, nem carteira e estudava, né?

**R:** Por que eles escolhem a escola pra pichar e quebrar as coisas?

**Europa:** Ah, eu acho que na casa deles eles não são livres pra fazer isso.

**R:** Aí eles escolhem a escola porque eles acham que têm mais liberdade?

**Europa:** É.

**Io:** Porque a casa dele é dele e na escola eles pensam, assim, que é a prefeitura que paga. A casa deles eles preservam, a escola não e eles pensam que é a prefeitura que paga, mas na verdade é a gente mesmo, por causa dos impostos.

R: Sem citar nomes, que grupos vocês apontariam que fazem esse tipo de coisa? Não precisa falar "é o grupo tal", vocês conhecem algum grupo que faz isso, picha, quebra? Já viram alguém fazendo isso?

**Europa:** Vi muito!

R: Conhecem, conversam?

**Europa:** Não, conhecer de conhecer assim direito não.

R: Mas vocês já viram?

**Europa:** Já.

R: Como são essas pessoas?

**Europa:** É tudo gente mais alta, como ela diz, que quer ter poder.

R: E agora a última pergunta: como seria a escola dos sonhos de vocês?

**Io:** Ah, seria bem mais organizada, limpinha, com bastante higiene, ter tudo em ordem... ah, com alunos bem prendados, né? Com alunos ótimos.

R: E você?

**Europa:** Ah, com alunos educados, com uma carteirinha pra cada um, que lá na classe a gente tivesse um armário pra deixar as nossas coisas, com segurança a escola, né?

R: E em relação às aulas? Vocês gostam ou gostariam de algo mais? Como é?

**Europa:** Os professores são ótimos, né. O pior são os alunos que não deixam a gente entender.

R: Vocês querem falar mais alguma coisa?

(Fizeram "não" com a cabeça)

R: Então, muito obrigada.

**Entrevista com uma aluna da 6ª série do período das 15h às 19h.**

**Andrômeda:** aluna

R: Qual a função da escola na sua vida?

**Andrômeda:** Ai, como assim?

**R:** Pra que a escola serve pra você?

**Andrômeda:** Ah, para os meus estudos, dona, para uma vida melhor pra mim.

**R:** Tá. E o que você mais gosta aqui da escola Zeus?

**Andrômeda:** O que eu mais gosto? Nossa, tem tanta coisa, dona!

**R:** Fala algumas pra mim.

**Andrômeda:** Ah, a escola é esforçada, mas precisa mais de... tem gente que quer mandar na escola, dona e isso eu acho errado.

**R:** Que tipo de gente?

**Andrômeda:** Ah, tem moleque, tem menina, até menina que pensa que só porque mora em tal lugar quer mandar na escola, dona, quer comandar a escola. Daí já é errado.

**R:** Tá. Essa seria a próxima pergunta: o que você menos gosta. Você acabou falando isso, tem mais alguma coisa que você não gosta?

**Andrômeda:** Não.

**R:** É mais isso mesmo, gente que quer mandar. São só os alunos que querem mandar?

**Andrômeda:** Ah, só. Agora os professor têm direito, os alunos não.

**R:** Pra você, como a escola deveria ser para se tornar mais interessante?

**Andrômeda:** Ai, dona, menos pinchada, o ensino mais... não mais forte, mas levar mais a sério, então precisa levar mais a sério.

**R:** O que você acha da depredação? Por que ela acontece aqui na escola? Essas esses quebra-quebras, essas pichações?

**Andrômeda:** Vandalismo dona!

**R:** O que é vandalismo pra você?

**Andrômeda:** Ai, dona, gente que pensa que é só pra eles, que só tem as coisas pra eles e tudo o que vêem tem que quebrar.

**R:** Mas o que você acha que passa na cabeça dessas pessoas que quebram, que picham?

**Andrômeda:** Ah, "eu posso, eu faço isso na hora que eu quiser". Eles pensam assim: " Porque eu posso, eu faço isso na hora que eu quiser". Daí eles falam: "ah eu faço isso porque eu comando", mas nada a ver.

**R:** E você sabe o que significa a depredação e a pichação? O que elas querem mostrar?

**Andrômeda:** Ah, dona, acho que do meu ponto de vista pichação é arte, tem gente que fala que é arte. Agora depredação eu não sei, é falta do que fazer. Pensa que pode.

**R:** Tá. Pichação você falou que é arte. Esses riscos então, na parede, são arte?

**Andrômeda:** Isso aí não é arte não, dona.

**R:** Mas o que é arte que você falou?

**Andrômeda:** Dona, arte é você pegar o muro, dona, e fazer um negócio bem da hora, um bomber, alguma coisa. Agora esses negócios...

**R:** Você tá falando de grafiteagem?

**Andrômeda:** Tem bomber, o grafite e a pichação. Agora têm uns, dona, nossa, que relaxam. Igual aquele ali na frente, aquilo foi um bomber.(aponta para um muro fora da escola que tem algo escrito com umas letras desenhadas, diferente das pichações que parecem códigos)

**R:** Bomber é diferente de grafiteagem então?

**Andrômeda:** É.

**R:** Qual a diferença dos dois?

**Andrômeda:** Ah, dona, grafite tem sombra, esses negócios, agora bomber, não. Já é diferente, as letras já são mais grudadinhas, já são mais...

**R:** E a pichação, o que a pichação quer mostrar?

**Andrômeda:** Nada.

**R:** Nada? Por que as pessoas picham então?

**Andrômeda:** Ai, dona...

**R:** O que tá escrito olhando assim, você consegue identificar? (aponto para uma pichação na parede da escola)

**Andrômeda:** Consigo.

**R:** Então, o que querem mostrar?

**Andrômeda:** Ah, apelido, nome... tem gente que fala assim: "eu picho pra ser conhecido". Eles falam assim.

**R:** Você já me falou qual a diferença entre pichação e grafiteagem. O que você pensa dos jovens que quebram a escola e picham?

**Andrômeda:** Ai, grafiteagem, pichar, fazer bomber eu acho até bom, mas agora começar a quebrar as coisas, assim, igual tem gente que arromba o armário, isso daí já é errado. Porque as coisas não são só deles. Todo mundo usa, todo mundo é dono da escola, eles não têm direito de ficar quebrando a escola.

R: Tá. Mas aí pichar e grafitegem, essas coisas, você acha legal?

**Andrômeda:** Acho. Mas igual a escola tá, não.

R: Por quê? Como a escola tá?

**Andrômeda:** A escola, dona, tá toda suja.

R: Tá muito pichada você acha?

**Andrômeda:** Tá, dona.

R: Mas como poderia fazer, então? Porque você acha legal pichar, mas do jeito que está não dá. Deveria ter menos pichação?

**Andrômeda:** Devia ter menos dona, porque acho que tem lugar certo pra fazer e pra não fazer. Agora na escola? Daí a gente recebe uma visita e dá até vergonha. Todo mundo fala: "nossa, aquela escola é tudo pichada". Porque já falaram, dona.

R: Ah, é? Mas aí você vê uma pichação, você também faz, mesmo fazendo você consegue pensar que não é legal fazer aqui na escola e fazer em outro lugar?

(Silêncio)

R: Por que eles escolhem a escola pra fazer isso? Porque é lógico, aí na rua também tem pichação, mas a escola tem bem mais. Por quê?

**Andrômeda:** Ah, dona, eu acho que é pra todo mundo falar bem assim: "esse aqui é tal, aquele ali é tal"... pra ficar bem conhecido.

R: Sem citar nomes, que grupos você apontaria como causadores da depredação e da pichação? Você conhece alguns?

**Andrômeda:** Conheço.

R: Você tem alguns nomes, não das pessoas, dos grupos.

**Andrômeda:** Tenho.

R: Fala alguns pra mim.

**Andrômeda:** "As Minas", "Os Doidos", "Os Manos", "Os Ás", "Spider". Tem um monte, dona.

R: E esses estudam mais no período da tarde, da noite?

**Andrômeda:** Estudam.

R: Como seria a escola dos seus sonhos?

**Andrômeda:** A escola do meu sonho? Ai, dona, uma escola sem pichação, é, sem vândalo, lógico, uma escola calma porque essa escola não é calma.

R: Mas você falou sem pichação, mas você falou que é legal pichar a escola. Como assim sem?

**Andrômeda:** Ai dona, como assim sem?! É igual na escola que eu estudava, dona. Sabe, tinha uma parede que todo mundo tinha seu nome lá, sabe, todo mundo tinha direito lá. Daí por isso eles fizeram a parede pra escrever o nome lá, pra não pichar a escola, entendeu?

**R:** E deu certo?

**Andrômeda:** Deu. Isso tudo lá no *Asclépio* (escola próxima da *Zeus*), dona, a senhora conhece?

**R:** Conheço. Eu dei aula lá já. Me diz uma coisa, então. Por que você não sugere, então, pra ter uma parede aqui na escola?

**Andrômeda:** Ah, dona, posso até sugerir, mas não é todo mundo que tem o mesmo pensamento que eu.

**R:** Você quer falar mais alguma coisa sobre a escola dos seus sonhos ou já tá bom?

**Andrômeda:** Já tá bom.

**R:** Obrigada.

## **Entrevista com uma professora de Artes de 5ª à 8ª série.**

**Alcmena:** professora

**R:** Qual a função da escola na sua vida?

**Alcmena:** Para eu me realizar profissionalmente, pra eu conseguir transmitir para os alunos é, o meu conhecimento ... para poder dar uma contribuição social para... para o mundo, né? Pelo menos aqui onde eu vivo. Então, eu acho que trabalhando com arte eu estou ajudando de uma certa forma, eu acho que estou ajudando o mundo, né? Cada um faz sua parte, eu faço a minha aqui na escola.

**R:** E o que você mais gosta aqui da *Zeus*?

**Alcmena:** Dos alunos ... dos professores.

**R:** E o que você menos gosta?

**Alcmena:** Da falta de espaço.

**R:** Um grande problema da *Zeus*, né?!

**Alcmena:** É.

**R:** Pra você, como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante? Acho que o espaço já inclui, né?

**Alcmena:** Espaço, ter uma sala, no meu caso uma sala ambiente de artes, com prateleiras pra poder fazer trabalhos manuais e deixar esse trabalho dentro da sala nas prateleiras, né, nos armários secando, pra poder dar, por exemplo, trabalho de pintura e deixar esse trabalho secando. Porque o problema é que pela falta de espaço, se eu começo um trabalho na sala de aula, o aluno começa e não pode... não termina, obviamente que uma aula só não dá pra terminar trabalho, ele tem que levar esse trabalho pra casa e nesse trajeto ele estraga o trabalho, esquece o trabalho, então não dá pra dar continuidade, né? Se eu tivesse sala ambiente, o aluno poderia pegar o trabalho e continuar trabalhando. Eu acho que isso ajudaria bastante. E... eu poderia, se eu tivesse o espaço, pra ter o material organizado. É, eu preciso às vezes, eu preparo uma aula e o aluno não tem o material. Se eu tivesse uma sala com todo o material, eu preparo uma aula e poderia realizar porque eu tinha o material ali disponível. Mesmo que o aluno não trouxesse alguma coisa eu teria. Ou poderia até na hora mudar a aula daquele dia porque tem o material disponível, agora assim não, não dá.

R: E em relação à escola de um modo geral, mesmo? Porque aí você comentou mais da sua área, né? E de um modo geral, como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Alcmena:** Bom...(silêncio)

R: O que você acha da depredação? Por que ela acontece aqui na Zeus?

**Alcmena:** Eu acho que é falta de... orientação dos professores com os alunos, né? Eu acho que é conscientização dos alunos, no sentido de informação que... o... a escola é um patrimônio público e o aluno não tem essa consciência. Então se ele tivesse consciência, se ele soubesse o que é patrimônio público, que ele tem que zelar pelo patrimônio público, isso passado dos professores pelos alunos, porque eu acho que os professores também não sabem. Todo funcionário público é responsável pelo patrimônio público, né? E o professor não tem essa consciência, então ele vê o aluno estragando, pichando, e ele "larga mão". Então o aluno não tem essa informação. Então acho que se ele soubesse da gravidade que é destruir o patrimônio público, se ele tivesse essa consciência, ele não faria. Mas isso teria que ser trabalhado diariamente com o aluno, sabe? É como você ensinar a criança, o teu filho a escovar o dente: todo dia você tem que falar, a vida inteira. A mesma coisa eu acho que é com o aluno. Quer dizer, o aluno ser mais responsável pelo espaço, ele ter consciência que a escola é dele e para o filho dele. É porque já aconteceu aqui de eu dar aula para algumas pessoas e depois eu dar aula para os filhos delas. Então a escola é dele, porque nós estamos aqui de passagem, nós vamos embora. Nós não pertencemos à comunidade. Então o aluno, ele tinha que ter essa consciência pra cuidar mais da escola, ter mais amor à escola. E acho que o aluno tinha que ter uma identidade maior com a escola. Porque ele destrói porque não tem identidade alguma com a escola. Eu acho que é por isso que ele detona mesmo.

R: Você pode me dizer a diferença entre a pichação e a grafiteagem?

**Alcmena:** A grafiteagem é um desenho que o aluno, que a pessoa que faz, ela faz um desenho definido ali, que tem uma forma definida. Geralmente lê, é colorido, pintado, é um desenho. E esse desenho, por trás dele tem uma mensagem de reivindicação, pode ser isso. Agora a pichação não. Eu acho que a pichação é uma reivindicação, mas não é um desenho. São símbolos. Eles usam letras, um alfabeto que ninguém entende, só quem é do grupo, né, do bando que entende. É um código entre as gangues e pra cada uma tá mostrando pra outra maior poder. Então quanto mais alto ele pichar, quanto maior ele pichar, ele demonstra poder para o outro

grupo. Então é sempre uma disputa. Eu vejo a pichação como uma disputa entre gangues e não vejo um desenho, porque são sempre símbolos, letras, frases que dizem alguma coisa que nem todo mundo consegue decifrar. Enquanto que o grafite não, o grafite é uma forma de arte né, porque é um desenho.

**R:** O que você pensa dos jovens que depredam a escola? O que será que se passa na cabeça deles?

**Alcmena:** Na escola eu acho que ele quer pichar por pichar. Eu acho que na escola é pichar pra aparecer para os colegas. Porque é diferente da... eles não têm essa conscientização que os pichadores têm. Porque esses pichadores que saem por aí pichando a cidade, é... quando eles são maiores de idade, eles tão reivindicando alguma coisa sim, protestando, reivindicando, denunciando. Agora na escola, o aluno que picha, eu acho que ele picha por pichar. Ele não tá assim... ele só tá querendo aparecer para o colega.

**R:** E quebrando as coisas? A mesma coisa?

**Alcmena:** Também a mesma coisa. Ele está querendo mostrar para o colega que ele é poderoso, que ele é melhor, e ele acha que ele tem que mostrar isso através da agressividade.

**R:** Por que eles escolhem a escola pra quebrar tanto assim, pra pichar? É lógico que a gente vê na rua, né, pichações, até aqui próximo, mas não tanto quanto tem aqui. Por que escolhem a escola?

**Alcmena:** Eu acho que é uma forma de agredir. É o espaço que ele tem, porque é o espaço que ele fica mais tempo. Então é o meio que ele vive, é a escola. Dentro da escola ele vai mostrar para o colega dele que ele tem poder, que ele é melhor, que ele quebra, que ele consegue fazer escondido e que não acontece nada, né? Ele tá sempre desafiando as autoridades, que no caso é o corpo administrativo. Então é uma forma de desafiar o corpo administrativo e a direção. Nem sempre ele é pego e então ele mostra para o colega dele: "olha eu pichei, fiz, ninguém descobriu e não deu nada".

**R:** Sem citar nomes, que grupos você apontaria como os causadores da depredação e das pichações aqui? Você conhece alguns grupos? São formados por quem?

**Alcmena:** Olha, pelo o que eu conversei com os alunos, eu sei que tem pichadores na sexta E, na oitava B, mas eu não consegui identificar quais são esses alunos.

**R:** Nem o gênero, nada?

**Alcmena:** Nada. Eu só sei que tem na escola, mas eu não consigo chegar neles.

R: Última pergunta: eu acho que você já comentou um pouco, mas como seria a escola dos seus sonhos?

**Alcmena:** Uma escola com bastante espaço, uma escola com uma sala ambiente pra artes, uma escola que tivesse a quadra coberta, uma escola que tivesse todo espaço pra teatro, uma sala, um salão pra apresentações, mesmo que fosse a quadra, mas que fosse coberto com arquibancada. Uma escola limpa, organizada... onde os alunos pudessem trabalhar sem aquela preocupação de ter que ir para o intervalo e ter que levar o material se não roubam o material que fica na sala. É... que o aluno tivesse o material, eu falo sempre relacionado à minha área, tá? Porque é difícil, eu não consigo trabalhar por causa de material. Eu já trabalhei em escola ambiente, com sala ambiente e é bom, eu gosto de trabalhar onde a escola trabalha, dá material. Não é a escola dar material pra todos os alunos, não é isso. Mas ela ter um material reservado que na falta, a escola possa estar cobrindo. Eu acho que é isso.

R: Obrigada.

**Entrevista com dois professores de 5ª à 8ª série: um de ERET (Educação, Relações Econômicas e Tecnologia) e outro de História.**

**Apolo:** professor de ERET

**Poseidon:** professor de História

**R:** Pode ser com o *Poseidon* primeiro: *Poseidon*, qual a função da escola na sua vida?

**Poseidon:** Na minha vida, a escola representa e representou, como se diz, é tudo o que eu tenho hoje, né. É a questão da ascensão social. A escola pra mim eu resumo à ascensão social. Ela permitiu que, de repente... de eu morar numa ocupação e conseguir frequentar o Jardins, é, os bairros mais nobres de São Paulo, ter contato com as pessoas de alto nível. Porque estudei sempre em escola pública, universidade pública, mestrado e doutorado. Então a escola pra mim foi isso, a escola é uma questão de ascensão social e também a questão da dignidade, não é só uma questão econômica, é questão pessoal mesmo.

**R:** E pra você, *Apolo*? Qual é a função da escola na sua vida?

**Apolo:** A escola representa pra mim o futuro de todo cidadão. Por exemplo, ele tem que receber a educação na escola, né, e vai até o final da sua vida. Se ele quiser progresso profissional, ele tem que estar sempre frequentando uma escola desde o Ensino Fundamental, o Ensino Básico até o Ensino Superior. Eu estou com cinquenta e um anos de idade hoje e ainda estou frequentando a faculdade.

**R:** O que você está fazendo?

**Apolo:** Estou fazendo um curso de extensão de Matemática.

**R:** Agora vamos falar um pouco da *Zeus*. O que vocês mais gostam aqui da *Zeus*?

**Poseidon:** Foi a primeira escola que eu lecionei e aqui o que eu mais gosto é a liberdade de trabalho e também os alunos. Os alunos eles são, como se diz, são alunos que precisam dos professores, depende de descobrir o jeito. Uns descobrem mais rapidamente, outros demoram mais um tempo, mas que a gente percebe que há uma liberdade da própria direção e também os alunos, eles recebem bem quando são bem tratados, né, então é isso.

**R:** E você, *Apolo*?

**Apolo:** Eu gosto também da liberdade de trabalho que nós temos aqui e a clientela, né? Porque eu acredito, assim, que nós temos uma clientela que precisa da gente,

não é? Não só na parte educativa, mas na parte de amor que falta na família, tem muitas famílias desestruturadas. Então a gente estando aqui, a gente pode passar isso pra eles e ser um exemplo pra eles.

R: Tá. E o que vocês menos gostam daqui?

**Apolo:** A estrutura física da escola precisa ser melhorada. Então, eu acredito que nós temos um corpo docente muito bom, vários profissionais competentes e participativos. Pra falar o que eu menos gosto fica... não tá faltando, assim... eu não vejo muita coisa que tá faltando pra mim, no meu caso.

R: E você *Poseidon*?

**Poseidon:** Ah, eu acho que é mesmo a questão da infra-estrutura física da escola, do prédio. Porque em termos de equipamento, a escola está bem equipada, como se diz, equipamentos de última geração. O problema realmente é o prédio porque não tem local específico pra essa, para esses equipamentos. Por exemplo: teria que ter uma sala de vídeo, não precisar ficar deslocando os alunos, deslocando o equipamento na sala, muitas vezes a sala, ela tem um, como se diz... por exemplo, a oitava C fica num desnível, a oitava D. Então são salas que ficam fora do espaço acessível desses equipamentos. Então o problema que eu acho também está relacionado à disposição física da escola.

R: Pra vocês, como a escola deveria ser para se tornar mais interessante? Não sei se além já do espaço físico, né, que vocês já comentaram.

**Apolo:** Olha, na minha matéria de ERET, Educação, Relações Econômicas e Tecnologia, como nós temos uma sala de informática de última geração e com internet, inclusive via satélite e tudo mais, os alunos têm muito interesse. Eu não tenho dificuldade com os alunos em termos de disciplina, porque a minha matéria já é um atrativo que eles não têm. É difícil por exemplo, comparar por exemplo, uma escola em outro bairro, que tem uma clientela, um nível superior, mais alto do que aqui, onde os alunos já têm computador em casa. Mas aqui, eu não tenho problema referente a isso, com a minha matéria, né? Então eu não vejo tanta dificuldade.

R: E você, *Poseidon*?

**Poseidon:** O que eu observo é que como a escola poderia melhorar o atrativo. Eu acho que a escola é, tá ligada à sociedade. E o que eu percebo pela experiência pessoal, é... como um ex-aluno da periferia, né, é que muitas vezes a pessoa, a criança não tem incentivo em casa. Ela está sempre vendo na mídia coisas bonitas, interessantes, sempre o prazer. E quando ela chega na escola, ela não vai sentir o

prazer, porque a escola não é pra prazer, mesmo. E aí nesse ponto eu acabo até discordando de alguns pensadores, né? Por exemplo, Gilberto Dimenstein, do Rubem Alves, quando eles falam sobre a questão do prazer. E aí há uma confusão entre o prazer e a necessidade da escola. Porque quando os alunos chegam aqui, eles não vêm com esse interesse de aprender realmente, porque eles não têm a cultura. A cultura não no sentido assim... é... o incentivo em casa. Muitas vezes o pai fala "vai, você tem que estudar". Realmente, mas ele vai dizer: "meu pai tá falando pra eu estudar e por que ele nunca estudou?" Ele vai se questionar um pouco e ver isso daqui, muitas vezes, como um passatempo. Mesmo que ele goste, ele fala: "eu não gosto da escola. A escola é pra ver meus amigos, as namoradas" e ele não gosta realmente pra estudar. O que eu vejo é que mais do que a parte pedagógica em si, a forma que os professores têm tratado os alunos, eu percebo aqui, entendeu? Isso é uma impressão minha, é uma crítica e eu até falo pra alguns. Eu acho que há uma certa agressividade, muito agressivo o tratamento aos alunos. Então, a gente já vive numa sociedade que é agressiva e as pessoas ficam gritando. Isso me incomoda muitas vezes, essa forma de gritar. E aí eu percebo que os, muitas vezes, os alunos, de vez em quando, eles confundem, entendeu? Que você acaba tratando bem, mas quando eles saem da linha, você fala pra eles: "olha, até o momento eu te respeitei, você não tá respeitando", e eles voltam e começam a respeitar. Agora o que eu vejo que falta na escola assim, pra atrair os alunos, é a forma de tratamento e a ligação entre o quê? Entre a escola, o professor e os pais dos alunos. É sempre uma ligação e é sempre constante. É questão pedagógica. Aí eu acho que é até interessante e fundamental essa relação professor-aluno e família.

**R:** Agora vamos falar um pouquinho da depredação. Por que será que ela acontece aqui na *Zeus*?

**Apolo:** Olha, eu francamente não consigo entender, né? Por mais que nós, no início do ano a gente pinta a escola, deixa tudo bonitinho e eles querem ah... dali a pouco começam a pichar, depredar. É uma forma de, sei lá, dizer: "eu to aqui", né? Nós precisamos parar e pensar o que eles querem. E eu realmente não consegui identificar ainda. Eu estou trabalhando, tentando fazer um projeto de grafiteagem com eles pra diminuir a pichação, mas até agora não consegui resultado nenhum.

**R:** É você que está esperando os desenhos junto com a *Atena*(diretora)?

**Apolo:** Isso. Estou esperando os desenhos, mas eles estão trabalhando, mas não apresentaram ainda e então fica um trabalho, assim, parece que não estamos fazendo nada, né? Menino participa do projeto da grafiteagem e você pega pichando em outros momentos, então a gente tá tentando modificar isso aí, mas tá difícil de conseguir.

**Poseidon:** Eu acho que a... primeiramente eles querem se aparecer, mostrar: "Eu estou, nós estamos aqui". Mas tem um outro lado que também é a questão da própria cultura brasileira; ele não consegue perceber que a escola é dele e que a escola tem muito a oferecer. Até alguns alunos comentam comigo: " Ô professor, se eu estivesse no seu lugar, eu estaria longe daqui. Aqui ninguém está nem aí com o professor, ninguém valoriza o professor aqui não". Então isso chama um pouco atenção porque a escola não tem importância nenhuma. Por que a escola não tem importância nenhuma? Porque o que mostra na mídia é um aluno, sempre o aluno, lá no caso da *Malhação* (programa da Rede Globo), é sempre um aluno de escola particular, com todas as condições, um quarto só pra ele, com computador, o pai tem um bom carro, ele assim que completa dezoito anos compra um carro ou o pai ajuda, tem uma perspectiva. E os nossos alunos não têm uma perspectiva. Eles vêm aqui como um passatempo realmente. Eu já comentei. Isso faz com que ele fale: "eu vou lá e vou destruir". Porque tem uma, aqui dentro, tem uma... eu não gosto de usar essa palavra porque ela já foi muito discutida e conceitualmente ela não é muito aceitável, né, questão de classe, mas dentro da escola há o que? Há uma luta de classes, né? Mas poucas pessoas percebem isso. É uma luta dos alunos com os professores. Eu já ouvi alguns alunos falarem " São os burgueses chegando" entendeu? Nós somos isso aqui. Eles pertencem a um outro mundo. E nós pertencemos a esse. É um mundo totalmente diferente. O que eu percebo muitas vezes, que eu me referi a forma que eu vejo muitos colegas de trabalho tratando os alunos e há esse conflito, entendeu? Porque ele não consegue entender esse menino, as dificuldades dele do dia-a-dia. E aí pra você manter um aluno dentro da sala de aula concentrado o tempo todo é quase impossível hoje. Porque nós estamos numa sociedade em que tudo é rápido, rapidez, eles estão se transformando. Por que da internet eles gostam? Porque eles entram num site, três minutos eles estão entrando em outro site. É uma loucura isso daqui. Aí eu percebi, completando até a outra questão, pra escola se tornar interessante, por exemplo a mitologia, eu acho que ela não é tão fundamental, mas é possível também melhorar.

Por exemplo, eu tenho usado uma tática e é que tem dado resultado. Mas nós precisamos avançar um pouco mais. Qual que é? O *Apolo* usa aqui o computador. O que eu tenho usado? Eu tenho usado o vídeo, né? Quer dizer, utilizado filmes. O que eu tenho percebido? Que os alunos, com a imagem, eles conseguem entender o processo. Até depois eu consigo que eles produzam textos e tudo o mais. Só que com a imagem. Por quê? O que é a imagem? Mas o filme não pode ser um filme muito antigo. Porque um de 20 anos atrás é um filme muito lento. Tem que ser um filme recente, um filme que a produção está ligada no que é o movimento, rapidez. Então eles gostam, é a questão do movimento. Então tudo isso vai afetando infelizmente a questão de cidadania. A população não consegue perceber a importância da escola, não consegue. E na prática realmente não percebe e tem todos os motivos pra não perceber. E aí eu acho que está a função do professor, de repente nem tanto com o conteúdo, mas dando o sonho para o aluno, para ele sonhar, que ele pode conseguir a partir dali. É difícil.

***Apolo***: Você é um exemplo, né?

***Poseidon***: É. Um exemplo e eu tento falar pra eles, que no meu caso, é difícil, mas não é impossível.

**R**: Tá. Vocês acabaram falando um pouco já, mas se vocês quiserem falar um pouco mais sobre o que vocês pensam desses jovens que quebram a escola, que picham. O que será que eles pensam na hora de fazer isso? Principalmente que acabam quebrando banheiro que eles usam depois e não vai ter condição de usar, bebedouro...

***Apolo***: É, eu já tinha comentado anteriormente, eu não consegui identificar isso aí, o porquê eles fazem isso.

**R**: Eu acho que é mesmo o que você falou né, *Poseidon*? Não conseguir entender a escola como sendo deles, né? Então eles não têm aquela relação mesmo com a escola.

***Poseidon***: É. Porque o que acontece: o governo, eu falo aí até em questão de uma política mais ampla, nós estamos vendo a questão da CPI. O pessoal tá tentando enrolar o máximo possível, a "CPI do mensalão", essa questão da corrupção. O que acontece: a população até agora não se manifestou. Então, não consegue perceber a importância em si da escola. Esses alunos que depredam, eles estão aqui como o *Apolo* comentou e que nós discutimos com um psicólogo que deu uma palestra pra nós, que a questão é que eles querem falar "nós estamos aqui, nós vamos destruir

isso aqui mesmo! Nós somos importantes" nesse sentido aqui... o que eu percebo nos alunos que depredam: é aqueles lá que arrumam namoradinha e tal, ele não está mais nessa, então ele fica... só que ele não percebe que muitas vezes quando ele está depredando, ele está até afastando uma possível namorada. Ele percebe que quando ele está envolvido assim com uma menina, ele já não é tanto. Quando a gente conversa com eles, o papo é diferente. Muda um pouco. Até a própria relação acaba modificando e muito, porque eles vão compreendendo o processo. Só que infelizmente, é aquilo que eu falei, aqui é um conflito de sociedade, a escola representa toda a sociedade. Todo o caos social vem pra dentro da escola. É o conflito entre o pobre e o rico, entre o... Eu não gosto de falar entre a cultura erudita e a popular porque as duas acabam se mesclando, mas é choques de cultura, choques de cultura.

**R:** E será que é intencional eles escolherem a escola pra pichar mesmo, pra quebrar?

**Poseidon:** A escola é, porque a escola é onde se dá, pra esses alunos, essa relação.

**Apolo:** É onde que eles passam mais tempo.

**Poiseidon:** Mais tempo, mas por exemplo, no bairro eles não têm esse conflito. Porque as pessoas no bairro são semelhantes a eles. Por isso que quando um professor tenta compreendê-los, a relação muda, porque eles não vêem mais o professor como inimigo, a situação muda um pouco. E a escola, eu to falando por experiência própria também que na minha época de escola, a referência que eu tinha, a pessoa mais assim, importante em termos sociais, de posição social, era um professor, entendeu? E professor é referência nesse sentido. Só que por outro lado, ao mesmo tempo que ele se torna referência, ele se torna referência da raiva, entendeu? E aí o aluno não se identifica.

**Apolo:** E ainda continua. Eu acho que o Fantástico (programa da Rede Globo) passado, passou lá uma pesquisa de onde eles pegam referência. Primeiro a família, segundo os professores, né, onde eles pegam referência.

**Poseidon:** E, por exemplo, o meu caso, eu fico impressionado, eu tenho uma pesquisa que estou iniciando aí, não comecei a escrever, mas estou pesquisando alguma coisa e até conversei com um dos integrantes do grupo, que eu fico impressionado é é uma pessoa que eu admiro muito que não foi na escola, a pergunta que eu queria fazer no dia acabei esquecendo de fazer a pergunta de até

que série que ele tinha estudado, na minha opinião uma das pessoas consegue falar coisas, principalmente a respeito da desigualdade social, racial, que é o mano Brown dos Racionais( grupo de rock). E o interessante é que ele não frequentou a escola do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Só que o pouco, as poucas informações que ele conseguiu obter, ele consegue interpretar, ele consegue pensar. O que eu percebo muitas vezes é que a escola, a escola não está ensinando o aluno a pensar. Então isso reflete também nesse posicionamento. Quando o aluno começa a pensar, você começa a explicar pra ele o que é, por exemplo, esse superávit comercial, superávit primário, eu estava explicando pra alguns alunos esses dias, eles começaram a entender como funciona. Precisa ver toda a estrutura da economia, porque é jogado na televisão. Só que jogam, mas aquela informação, não falo nem de renda, aí é questão de formação mesmo, não é pra qualquer pessoa entender. Isso acaba complicando e acaba detonando dentro da escola. Porque a escola, ela representa esse... é o palco, é o conflito da sociedade.

**R:** Sem citar nomes, vocês conhecem alguns grupos que são pichadores?

**Apolo:** Eu não conheço nomes, mas eu já ouvi aluno falar que há grupos dentro da própria escola mesmo e que um determinado número de alunos frequenta esse grupo e o outro frequenta o outro. E aí esse vai lá e picha, o outro vai e picha em cima daquele, ou mais alto, ou mais perto, ou no local mais difícil pra fazer a competição. Isso aí tem, a gente sabe que tem. Já ouvi aluno falar isso.

**R:** Você também, *Poseidon*, conhece algum grupo?

**Poseidon:** Ah, eu não falo um grupo, eu conheço alguns alunos que eu já peguei pichando. Mas eles picham por pichar mesmo. Pra falar: "eu fui lá e fiz", pra mostrar realmente, mostrar que ele é importante. Sabe porque, isso eu observo bem e é complicado para um aluno, muitas vezes ele se sente, como se diz, diminuído e ele precisa mostrar. Aí volta também a questão da experiência pessoal, porque quando eu estudava, não tinha essa questão da pichação. Mas aí muitas vezes só porque tinha um tênis melhor dizia: "ah você é isso, você é aquilo." Daí você tinha que mostrar alguma coisa. A diferença que aconteceu comigo foi que eu mostrei de outra forma daí eu falei: "de repente eu não consigo fazer certas coisas. Não posso de repente ter um tênis de marca, o pessoal fica tirando sarro, só que eu posso conseguir de outra forma: vou estudar e vou ser o melhor aluno". Então aí cada um vai reagindo. Eu sei que alguns alunos reagem dessa forma, tentam se dedicar mais ao estudo, mas outros não. Falam: "eu não sou nada mesmo, eu vou entrar aqui e

não vou fazer nada, não vou fazer lição nenhuma e vou ser importante pichando, levando suspensão, advertência". E aí eles se gabam do quê? Que foram na direção e conseguiram convencer a diretora a não suspender. É, tem esse problema também.

**R:** A diferença entre pichação e grafitegem. Um de vocês pode falar um pouco ou não?

**Apolo:** No meu entender, pichação é rabisco, que eles entendem, mas a gente do lado de fora somos leigos e não conseguimos identificar o que quer dizer, né? Agora a grafitegem já é mais tipo um desenho, uma paisagem que mostra alguma coisa de bom, uma mensagem até.

**R:** E que todos entendem?

**Apolo:** Que todos entendem. No meu entender é isso.

**Poseidon:** A questão da pichação como vandalismo e a grafitegem como uma arte. Acho que resume nisso.

**R:** Tá. E a última pergunta: como seria a escola dos sonhos de vocês?

**Apolo:** Eu gostaria de encontrar salas limpas, organizadas, pintadas, música ambiente, que no nosso futuro, aqui provavelmente vai acontecer, porque nós estamos começando aqui com o projeto de uma rádio, e companheirismo, né, os colegas compartilhando, fazendo trabalhos com parceria. Essa é a escola do meu sonho. Vou ficar aqui por muito tempo. Zeus é difícil, mas é legal de trabalhar.

**Poseidon:** A escola do meu sonho... é complicado falar a escola do meu sonho. Porque eu sempre entendo a escola não como a escola em si, isoladamente, como eu já comentei anteriormente. A escola ela representa a sociedade, né? E a escola do meu sonho, não falo a escola do meu sonho, mas a sociedade do meu sonho, é uma sociedade, nunca pensei, nunca fui fã, assim, de ser partidário de um partido de esquerda, nunca fui, mas eu sempre tive em mente que a única solução para rompermos com a nossa cultura, com o liberismo, essa questão da riqueza fácil, da aventura, é o que? É a escola. Mas essa escola, para ela realmente se realizar como o *Apolo* já comentou com várias características, som ambiente, sala limpa, seria através de alunos interessados em aprender, cobrando o professor

**Apolo:** E aprendendo, né?

**Poseidon:** Aprendendo, cobrando, porque se eles tiverem interessados, eles aprendem. Porque sempre eu falo que não existe nenhum aluno burro, né? Existe o aluno interessado e o aluno desinteressado, que acaba somando ao final, né?

Porque o aluno desinteressado ele não vai aprender, não tem condição. Se está interessado, ele cobra do professor: "olha professor, não estou entendendo e quero entender" e cobrar mais ainda. Só que pra tudo isso acontecer, infelizmente não vai ser a escola que vai dar o, como se diz, a solução. A solução ela é muito mais complexa porque infelizmente o que nós temos é uma escola que serve, na minha opinião, pra tirar por algumas horas os adolescentes da rua, pra tentar evitar um pouco o crime. Essa questão do governo, até dos pedagogos, na minha opinião, falando "ah, que escola tem que melhorar a pedagogia" tá equivocada. Dizem: "Por isso os alunos estão tão desinteressados". Não é por isso que os alunos estão desinteressados. É uma coisa muito mais complexa. Tem a questão da pedagogia que cada professor pode desenvolver, trabalho em grupo e interdisciplinar, como o *Apolo* falou. Aqui na escola eu acho que falta um pouco isso. Não só aqui né, na outra escola que eu dou aula eu percebo que falta, mais é isso, a escola do meu sonho é a escola em que o aluno chegue interessado em realmente aprender. A bagunça, uma correria vai existir porque é resultado da nossa sociedade, dessa rapidez, da velocidade, mas o aluno que esteja interessado, realmente interessado em aprender, que cobre o professor, mesmo fora da aula, pergunte para o professor, fica questionando um pouco mais. Faça o professor trabalhar um pouco mais, porque o professor está se desgastando atualmente, não para ensinar e sim para manter a disciplina. Infelizmente nós estamos. Eu sei que não é realidade apenas da escola pública, as escolas particulares estão tendo o mesmo problema.

***Apolo***: Com casos diferentes, né?

***Poseidon***: Com casos diferentes. Lá é a falta da família. De repente até como se diz, acesso aos bens materiais fácil. Aqui é o inverso. Aqui é a falta, né?

**R**: Tá jóia. Muito obrigada.

## Entrevista com uma professora de uma 3ª série do período das 7h às 11h.

**Hera:** professora

**R:** Qual a função da escola na sua vida?

**Hera:** Nunca pensei nisso antes, mas a função da escola, a função da escola na minha vida, por exemplo, eu não me lembro de eu ter ido em nenhuma vez na escola forçada. Eu ia com a maior alegria, maior prazer. Eu estudei numa escola moderna, que tinha laboratório, biblioteca... Eu nunca ouvi falar em criança que apanhasse nessa escola, a escola era maravilhosa. Então a escola (com ênfase) tem um papel, assim, de completar a minha adolescência. Era muito bom! Então eu aprendia, eu brincava, eu tinha espaço pra socialização, pra... completar meus conhecimentos que um pouco vinha da minha casa também, nós tínhamos livros, tínhamos biblioteca em casa, mas eu acho, assim, a escola foi um... (pausa)... foi um período maravilhoso da minha vida!

**R:** E a escola *Zeus* agora? O que que ela é na sua vida?

**Hera:** A escola *Zeus* é um desafio como qualquer escola pública. Ela caminha lentamente, como se ela tivesse se arrastando com alguns professores conscientes do seu papel como educadores, não como ... é ... passadores de conhecimento não integrado na vida da criança. Então é um desafio muito grande ... é ... eu venho ainda porque eu acho que eu tenho um papel de, de transformar esse ambiente. É o que me leva a ter algum ânimo. Tudo é muito difícil, principalmente o relacionamento humano. A escola atual não tem um pensamento comum que é educar, não conhece os jovens, não sabe porque eles se comportam assim ou assado. A escola é um lugar mais de conflito, de enfrentamento do que de discussão de como é ensinar, de como é o jovem, como é a criança, o que que pode. A gente não se pergunta como que pode melhorar a criança. A gente reclama e lamenta. Como se a criança fosse culpada de tudo, até do "mensalão" eu acho!

(risos)

**R:** Tá bom. E o que você mais gosta daqui da escola *Zeus*?

**Hera:** As crianças! Eu amo (dando ênfase) as crianças, eu sou louca pelas crianças!

(risos)

R: E o que você menos gosta daqui?

**Hera:** Eu acho difícil o relacionamento humano. Depende tá, assim, adoro a direção. A direção, ela é como eu. Ela tem medida para o afeto, com os colegas também... achei muita gente legal. Mas acho difícil você fazer o pessoal entender que a gente ganha pra cuidar e não pra julgar, pra condenar. Eu acho isso muito difícil. O papel de juiz não é meu e aqui você enfrenta muito esse tipo de pensamento... é... eles não conhecem as crianças a fundo, as famílias, então eles condenam a miséria, eles condenam a falta de...de algo e ficam, assim, se lamuriando. Isso pra mim é uma droga.

R: Então, acho que você já falou um pouco, mas, assim, se quiser comentar mais alguma coisa, como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Hera:** Em primeiro lugar eu acho que a escola deveria ser um ... um lugar de gente pensante: pensar o porquê, as causas, as conseqüências, qual o valor que você imprime a cada atitude sua e no que isso reverte em bem para a criança. E ...eu acho que a escola não é esse lugar.

R: E sobre a depredação aqui na escola? Por que você acha que acontece?

**Hera:** Por causa do adolescente não participar. Tudo lhe é tirado. Ele não tem vez é... é exercida uma autoridade, assim... depredadora, que depreda a personalidade humana. Então, ele só tem uma única forma de responder que é deixando as suas marcas. Então ele picha, ele chuta, ele faz barulho: "Olha eu aqui!". Ele diz: "olha eu aqui pra ser cuidado e não pra ser julgado". Ele é forte, é poderoso, eles são grandes turmas, eles falam alto, eles são alegres. E a gente vai ficando assim com essa cara de bobo, com essa cara de "que que eu faço da minha vida se eu só sei dar aula? (risos)

R: Tá. Então, tanto a depredação quanto a pichação... significa o que, então?

**Hera:** Violência! Resposta às violências as quais os jovens sofrem. Não há espaço para os jovens. Eles estão preocupados em como fazer esse jovem participar. Porque na realidade, os meninos morrem cedo. Que essa forma de depredação, ela evolui pra depredar coisas, assim, né, como a própria vida. Então eu acho que é a violência, eles são tratados com violência, eles não têm espaço. Violência não é você chegar e bater. É o olhar. Ao invés do olhar, abraçar, o olhar condena, o olhar recrimina. Quando você abraça uma criança todo mundo acha que você está passando a mão na cabeça e por isso ele não pode ser inteligente. Eles acham que você não pode amar e respeitar o jovem, que isso é não dar limite. Eu acho que é

uma grande confusão de sentimentos e de comportamentos na escola, que precisa ser bem esclarecido. Mas não vejo ninguém preocupado com isso também, a não ser meia dúzia de professores.

**R:** E você consegue ver diferença entre a pichação, que é o que tem muito aqui na escola *Zeus*, e a grafiteagem?

**Hera:** É, precisa entender um pouco. Eu sei que a pichação é o começo da grafiteagem. Ele vai pichando, pichando até que ele se descobre um artista e se enturma com o pessoal que faz grafite mesmo, né? Que é mais organizado. Eu vejo assim: é uma organização, é um sistema de resposta para o adulto mais organizado. Então é um... você, quando vê um cara pichando pensa que ele é um artista, você já vai dar um pouco de atenção. Então na grafiteagem ele entra participando e na pichação ele vai como Deus pode.

**R:** E acho que você também acabou falando mais um pouco, não sei se você quer falar mais, mas o que que você pensa dos jovens que depredam aqui a escola *Zeus*?

**Hera:** Olha, eu me preocupo com eles, alguns eu... foram meus alunos, eu amo esses meninos, tenho amizade com eles e quando posso converso, mas pensar mal deles eu não penso. Eu penso que eles estão pedindo socorro.

**R:** E por que que você acha que eles escolhem aqui a escola pra fazer isso?

**Hera:** Porque a escola é o único lugar que eles ainda podem falar alguma coisa, mas eles não escolhem só a escola, né? Eles picham a escola, os muros, e... alguns deles picham o próprio quarto, né, pra protestar. Muitos (dando ênfase) picham e se a mãe não batesse, o pai não expulsasse, eu acho que eles pichavam, começavam pichando a própria casa. É que eles são expulsos de casa porque não têm entendimento, eles vêm pra escola que eles amam, eles adoram ficar por aqui. Mas depois, eles se sentem assim agredidos, não respeitados e é a famigerada frase: "menino, cala a boca porque eu (dando ênfase) estou falando!" Eu, quem sou eu, afinal? Não se fala assim: "olha, você quer falar, então fala. Eu te escuto, depois a gente vai conversar (dando ênfase) sobre isso que você está falando". Eu já vi meninos pichando, aliás eles não falam pichar eles falam "pinchar".

**R:** Ah.

**Hera:** E eu perguntei: "meu filho, o que que você tá pichando aí?" "Eu tô pinchando porque o meu amigo pincha, eu também pincho." Mas é assim, tudo muito como

resposta, como pra ter uma turma, pra se tornar um herói, pra deixar sua marca. Eu não acho nada deles. Eu gostaria de poder ajudá-los. Mas eu não sei como.

**R:** Tá. Você conhece algum/alguns grupos é... que picham e que depredam aqui? Não precisa citar nomes, você conhece?

**Hera:** Eu conheço todos os meninos que picham e depredam até do período das quinze (horas). Depois eu não sei. Das quinze às dezenove (horas) que eu não tenho amizade com eles. Mas eu sei, eles me contam, né? Tanto que quando você quis entrevistar, eu chamei o pessoal, né, porque eles me contam, eles reclamam da escola, eles ficam na minha sala quando eles não têm espaço. Hoje eu estava com seis ou sete. Minha aula vira uma zona! (risos). Porque tem criança de todas as idades, mas a escola não os acolhe, não tem lugar físico. Então eles tão sempre me contando, eles falam assim: "ó dona, aquela marquinha ali ó, foi fulano que fez" ou "ó dona, eu não picho mais, viu?" "Tá vendo ali ó, pichei ali, mas agora não picho mais". E eu deixo pra lá porque eu não vou nunca dedar os meninos, jamais.

**R:** Então agora a última pergunta: como seria a escola dos seus sonhos?

**Hera:** A escola do meu sonho seria com muito espaço, muita flor, muito livro, livro pra todo canto, muita alegria é... uma escola onde o jovem pudesse... que eu pudesse fazer com os jovens e não fazer pra... para eles. Eu queria assim, conversar, perguntar o que eles querem, uma escola que eles pudessem entrar e sair, sabe, que eles fossem donos mesmo e a gente fosse só um ponto de referência pra orientar. Essa é a escola dos meus sonhos.

**R:** Que é o que falta aqui, você acha. Falta muito dessas coisas...

**Hera:** Eu acho que falta nesta e em todas essas escolas públicas que eu trabalhei. Eu tenho quarenta anos de magistério. Ou a pessoa não tem como cuidar desses jovens, porque ela não sabe cuidar... E a criança precisa de cuidado, em primeiro lugar. Precisa de muito conhecimento. Cuidar não significa ignorar a parte intelectual. Significa o seguinte: "professora quem pintou esse quadro?" Vamos ver, vamos lá na biblioteca, vamos pegar..." que nem uma aluninha minha hoje perguntou: "professora – ela trouxe um quadro e perguntou – professora, quem pintou?" Ela não sabia nem ler o rodapé. Daí nós falamos: "esse quadro é de Van Gogh, tá escrito aqui". A professora *Maia* (professora de Educação Artística) está trabalhando Van Gogh... Mas o que que a gente pode fazer? A gente pode ir na biblioteca, pode ver mais alguma coisa. Elas já se dispuseram a ir, mas a biblioteca não pode atender estes alunos nesse horário. E nem eu posso mandar uma turma

agora ir pesquisar Van Gogh, nem eu posso descer porque a biblioteca é pequena, não tem espaço. Então eu acho assim: as crianças precisam ser olhadas como crianças, o ser humano respeitar os direitos. O ser humano de direitos, de deveres não significa "ah, deixa à vontade, isso dá muito trabalho". Isso exige de você esforço físico, mental, é, muita leitura, muito conhecimento, e me parece assim: o professor acha que já sabe tudo, já sabe resolver todos os conflitos e não são todos. Eu não gosto de generalizar, mas me parece que paira sobre as escolas, uma coisa, uma nuvem negra que não traz conhecimento, ninguém acha que precisa. "Ah, esse menino picha. Vamos conhecer a família, vamos saber porque que ele picha, vamos saber em que horário ele pichou, vamos saber qual a sua participação na escola." Eu acho que precisava ter gente para conversar, para entender melhor essas crianças e seus devidos comportamentos. Outra coisa muito interessante é que às vezes a criança é impossível com um professor e quando ela vai para outro professor essa criança desaparece da escola. E eu ouço muito aqui: "ah, amadureceu". Não! A criança continua a mesma. Não é "estalo do Padre Vieira" assim ó ( e estala os dedos) amadureceu. Ela tem idade, né? É uma forma de justificar, assim: "eu não soube lidar com aquela criança" quando era mais fácil perguntar: "professora, o que você está fazendo que essa criança para ela estar se comportando melhor, que ela está melhor entrosada?" Então parece que há um certo receio. Se você procura passar para o seu colega alguma coisa que você já experimentou e deu certo, teu colega simplesmente não quer saber, ele quer ter razão. Não importa que a sua prática pedagógica mostra resultados visíveis e efetivos melhores, não importa. A pessoa não quer saber da sua prática.

**R:** Sendo que numa escola deveria ter essa troca né, para um trabalho em conjunto...

**Hera:** Essa troca e essa aceitação do outro. Não é porque você é jovem que eu não aprendo com você.

**R:** Da mesma forma que uma pessoa que está há mais tempo ensina muito também do que um que entrou agora, né?

**Hera:** Às vezes, né, ensina, às vezes se ela também não conseguiu evoluir, não custa nada ouvir um jovem, não é? A gente tem que falar assim: "eu não consigo resolver esse problema, mas será que uma amiga, uma colega, alguém consegue resolver esse problema?" Vamos trocar sem ficar condenando. O caso de muitas crianças que estavam em evidência, a *Gaia* (uma de suas alunas) tem uma fama

muito ruim, ninguém a quer por perto e ela não é uma menina ruim, ela é uma menina muito legal, mas ficou muito em evidência o ano passado. Isso aqui não vai né, as coleguinhas não vão ouvir né, essa fita?

**R:** Não, de jeito nenhum!

(Risos)

**Hera:** Então, não custa nada ir até uma *Métis* (uma professora do primário), como eu vou: "*Métis*, o que que você faz que a tua sala é uma harmonia perfeita?" A *Pirra* (outra professora do primário) que une a prática, a classe dela é harmônica. A *Core* (professora de Educação Física) ama trabalhar com a sala dela. Não custa nada perguntar para *Pirra*, não é? Só porque ela é loira e linda ela não pode também ser muito inteligente?

(Risos)

**R:** Então tá! Obrigada!

## Entrevista com a diretora.

**Atena:** diretora

**R:** *Atena*, qual a função da escola na sua vida?

**Atena:** A função da escola na minha vida?

**R:** É.

**Atena:** ... Não entendi. A escola... como a escola foi pra minha vida?

**R:** Pode ser a escola hoje, o que ela representa pra você? Até aqui a *Zeus*, mesmo.

**Atena:** Ah, pra mim a escola é tudo, né, meu trabalho, um ideal, um ideal de mudança de mundo. Eu tenho a escola como um ideal de mudança de mundo, principalmente a *Zeus*, porque eu comecei a trabalhar em escola pública meio tarde, atrasada e acho que eu quero tirar o atraso. Então eu quero arrumar o mundo a partir da escola! Só isso (risos). Só quero isso.

**R:** Tá jóia. O que você mais gosta aqui da *Zeus*?

**Atena:** Eu gosto muito dos alunos, eu gosto muito do ambiente, eu gosto do, do... eu não sei, eu gosto muito dessa escola. Eu gosto da população do bairro, da equipe de trabalho, eu gosto dessa perspectiva de formação de equipe, de criar uma equipe legal, mas eu gosto principalmente das crianças, dos alunos de uma maneira geral, não das crianças particularmente, mais os alunos, adoro os alunos.

**R:** Tá. E o que você menos gosta daqui?

**Atena:** Eu menos gosto da escola pertencer a uma rede que não funciona. É uma rede que eu não enxergo como uma rede que tenha uma rede pública, que tem um apoio. Então essa coisa, essa parte burocrática, esse dever que a gente tem à prefeitura, quando eu lembro que essa escola pertence à prefeitura e que a gente tem um monte de coisa (risos), isso às vezes me incomoda. Não me incomoda, óbvio que não, mas é, as cobranças, eu estava comentando isso agora com a *Hera* (professora), a gente tem umas cobranças de excelência, né, eles nos cobram excelência, eles querem que a gente faça um serviço de excelência, só que eles não dão tratamento de excelência pra gente, né, para as crianças, para a escola. Então é tudo meio abandonado, as cadeiras que não tem (acaba a fita).

**R:** Pra você, como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Atena:** Olha, eu acho que é difícil saber, assim, como é que a escola deveria ser? Eu acho que é uma... a gente não tem muita idéia. Eu acho que se, por exemplo, se

a gente tivesse um espaço físico melhor, se a escola fosse mais agradável fisicamente, a gente tivesse um espaço, a gente tivesse mais funcionários, eu acho que isso já começaria a tornar a escola mais interessante, que a gente poderia colocar em prática tudo que a gente pensa, tudo que a gente tem vontade. Então eu acho que pra nós, por exemplo, que a gente tem tanta gente boa aqui na escola, falta espaço. Falta espaço e falta gente pra ajudar. Porque se tivesse salas mais bonitas, salas mais espaçosas, salas para atividades diferenciadas, você podia fazer um monte de trabalho extra, extra classe, todo mundo ia querer ficar em horários diversos trabalhando e o que falta? Falta o lugar, né? Falta espaço e falta um lugar bonito também.

**R:** Agora, o que você acha da depredação, por que que ela acontece aqui na *Zeus*?

**Atena:** Eu acho que ela acontece é... eu acho que ela não acontece na *Zeus*. Eu acho que ela acontece de uma maneira geral em todos os lugares, mas eu acho, assim, que ela acontece pela falta de ligação da pessoa com o espaço, do entender que o espaço é seu. Ela acontece porque o espaço já é degradado. Quer dizer, quando dizem: "ah, a gente pinta a escola, aí eles vêm e picham em cima". E não é verdade. Eu acho que para que isso não acontecesse a gente precisaria da técnica do metrô, né? Quer dizer, você suja, limpa, suja, limpa, suja, limpa, até a pessoa cansar de sujar. E eu acredito que a depredação vai meio por aí. E ao mesmo tempo também, nós temos um problema muito sério na *Zeus* que é a falta de professores. Então de 5ª a 8ª série todo dia você... os professores faltam e sobe aula e tudo esse tipo de coisa, então não tem professor pra dar aula, o aluno fica sozinho na sala. Às vezes o professor dá aula em dois lugares ao mesmo tempo, às vezes não, quase todo dia, o que é o absurdo dos absurdos dos absurdos. Quer dizer, como é que uma pessoa consegue trabalhar em duas salas ao mesmo tempo e o aluno fica sozinho. Agora, um menino que está numa sala que já não tem alguma coisa que o atraia, sozinho, ele vai fazer o quê? Jogar a cadeira... às vezes eles têm umas, eles quebram as cadeiras até pra umas atividades, se você for pensar é engraçado, eles quebram cadeira pra virar skate de grama, eles usam a parte de trás da cadeira pra fazer skate, eles quebram pra criar brinquedo pra eles, pra criar alternativas de lazer que a escola não dá. Então pra gente é muito ruim ver a depredação, mas eu acho que a gente tem que ter a grandeza de tentar olhar com o outro olho. É difícil. E também é entender, não achar que a depredação é culpa exclusiva dos alunos. Eu acho que a gente tem que ter claro que a escola tá falhando de que jeito: a escola

não dá todas as aulas todos os dias. Isso é uma verdade. É raro aqui o dia que tem todas as aulas, que os alunos entram às três e saem às dezenove, ou entram às onze e saem às quinze, todo dia falta professor. É complicado.

**R:** Então a próxima pergunta é o que significa a depredação e até as pichações? Eu acho que você até começou a falar...

**Atena:** Eu acho que é uma forma de... a pichação já está mais do que discutido isso, que é uma forma de o aluno se expressar, das pessoas, dos jovens se expressarem, é... a gente até hoje, nós estamos numa situação aqui que a gente já consegue até identificar a pichação de cada um, né? Porque a gente identifica as assinaturas já. E eu acho que eles querem mostrar alguma coisa e eles não têm canal, não têm... e eu acho que as pessoas acabam, os professores, acabam perdendo, às vezes, grandes chances de usar algum meio, algum canal assim mais, um meio mais artístico desses alunos e mostrar que eles podem se expressar com outras linguagens, às vezes mais interessantes. Eu acho que tem professores que enxergam isso, mas têm muitas dificuldades de se organizar aqui por falta de espaço, por falta de horário, falta de um monte de coisa. Agora... eles querem falar, eles querem falar. Agora falar, assim, que eles têm espaço pra falar é uma mentira, porque na sala de aula eles não têm espaço pra falar. São poucos os professores que abrem um espaço, que falam com eles, que ouvem realmente o que eles querem falar, mas sem preconceito, são pouquíssimos aqui nessa escola. Porque o que a gente escuta: "ah, ele fala assim, mais vai falar o quê?". Então a coisa é muito preconceituosa. A gente teve até situações em que a professora falou assim: "ah, pichação, grafite é tudo mesmo lixo" de aluno que vem me contar. Quer dizer, o aluno que está interessado em pesquisar sobre grafite e a professora vem com essa linguagem na sala. Quer dizer, tem professor que pisa na criatividade.

**R:** E grafiteagem? Tem alguma idéia pra ter um projeto aqui mesmo?

**Atena:** Então, nós já tivemos a que o professor *Dionísio* (um professor de artes da noite) fez, né, que foi o concurso, e aí ele montou e nós estamos com um grupo. Eu fiz a proposta pra eles, eu dei uma parede de presente pra eles e a idéia, eles é que deram a idéia. Está difícil de organizar porque o que é o líder deles estuda à noite e trabalha de dia. Eles vão pintar a parede toda e vão criar um tema, que eles vão escolher, já falaram vários, um monte de coisa. Aí cada um deles vai trazer um desenho e eles querem fazer uma composição de todos os desenhos num painel só. Só que, assim, eles têm dificuldades de se organizar. Quem está mais ou menos

ajudando é o professor *Apolo*, mas tem que vir deles. Nós estamos esperando os desenhos porque a gente tem algumas restrições ao desenhos. Tipo, não pode ter nada que lembre a violência, que lembre arma, que lembre drogas. O resto eles podem fazer o que eles quiserem.

**R:** O que você pensa desses jovens que depredam a escola?

**Atena:** Olha, eu acho que normalmente os que a gente consegue detectar quem são, eles vivem uma história tão triste de vida, que se você for ver a história deles você consegue até entender algumas coisas. Eles depredam porque para eles é chute, tudo é quebra, tudo é bater. Então eles não têm nem noção do que eles estão depredando. Eles não têm noção do que é deles, eles não têm noção de propriedade, eles não têm noção que a escola é deles e que eles tão quebrando uma coisa que é deles, porque eles não têm nada. Eles não têm nada. Nada eles conseguem entender como pertencendo a eles. Então pra eles destruir é uma coisa tão normal. Então a gente tem aqui aluno que destrói porta, a gente tem aluno que destrói cadeira, a gente tem aluno que destrói armário, que rouba coisa, material de criança da manhã que são os seus próprios irmãos. Então, quando você conversa e começa a explicar, eles entendem, mas eles não têm essa noção. Esses dias aconteceu dos meninos arrebitarem o armário da *Diana* e eu acabei descobrindo, sentei com eles e comecei a falar, e fui na sala e falei.

**R:** Então é questão de explicar?

**Atena:** É de começar a falar, de quem é, de quem pegou, porque deixou de pegar, qual a intenção. Então tem que ter a paciência de sentar e falar, e não é falar uma vez. É todo dia, é todo dia, escola é todo dia, é quinhentas vezes por dia, é a mesma coisa, tem que repetir, tem que falar. "Ah, mais eu já falei!" Fala de novo. "Falei ontem!" Fala hoje. "Falei na primeira aula!" Fala na segunda, fala na terceira. Toda aula, todos os professores têm que bater na mesma tecla: tudo é nosso, você está quebrando o que é seu, você está quebrando o que é do seu irmão, você tem que ter um ambiente agradável, a escola tem que ser bonita pra você, não pra mim. Porque a escola tem que ser bonita, porque a escola tem que ser agradável, porque se não fica aquela pobrezinha, aquela pobreza de coisas, sabe, de remendos, aquela coisa feia. É muito estranho, porque é óbvio que a gente fica com ódio, né, com raiva. Você quer matar o moleque. Quando você acabou de pintar a escola, a escola foi pichada. Ou senão eles invadem a escola de fim de semana e quebram o vidro da brinquedoteca, arrebitam a grade, jogam pedra dentro. Eu acho, assim,

eu não entendo como uma agressão a mim ou a determinado professor. Eu entendo como uma agressão a eles mesmos, porque é falta do que fazer, falta de perspectiva. Você vai fazer o que fim de semana nesse bairro? Não tem nem campo de futebol aqui. Eu não consigo achar que é um vandalismo pelo vandalismo. É lógico que é vandalismo, agora não tem o que fazer.

**R:** Eles escolhem a escola pra fazer isso. Por que eles escolhem a escola pra fazer isso?

**Atena:** Eu não sei também se existem muitos outros lugares pra eles escolherem, né? Porque ao mesmo tempo que a escola agrada, a escola desagrada. A escola agrada no espaço dela, a escola agrada enquanto instituição e desagrada enquanto sala de aula. Então a gente precisa refletir muito isso, né? Quer dizer, por que que o aluno adora a escola e odeia a aula? A gente precisa ter uns momentos de reflexão em cima disso. Principalmente os alunos de 5ª a 8ª, eles amam vir à escola, mas odeiam ficar dentro da sala de aula, porque a gente precisa cair na real que as nossas aulas estão chatas, que a gente não está ensinando o que eles querem aprender. Têm coisas que a gente tem que aprender, mas há formas e formas de se ensinar. Eu acho que a prefeitura, a rede municipal não está colocando o dedo na ferida que é falar sobre o que nós estamos ensinando ou o que nós não estamos ensinando.

**R:** É... como que seria a escola dos seus sonhos? Vamos sonhar um pouco agora! (Risos)

**R:** Eu sei que você acabou falando muita coisa, né?

**Atena:** É, eu não sei assim... eu não tenho um sonho muito utópico de falar Escola da Ponte, umas coisas assim... não chego a esse delírio. Mas eu acho assim: se a gente tivesse uma escola, ou assim, um sonho super real, aonde é... nós tivéssemos um número legal de funcionários, né, onde os funcionários efetivamente trabalhassem e tal, aonde os professores fossem comprometidos com a escola (...) eu gostaria de trabalhar numa escola onde eu pudesse escolher os professores, para falar a verdade, a bem da verdade eu vou falar isso.

**R:** Nossa! (Risos)

**Atena:** Vou ser bem assim, é... não que eu pudesse escolher, mas que eu pudesse me desfazer do que eu acho que não serve. É escolher, né?

**R:** É.

**Atena:** Na realidade é escolher (risos). Mas porque é uma coisa tão triste porque você vê pessoas sérias trabalhando com gente que não tem nada a ver, pessoas que fazem um trabalho maravilhoso e de uma hora pra outra vê o trabalho dela ir ralo abaixo porque vem outra pessoa e destrói tudo o que a pessoa perdeu durante meses e meses trabalhando. Ou então você vê na quinta ou oitava uma pessoa fazendo um trabalho super sério, na seqüência entra outro ali pra fingir que está dando aula, para abrir uma revista no meio do livro e achar que está me enganando, que está dando aula. Quer dizer... e eu não tenho uma ... eu não posso tomar uma atitude séria em relação a isso. O que eu gostaria de uma escola que é uma ... nem, não é nada utópico, é uma escola que os professores fossem comprometidos, que eles viessem, que eles frequentassem, que eles trabalhassem, que eles se interessassem que o aluno aprenda, que eles conseguissem ensinar alguma coisa para o aluno, né. Que a gente começasse a mudar a voz do verbo e, ao invés de falar: "eu não consigo ensinar, eu não estou conseguindo ensinar nada para os alunos", dizer "o que que está acontecendo que eu não consiga ensinar?" eu acho que a gente vai começar a pensar melhor a escola. E o que a gente escuta em reunião aqui é que os alunos da escola não aprendem nada. Num é uma verdade, né?

**R:** É.

**Atena:** Eles aprendem tudo desde que ensinado, né? Então é... eu não tenho muita... eu queria isso, eu queria que a escola fosse mais informada, fosse uma escola bonita, grande, com espaço, banco, jardim, quadra coberta...

**R:** Ôh, meu Deus! (Risos)

**Atena:** Quadra coberta, já pensou?

(Risos)

## Entrevista com a orientadora pedagógica

**Réia:** orientadora pedagógica

**R:** Vamos começar.

**Réia:** Bom dia.

**R:** É, Réia, qual que é a função da escola na sua vida?

**Réia:** A função da escola é... pra mim eu achei que foi tudo. Porque além do aprendizado que a gente traz de casa, eu acho que se a gente não tem uma orientação, um trabalho que é feito na escola, eu acho que a gente não forma um cidadão completo. Então ela é imprescindível.

**R:** Tá. E o que você mais gosta aqui na escola Zeus?

**Réia:** Ah, eu gosto dos colegas, né? Das professoras colegas minhas, dos alunos também, porque eu acho que os alunos são alunos alegres, eles são participativos, nem todos, mas eu acho que a maioria. Eles são bastante de acordo com a idade deles mesmo, né? Eles é... é a cara da criança mesmo.

**R:** Tá. E o que você menos gosta na escola aqui?

**Réia:** O que eu menos gosto... é quando não há respeito tanto entre os alunos entre si e até mesmo, vamos falar... de nós, né. Às vezes acontece, né. Infelizmente, às vezes acontece. Há falta de consideração, há falta de respeito, e a gente vê que é coisa inerente da espécie humana, mas a gente fica muito chateado quando falta essa parte de um respeitar o outro... ter o seu momento, né, de respeito.

**R:** Pra você como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Réia:** Eu acho que ... teria que ter mais envolvimento de todos e uma fala comum, né. Ia ser bastante difícil da gente conseguir, mas seria o ideal quando a gente faz aquela união mesmo, trabalho em grupo e que a gente percebe que todo mundo veste a camisa da escola, né, no bom sentido. Todo mundo busca o mesmo ideal, né, de transformar a escola para melhor e todo mundo se empenhar pra isso. Eu acho que é essa coisa que precisa.

**R:** E o que você acha da depredação aqui? Por que que ela acontece?

**Réia:** Eu ainda vejo a depredação como uma resposta da... da criança, do jovem que faz isso.

**R:** E o que você acha da depredação aqui? Por que que ela acontece?

**Réia:** Eu ainda vejo a depredação como uma resposta da... da criança, do jovem que faz isso de acordo com a vida que ele leva. Ele quer chamar atenção. Então, uma maneira de chamar atenção é ele mostrar o que acontece com ele. É uma coisa grave, pois a gente não consegue diminuir os problemas que ele tem, enfrenta em casa, então ele agride porque ele é agredido. Então eu penso que é esse o motivo porque se ele tivesse uma família feliz, uma família que ele, que ele gostasse também, ele não teria essa resposta. Então, ele não tem como responder e responde com esse tipo de comportamento, com agressão. Isso é um modelo de agressão, né, a destruição do patrimônio público, mas por revolta. Eu acredito que seja por esse motivo.

**R:** E é revolta que ele traz de casa?

**Réia:** É revolta dele, da condição de vida dele, da, da falta de apoio que a família tem. Eu acho que a maioria é... a gente conversando com eles percebe que a maioria traz uma angústia, é uma coisa de lá. E às vezes pode ser também uma própria reação do desenvolvimento dele. Ele quer reagir contra é ... imposições que eles fazem, né? A gente impõe, às vezes sem estar planejando, a gente, ah, impõe certas coisas que eles, como eles tão no seu desenvolvimento, essa fase de adolescente, né, criança no geral que não tem limites em casa, quando ele vê que ele tem que entrar em regras e observar os direitos e deveres, eles acabam partindo pra uma resposta desse tipo, que é uma resposta que ele acha que vai ser conveniente pra ele.

**R:** Tá jóia. O que a depredação significa? Tanto os quebra-quebras que têm aqui quanto as pichações?

**Réia:** É a falta de limite da criança. Ela não foi mesmo, ah... não aprendeu a respeitar o espaço dela, do colega, né? Ela saber que ela tem que ter os direitos e também tem deveres. Eu acho que ela está achando que tudo é possível. Ela não sabe que tem os deveres também, né? Então ela está dando muito mais valor aos direitos do que aos deveres.

**R:** E qual, pra você, é a diferença entre a pichação e a grafitegem?

**Réia:** Ah, a pichação é coisa que não é estudada, é um efeito de... um rabisco, né? Eu chamo como rabisco a pichação e a grafitegem já é um trabalho artístico, um trabalho de vontade, um trabalho mais organizado, né, não é uma coisa solta.

**R:** Tá. O que você pensa dos jovens que depredam a escola?

**Réia:** Ah, eu penso que eles não se identificaram ainda como ser humano. Eles não conseguem enxergar esse lado do respeito, como a gente acaba falando aí, né? Eles não sabem o que é respeito, o que é ah... cuidar do espaço, eles não sabem o que é limite, eles não sabem o que é dever, o que é direito, eles estão confusos. Eu acho que aí está faltando um trabalho em cima disso.

**R:** Por que eles escolhem a escola pra fazer isso? A gente vê que até aí na rua tem algumas pichações, mas a escola...

**Réia:** É. Aqui na escola tem mais, é mais freqüente... a participação deles é maior na escola, é onde ele chama mais atenção. Porque por aí tem também, né, pichações, tem muito, né? A cidade todinha tá pichada, mas aqui na escola ele tem mais pessoas pra observar a obra que ele faz, né, pra chamar mais atenção.

**R:** Tá. E sem citar nomes, que grupos você apontaria como causadores da depredação e das pichações? Conhece alguns grupos?

**Réia:** É, a gente sabe que tem uns, uns jovens. Não as crianças tão pequenas. Também fazem. As pequenininhas seguem os mais velhos, mas em maior quantidade a gente vê o pessoal já de 5ª a 8ª série. Essa turminha demonstra mais é... a possibilidade de fazer isso. A gente não tem como pegar, né? Nem sempre a gente pega fazendo.

**R:** Tá bom.

**Réia:** Mas os casos que foram pegos em flagrantes foram mais casos de adolescentes nessa faixa etária, de quintas a oitavas séries.

**R:** E a última pergunta: como que seria a escola dos seus sonhos?

**Réia:** Ah, é muito difícil, né? A escola do sonho é aquela que a gente imagina de muita paz, de tranqüilidade, em que todo mundo pode fazer um trabalho digno, de estar ah... em paz mesmo. Eu digo, aquele que tenha paz, que tenha respeito com o outro, onde os alunos gostem de participar da maioria das atividades, onde há uma troca de professor com aluno, de funcionário com professor e diretor e todo mundo, ter uma amizade que dá pra se trabalhar amigavelmente, com respeito e com todas as possibilidades de um desenvolvimento pedagógico bom.

**R:** Obrigada, viu?

## Entrevista com um dos vigilantes da escola *Zeus*

**Cromos:** vigia

**R:** *Cromos*, qual é a função da escola na sua vida?

**Cromos:** Ah, tem muita função. Trabalhar com criança que eu gosto. Proteção é o meu forte. Estar sempre protegendo alguém.

**R:** Tá. E o que que você mais gosta aqui da escola *Zeus*?

**Cromos:** (risos) Ah, aqui eu gosto de tudo, né? Apanhei um, assim, uma porção de amigos. Os professores sempre me trataram super bem. Então é a amizade em geral aqui.

**R:** Tá. E o que que você menos gosta aqui da *Zeus*?

**Cromos:** Dos alunos meio travessos, os aluno que não me respeitam.

**R:** Tá. E pra você como a escola deveria ser pra se tornar mais interessante?

**Cromos:** Ah, uma escola bem integrada com todo mundo, tirando as idéias de cada um para saber o que que está errado, o que que deveria mudar.

**R:** E você acha que falta isso aqui na *Zeus*?

**Cromos:** Com certeza. A opinião de cada um contava bem. Cada um tem uma idéia diferente.

**R:** Tá. E o que que você acha da depredação? Por que ela acontece aqui na *Zeus*?

**Cromos:** Eu acho que o ser humano todo tem que ser reprimido pelo que faz. O que falta é a repressão. Aqui eles vêm e a gente tem que mostrar para eles o que está errado e se não tiver isso, a idéia é sempre vaga e cada vez mais atitudes erradas vão sendo tomadas. Acho que o que está faltando é repressão mesmo. Reprimir o crime sempre conserta.

**R:** Tá. E o que que significa a depredação e a pichação? O que será que estão querendo mostrar?

**Cromos:** Ah, mostrar que, estão mostrando que não têm medo, né? É... isso é até difícil de explicar. Eu acho que é mais o jovem. Hoje eles estão se expondo de maneira agressiva, a coragem deles com o mundo. Tem muita proteção para eles e eu acho que a lei deveria mudar. Errou tem que pagar pelo que faz. Então é isso que está faltando.

**R:** Você sabe a diferença entre a pichação e grafiteagem?

**Cromos:** A grafiteagem é uma arte, né? Pintura bonita que eu até acho bonito. Agora pichação é sujeira. Está sempre fazendo o que não deve é... fazendo o que não deve no lugar que não é apropriado.

**R:** E o que significam essas pichações aí?( aponto para uma parede com pichações)  
Você sabe?

**Cromos:** Não tenho idéia, não, mas eu acredito que isso aí seja uma sigla de cada grupinho que anda pichando por aí, mostrando que cada um tem seu código, né, e isso aí pra mim já é o primeiro passo pra marginalidade.

**R:** O que você pensa desses jovens que quebram a escola, que picham?

**Cromos:** Eu acho que falta família para eles. A família corrigir, ficar mais atenta...dar educação.

**R:** Por que você acha que eles escolhem a escola para fazer isso? É lógico que eles escolhem outros lugares também, mas a escola está bem depredada, bem pichada. Por que a escola?

**Cromos:** Porque a escola é o lugar que é muito freqüentado, né? Tem muito, muitas pessoas que passam por ela, e tem a visão de todo mundo e eles querem mostrar. Quanto mais para eles, melhor. Então eu acho que é isso aí. Eles expõem melhor na escola.

**R:** Tá. Sem citar nomes, *Cromos*, é... você conhece... que tipo de grupo que são os depredadores daqui da escola?

**Cromos:** Sim, conheço.

**R:** Já conversou com alguns?

**Cromos:** Já.

**R:** O que que eles falam sobre isso?

**Cromos:** Ah... eles... é a idéia maluca deles, né? Sempre falam que isso aí é mostrar o ... que eles estão por cima, que eles estão com toda coragem e cada uma dessa pichação ninguém pode atropelar. Então eu acho que é um desafio de grupo com grupo. Já pra mim é coisa de marginal, né?

**R:** Tá. Última pergunta *Cromos*: como seria a escola dos seus sonhos?

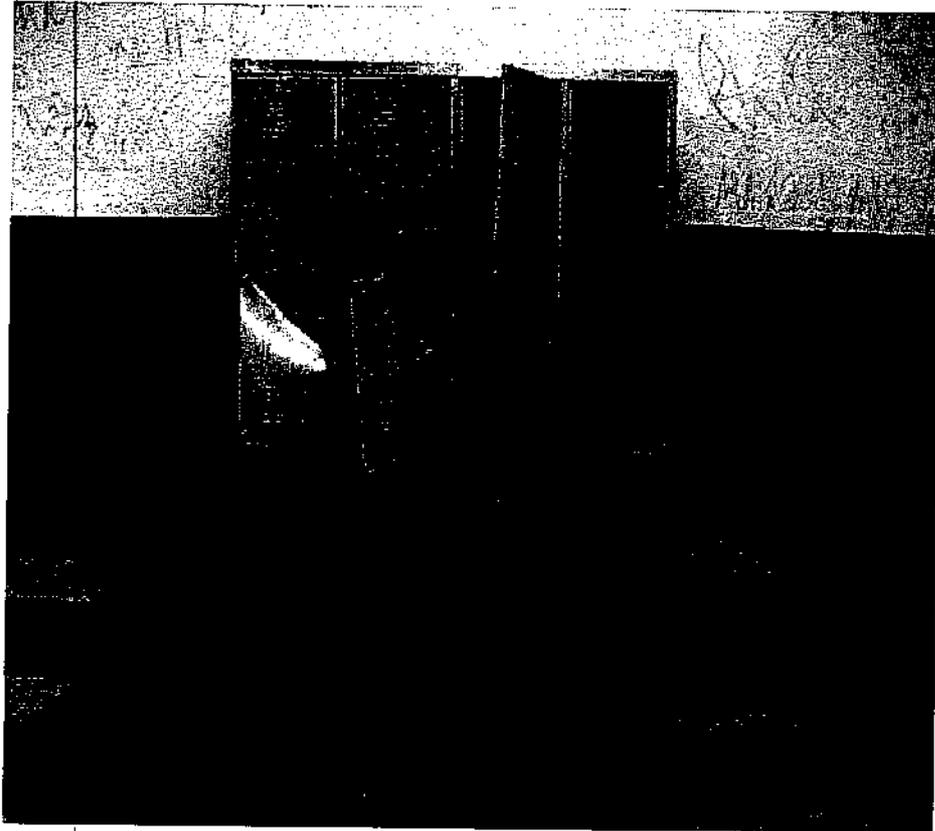
**Cromos:** Ah, eu acho que seria uma escola mais tranqüila, uma escola mais, assim, que buscasse mais para aquelas pessoas que são de famílias mais decentes, educadas, né? Acho que seria muito bom se tivesse todo mundo educadinho, aqueles que respeitassem, não agredissem com palavrões. Acho que seria muito bonito. Pra minha cabeça seria o paraíso! (Risos)

R: Hum, tá jóia.

**Cromos:** Porque é difícil.

R: Obrigada, viu!

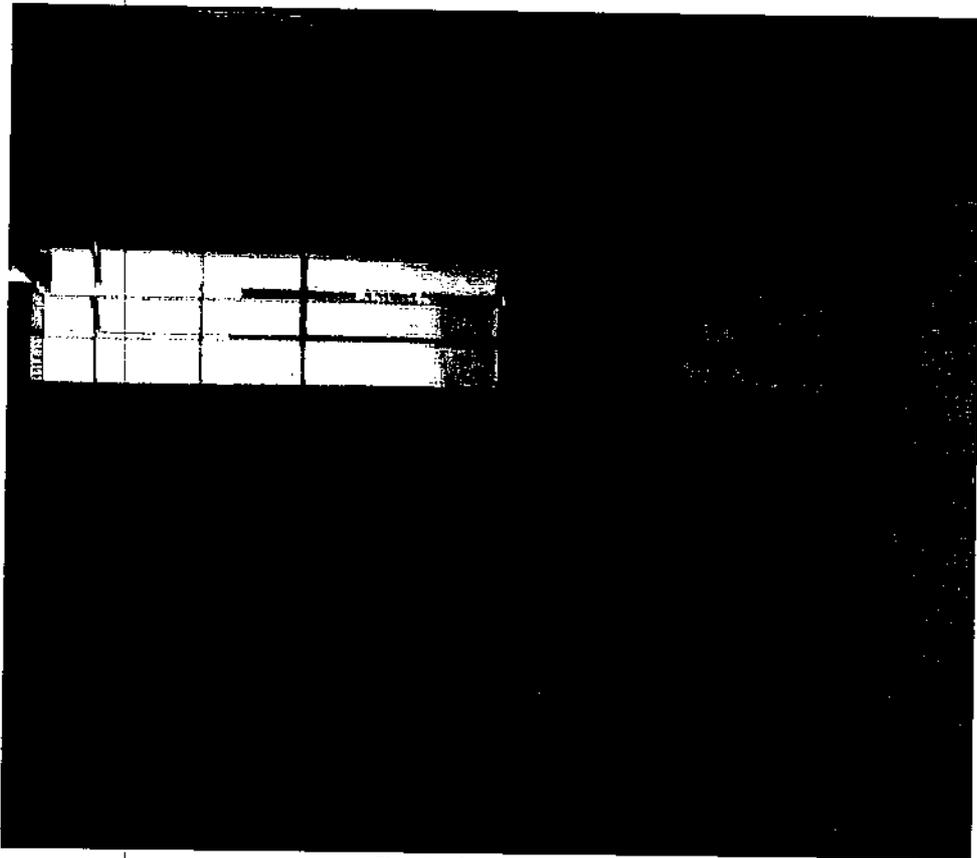
Fotos



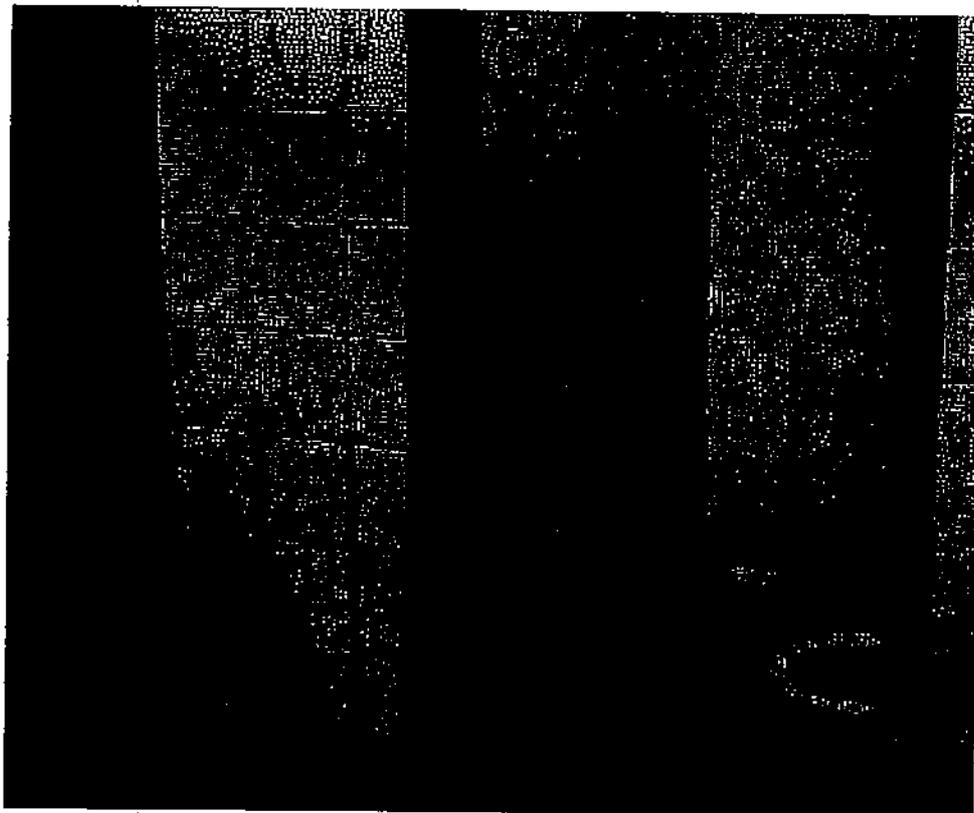
Armário de uma professora de 3ª série



Depósito de materiais quebrados diariamente



Banheiro masculino



Banheiro masculino sem a porta



Parede externa da escola



Parede de uma sala de aula

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100